A TENSÃO RACIAL ATINGE O EXÉRCITO NOS E. U. A. (PÁG. 3)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 29 DE SETEMBRO DE 1970 N.º 17 161 ANO 50.º PREÇO 1$50

1x2 totoBOLA

Já fez os seus palpites para o concurso desta semana?
Na pág. 17 pode encontrar uma ajuda...

Moscovo reafirma o apoio à causa árabe após a morte de Nasser

MOSCOVO, 29 — (R.) — O Kremlin prometeu hoje um continuado apoio a um acordo político no Médio Oriente e exortou os árabes a reforçar a sua unidade, prestando assim «o melhor tributo possível» ao falecido presidente do Egipto.

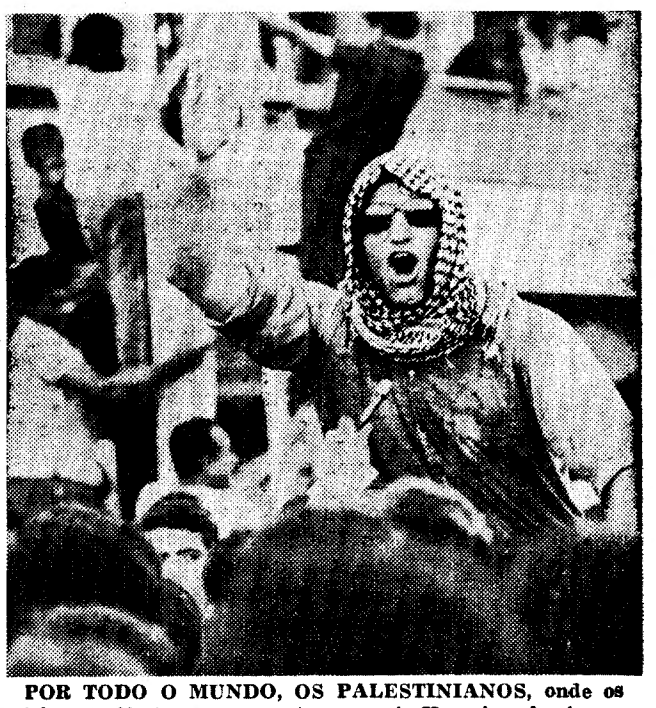
GAMAL ABDEL NASSER, numa recente visita ás linhas defensivas egípcias. Diversas vezes derrotado no campo das armas, conseguiu quase sempre a vitória pela diplomacia. A última vitória foi há dois dias: o aperto de mão entre Arafat e Hussein

Uma mensagem lida por Rádio Moscovo e dirigida aos chefes do Governo e ao povo do Egipto, afirmava que a União Soviética continuaria a sua política de relações com o Cairo em defesa da luta do povo árabe contra o «imperialismo».

A mensagem afirmava, também, que a União Soviética continuaria a apoiar o Movimento de Libertação Nacional Árabe.

A Agência Tass anunciou que o primeiro-ministro Alexei Kossyguine será o chefe da delegação soviética que assistirá, na quinta-feira, ao funeral de Nasser, Kossyguine irá acompanhado dos adjuntes do ministro da Defesa e do ministro dos Estrangeiros, respectivamente, Matvei Zakharov e Vladimir Vinogradov.

(Continua na 15.ª página)



POR TODO O MUNDO, OS PALESTINIANOS, onde os há, manifestaram-se contra o rei Hussein. Aqui um «feddayin» é levado aos ombros de manifestantes numa rua de Beirute

CARREIRAS DE «FERRY-BOATS» TRÓIA-SETÚBAL

A Junta Autónoma do Porto de Setubal foi autorizada a celebrar contrato, no montante de 4 340 797$40, para a execução da empreitada de construção de um posto de atracação para «ferry-boats» em Tróia, no referido porto.

O encargo resultante da execução do contrato referido não poderá exceder as seguintes quantias: 4 000 000$00 este ano e 340 797$40 no ano próximo.

HOJE 32 PAGS.—VISADO PELA CENSURA

NA QUINTA DO MARQUÊS DE ABRANTES

Habitações em vez de barracas

Um dos conjuntos de barracas da cidade onde as pessoas habitam nas mais penosas condições de infra-humanidade vai ser substituído por um moderno bairro de fogos de renda módica, graças ao prosseguimento da política em tempos anunciada pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa. O «Diário Municipal» anunciou ontem que o sr. eng.º Santos e Castro pro- (Continua na 6.ª pág.)

Aspecto geral do aglomerado urbano da Quinta do Marquês de Abrantes, comprada pelo Município por 11 200 contos, afim de ali instalar habitações decentes,

DE ONTEM PARA HOJE

AS MISSÕES DO EXÉRCITO

Ao discursar na cerimónia da reinstalação da sede da Região Militar de Coimbra,, o ministro da Defesa Nacional, general Sá Viana Rebelo, fez algumas considerações á nova «organização territorial do Exército metropolitano que deverá gradualmente adaptar-se melhor ás missões actuais: a defesa do ultramar, os compromissos militares internacionais e a segurança do País».

Começando por aludir ás razões que levaram o Governo a reinstalar em Coimbra a Região Militar, o ministro da Defesa referiu-se, depois, em traços largos, ás missões actuais do exército metropolitano e afirmou: «Pode pensar-se que não temos gente para tanto nas nossas Forças Armadas. Mas não é assim, porquanto os trabalhos de Estado Maior até agora realizados não manifestam deficiências a tal respeito». Continuou: «Impõe-se até um esclarecimento. O Inimigo, através a orquestração que realiza nas emissoras, jornais e livros estrangeiros, sobre os desertores do Exército, aponta altos numeros que induzem em erro quem lhes dá crédito. Para ele, são maciças as deserções e, na sua opinião, quase nos arriscamos a ficar de um dia para outro sem Exército». Citando «estatísticas militares», o general Sá Viana Rebelo disse depois que «nos ultimos quatro anos os desertores regulam entre 4 a 5 por mil, parte dos quais africanos». A respeito das baixas no ultramar afirmou que «as estatísticas nos mostram que nos ultimos quatro anos o numero de mortos não excedeu 5 por mil e o de feridos com diminuição física 19 por mil».

O ministro da Defesa terminou o seu discurso com uma evocação ao «sr. Presidente da Republica, Chefe Supremo das Forças Armadas».

ACIDENTES DE VIAÇÃO

Os acidentes continuam, diáriamente, tanto nas estradas como nas avenidas e ruas das cidades e vilas. Para hoje, registam-se mais dois exemplos: um, na Alameda das Linhas de Torres, ocorreu ontem á noite, quando dois carros ligeiros chocaram de frente, do que resultaram ficarem feridas três pessoas, duas das quais foram internadas em estado grave, no Hospital de Santa Maria; o outro, deu-se perto de Santo Tirso, quando uma camioneta de carga colheu o menor Carlos Manuel Andrade Arantes, de 3 anos, que teve morte imediata.

PEDRAS NA ESTRADA

Pedras espalhadas na E. N. n.º 17, á entrada de Celorico da Beira, provocaram um acidente de que resultaram cinco feridos e a destruição de um táxi que se despistou e deu várias voltas, acabando por se incendiar. Os seus ocupantes conseguiram sair a tempo do veículo e os passageiros, depois de tratados, continuaram viagem (para França) noutro carro.

INCÊNDIO

Alguns milhares de contos de prejuízo é o balanço de um incêndio que se seguiu a uma explosão numa fábrica de bordados, em Valadares. Ao que parece, o incêndio foi provocado por uma faísca de esmeril que inflamou uma lata de gasolina. Para o apagar, deitaram-lhe água, originando uma explosão que veio favorecer o alargamento do incêndio á secção de produtos químicos e, daí, a uma secção de fiação onde destruiu dez teares, além das instalações.

DIRECTOR DA INFORMAÇÃO

O dr. Moreira Baptista conferiu ontem posse, num dos salões do Palácio Foz, ao novo director dos Serviços de Informação da Direcção-Geral da Informação, dr. Pedro Feytor Pinto. Usando da palavra, o empossado começou por agradecer a presença do secretário de Estado da Informação e Turismo, presença que considerou «um estímulo para todos os funcionários dos serviços que passa a dirigir». E, após breves considerações, afirmou que «é necessária uma colaboração sem mancha num ideal comum que é — repetiu — o da defesa da verdade».

«DESVIO» DE 300 CONTOS

Foi detido por ter «desviado» 300 contos um funcionário do Grémio da Lavoura da Anadia e da Cooperativa Agrícola da mesma vila. Trata-se do sr. Carlos Leitão Henriques que desempenhava as funções de caixa naqueles organismos.

MINISTRO DIAS ROSAS

Vindo de Copenhague, chegou ontem a Lisboa o ministro das Finanças e Economia, dr. Dias Rosas, que chefiou a delegação portuguesa presente nos trabalhos da assembleia geral conjunta do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional.

A FIDELIDADE DA L. P.

O ministro do Interior, acompanhado pela nova Junta Central da Legião Portuguesa, nomeadamente o seu presidente, almirante Henrique Tenreiro, esteve no Gabinete do Presidente do Conselho a apresentar cumprimentos. Aquele membro do Governo referiu-se á actividade da L. P. e á sua continuidade na defesa dos princípios enunciados pelo sr. prof. Marcello Caetano, afirmando ser incondicional o apoio á sua acção e orientação política nos destinos do País. O Presidente do Conselho dirigiu palavras de muito apreço e confiança na acção futura da Legião.

A isenção de contribuição predial aos seminários

Conclusão de um parecer da Procuradoria-Geral da República:

«*De harmonia com o artigo VIII da Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa de 7 de Maio de 1940, apenas beneficiam de isenção de contribuição predial os prédios dos seminários directamente afectos á formação do clero.*»

O Seminário Menor de S. José, entidade canònicamente erecta e com personalidade jurídica no foro civil, conforme participação feita ao Governo Civil do Distrito da Guarda, requereu, ao abrigo da Concordata e do artigo 34.º do Código da Contribuição Predial, que lhe fosse concedida isenção de contribuição predial, a título definitivo, com referência aos bens que possui no concelho de Fornos de Algodres, visto que todos os seus rendimentos são directa e imediatamente aplicados na formação do clero.

TAP

COMUNICADO

A TAP comunica que, a partir de agora e motivado pelas obras que se estão a efectuar para a remodelação das suas instalações na Praça Marquês de Pombal, a entrada para o Escritório de Vendas passa a fazer-se pela

R. BRAAMCAMP, N.º 2

TAP TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

UMA NOTA OFICIOSA SOBRE AS COMEMORAÇÕES DO CINCO DE OUTUBRO

Do Ministério do Interior recebemos a seguinte nota:

A experiência mostra que indivíduos conhecidos pela sua frequente intervenção em acções ilegais e clandestinas aproveitam as datas históricas de 5 de Outubro e 31 de Janeiro para fazerem sessões de propaganda de carácter subversivo.

Essa porpaganda não pode ser consentida e ainda menos quando se desenvolve sob os temas da chamada «guerra colonial», procurando comprometer caluniosamente a autoridade do Governo, o prestígio do Exército e a luta contra o terrorismo, inimigo da Pátria nas províncias ultramarinas.

Nestas condições, e porque esta não é, seguramente, uma condigna comemoração daquelas datas foram instruídos os srs. governadores civis no sentido de autorizarem as romagens habituais e as sessões realizadas sob a responsabilidade de associações e personalidades que ofereçam garantias de assegurar o respeito pela Constituição e pela lei, não autorizando as que sejam requeridas por aquelas que se acham comprometidas em movimentos que se manifestaram abertamente pelo abandono do Ultramar.

O 5 de Outubro no Porto

PORTO, 29 — À semelhança dos anos transactos, a data do 5 de Outubro, proclamação da República, será celebrada no Porto com uma romagem ao cemitério do Prado do Repouso, onde serão colocados ramos de flores, junto do monumento dos Precursores do regime.

Em Braga

BRAGA, 29 — Os republicanos do distrito de Braga levam a efeito, no próximo dia 4 de Outubro, pelas 10 e 30, a exemplo de anos anteriores, uma romagem ao Cemitério de Monte d'Arcos, em Braga, convidando todos os cidadãos a associarem-se á homenagem de saudade dos republicanos de hoje aos do passado.

No mesmo dia decorrerá, pelas 20 horas, num restaurante da cidade de Guimarães, um jantar de confraternização.

As inscrições estão abertas até ao dia 2 de Outubro, nos seguintes locais.

Em Braga: «Café Viana» — balcão; Rua Frederico Ulrich, n.º 38, e Praça do Município, n.º 74, 1.º.

Em Guimarães: Livraria Raul Brandão» — Rua de St.º António; «Casa Mirene» — Largo Navarros de Andrade; Eduardo Ribeiro — Avenida Afonso Henriques, 276.

SEMINÁRIO SOBRE FORMAÇÃO PROFISSIONAL TURÍSTICA E HOTELEIRA

INTEGRANDO um plano geral de formação, o Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira organiza um Seminário sobre métodos de formação nas Escolas de Hotelaria e Turismo, nos próximos dias 30 de Setembro e 1 de Outubro, que terá lugar no Palácio Foz. O programa é o seguinte: *quarta-feira*, dia 30 ás 10 horas: programas e métodos de ensino utilizados nas Escolas de Hotelaria e Turismo, Joaquim Manuel Bentes Aboim, Director da Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve. Debate sobre o tema exposto; ás 16 horas: programas dos Cursos nas Escolas de Hotelaria e Turismo. Disciplinas e respectiva distribuição dos tempos lectivos. Dr. Alexandre Santos d'Almeida, Director da Escola de Hotelaria e Turismo «Alexandre d'Almeida» de Lisboa. Debate sobre o tema exposto; *quinta-feira*, dia 1 ás 10 horas: problema dos estagiários hoteleiros e sua integração na profissão. Luís Garcia Contente, Director da Escola de Hotelaria e Turismo do Porto. Debate sobre o tema exposto; ás 16 horas: programas e métodos de ensino dos Cursos Itinerantes de Hotelaria, Feliciano José Lourinho Barroso, Técnico das Brigadas Itinerantes de Hotelaria. Debate sobre o tema exposto; às 18 horas: leitura das conclusões e encerramento com a presença de Sua Excelência o Secretário de Estado da Informação e Turismo.

O Seminário é dirigido aos responsáveis pela formação profissional e aos industriais do sector turístico e hoteleiro, sendo a entrada livre. Todas as informações serão prestadas pelos telefones 562261/2/3, ou na sede do Centro, Rua Duque de Palmela, n.º 2-2.º Lisboa.

Novo crédito para as tropas no Ultramar

Foi aberto no Ministério das Finanças um crédito no montante de 47 85 000$00, devendo a mesma importância ser adicionada à berba inscrita no artigo 342.º «Forças militares extraordinárias no Ultramar», capítulo 14.º, do vigente orçamento de Encargos Gerais da Nação.

Para compensação do referido crédito é adicionada igual quantia à verba inscrita no capítulo 9.º, artigo 290.º «Produto da venda de títulos ou de empréstimos», do actual orçamento das receitas do Estado.

FAZ 82 ANOS UMA SOCIEDADE DE PAIO PIRES

A Sociedade Musical 5 de Outubro, de Paio Pires, festeja o seu 82.º aniversário com diversas realizações que se iniciam no dia 4, ás 16 horas, durante uma sessão solene.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

A TENSÃO RACIAL ATINGE O EXÉRCITO DOS E. U. A.

FORT BRAGG (Carolina do Norte) — Desde que o presidente Truman integrou as forças armadas, em 1948, os militares negros e brancos têm-se orgulhado da sua capacidade de coexistência amigável. O Exército tem insistido, com certa justificação, em que oferece aos negros (os quais constituem 21 % dos seus contingentes) maiores oportunidades que a vida civil.

Por MARTIN GOTTLIEB

(Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»)

Mas á medida que a tensão racial vai subindo no país, vai afectando gradualmente a estrutura militar. No ano passado, houve dois incidentes muito significativos.

Em Camp Lejeune, uma enorme base da Marinha, situada perto da costa da Carolina do Norte, foi morto um «marine» e 42 negros e hispano-americanos foram presos, em consequência de um tumulto que se verificou num clube militar. As versões do incidente diferem, mas todas são unânimes num ponto: se o conflito não teve uma origem racial, depressa assumiu esse carácter.

Ainda o caso de Lejeune não estava inteiramente esquecido, logo estalou o maior conflito racial de todos os tempos em Fort Bragg, o maior campo militar da América (47 000 homens). Num clube de negros alistados, a Polícia Militar entrou em conflito com a gerência, depois de uma discussão com um soldado negro e um dos raros brancos ali presentes. Tal como em Lejeune, foi uma mulher o pomo de discórdia. Também aqui diferem as versões. Oficialmente, o incidente não foi um confronto racial, mas uma briga entre a Polícia Militar e soldados embriagados.

O distúrbio mereceu honras de grandes títulos na Imprensa norte-americana e desanimou totalmente os comandos militares. Daí em diante, os comandantes, dominados pelos nervos, passaram a dirigir-se aos soldados, falando das questões raciais e exortando á serenidade.

Muitos negros vêem a influência do presidente Nixon nas preocupações que o Exército manifesta presentemente acerca dos problemas raciais.

— Os generais só se preocupam porque não se querem ver apertados por Nixon. Se não houver mais tumultos, já ficam satisfeitos — disse um deles.

Sejam quais forem as razões dessa preocupação, o que é certo é que os comandos militares não deixam de estudar o problema. O secretário do Exército, Stanley Resor, tem incitado os oficiais superiores a tomarem em grande consideração os problemas dos soldados negros.

— O soldado negro de hoje é diferente do que era há 10 anos — disse recentemente Resor, num discurso. Antigamente, ele respondia a actos de discriminação racial com o trabalho e a perseverança. Hoje é mais provável que manifeste o seu ressentimento.

O Exército adoptou algumas medidas específicas para facilitar os problemas raciais. Por exemplo:

— liberalizou técnicamente os regulamentos acerca do corte de cabelo (para ambas as raças). Mas uma ordem de serviço recente sobre corte de cabelo, em Fort Bragg, determinou que os «africanos terão que ter o cabelo curto ou de tamanho médio e o seu cabelo não poderá impedir o uso do boné». Muitos negros entendem que esta ordem de serviço anula a autorização dos cortes de cabelo africanos;

— tem havido mais nomeações de majores e coronéis negros para os serviços de inspecção geral;

— a partir de Abril deste ano, têm-se estabelecido programas para todas as unidades que incluem várias horas de instrução sobre relações inter-raciais;

— os jornais militares oficiais têm reservado mais espaço ás questões de raça e ás questões individuais de soldados negros. No entanto, o valor dalguns destes esforços é questionável. Um jornal de Fort Bragg, por exemplo, publicava um artigo com este título: «Preconceito: inofensivo se não levar ao ódio»;

— o passo mais importante talvez tenha sido o de promover uma série de seminários sobre questões raciais programada por todas as bases da América (algumas unidades ultramarinas seguiram esse exemplo).

Segundo um dos oficiais que organizaram seminários em Fort Bragg, ficou demonstrado que os negros «querem identificar-se com um novo sentimento de orgulho negro», que muitos encaram o Vietnam como «uma guerra de brancos na qual morrem e lutam, sobretudo, os negros», que o corte de cabelo e as cauções espirituais são muito importantes para muitos jovens negros; que os negros insistem em que é muito raro que um negro consiga uma especialização no exército; que as promoções são muito mais raras entre os negros que entre os brancos; que os negros sentem que os actuais processos de apresentação de queixas são inadequados e que só «um pequeno numero de militantes poderia não ser abrangido por uma acção».

O ponto que mais discussão provoca nos seminários é a maneira como se processa a vida no Exército e, dentro desse tema geral, o que mais se discute é a distribuição de tarefas. Os negros queixaram-se repetidamente de que os trabalhos mais pesados e maçadores lhes estão reservados a eles.

— Quantas vezes pensa que nos dão um trabalho agradável? — perguntou um deles.

Mas, para muitos negros, a qualidade do trabalho não é o mais importante.

— O que mais interessa é o tratamento — diz um deles, que conta o caso de um sargento que organizou uma subscrição para comprar flores por ocasião da morte de uma pessoa de família de um soldado branco. Depois disso, morreram pessoas de família de soldados negros e o sargento nem pestanejou.

Os negros duvidam também — e muito — da equidade da justiça militar.

— Porque é que quando um de nós vai para o forte, só lá encontra rostos negros? — perguntou um deles.

Muitos negros queixam-se (e muitos brancos confirmam) de que os negros estão mais sujeitos a irem para o forte devido a faltas menores, (como condução em estado de embriaguez) e logo ás primeiras.

O tema da segregação depois das horas de serviço vem á baila em todos os seminários. Há uma concordância quase unânime em reconhecer que a segregação é sancionada pelo Exército, nos clubes de soldados alistados.

Já a mesma unanimidade não se encontra nas soluções propostas.

— Temos que nos lembrar das diferenças culturais que há entre negros e brancos — afirmou um sargento negro.

Outro negro acrescentou que a vida fica muito facilitada se as pessoas souberem em que locais hão-de encontrar raparigas da «devida cor».

No fim de quase todos os seminários há uma pergunta que vem sempre á tona de água: «E agora, que vai acontecer?».

Na sua maioria, os participantes entendem que os seminários são uma boa ideia, em si mesmos, mas muitos duvidam dos seus resultados práticos.

Contudo, há boas razões para supor que os seminários e outros programas surtiram algum efeito, se não o de reduzirem a tensão, ao menos o de evitarem a violência. Os incidentes de violência inter-racial têm sido bastante menos graves e numerosos ultimamente, nos campos militares.

Contudo, nada justifica o optimismo. Fort Bragg por exemplo, continua em estado de «guerra fria». Um negro queixou-se recentemente de que os soldados brancos reunidos em grupo param de falar, á aproximação de um negro, o que sugere que essas conversas são, muitas vezes, acerca do problema racial.

Embora a violência não chegue na maioria das vezes a vir á superfície (possivelmente porque, devido a um acordo tácito entre comandantes e militares de ambas as raças, os negros têm instalações próprias) está sempre latente. Muitos negros trazem sempre uma navalha com eles.

As investigações oficiais promovidas pelo próprio exército mostraram que havia grandes motivos de preocupação. Depois de inspeccionar vários campos, o tenente-coronel James White (de raça negra) declarou, em relatório endereçado ao Pentágono: «tudo indica um aumento de tensões raciais, o que é mais pronunciado naquelas unidades, cujas tropas não estão em contacto diário com um exército inimigo. A não ser que se adoptem medidas imediatas para discernir quais os problemas concretos das várias unidades, a todos os níveis, é de esperar um agravamento da tensão racial».

TELEVISORES

Desde 98$80 Mensais, oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS

Desde 98$80 Mensais, oferta da Dispensa JOVICA

ESQUENTADORES

Desde 98$80 Mensais, com montagem incluída

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

Oferta de 24 pacotes SKIP

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA

Oferta de 16 embalagens SUN

SEM ENTRADA | FIADOR

JOVICA

LISBOA Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telef. 47769
Largo de D. Estefânia, 12-D — Telef. 534536
CACÉM CASCAIS — SINTRA — VENDA NOVA

NOTA do dia

A MÁQUINA POLÍTICA

NO DISCURSO DE DOMINGO, proferido pelo prof. Marcello Caetano, talvez seja difícil, poderá correr-se o risco de não ser correcto na interpretação, mas parece necessário, para disciplina de entendimento, procurar e separar, para um lado, os pontos em que falou o Chefe do Governo e, para outro lado, os que mais parecem de atribuir ao «leader» da organização política instituída para promover o contacto com o País e solicitar o seu apoio. Talvez seja difícil essa distinção, dissemos e repetimos, mas tornar-se-ia demasiado ligeira uma simples apreciação de conjunto. Queremos dizer que entendemos ter falado o chefe político quando traçou as linhas gerais da metodologia. O Chefe do Governo ocupou-se da acção empreendida através do método.

Talvez preferíssemos considerar imediatamente o resumo e a justificação da acção, em que, aliás, até mesmo sem pôr de parte o que possa levar-se à conta do seu activo, mais haveria que dizer. Mas o momento era de balanço político e aí se situa, efectivamente, não sabemos se bem se mal, a atenção da maior parte das pessoas. O certo é que, nalguns pontos, mal se poderá destrinçar como se pretende, porque os desígnios e as realidades se entrelaçam, mas é nas palavras introdutórias da sua alocução que poderá encontrar-se a linha do pensamento político que o prof. Marcello Caetano procura pôr de pé e a andar. Essas palavras, aliás, devem ser analisadas em junção com as que, antes delas, pronunciou o dr. Cotta Dias, que é o presidente da comissão executiva da A. N. P.

Em que moldes funciona a nova organização política sucessora da antiga «União Nacional»? Registou-se que foi a eleição o sistema de designação dos novos dirigentes empossados, sublinhou-se que o princípio eleitoral praticado assegura a representatividade, acentuou-se que a organização é composta por homens de opiniões variadas que pretendem constituir um organismo aberto. A tudo isto deu o prof. Marcello Caetano a sua expressa e «plena aprovação», apontando para além disso como seu desejo o caminho da formação de «centros e agremiações próprias que os estatutos admitem, de preferência à dispersão de esforços que enfraquecem as possibilidades de uma acção intensa, extensa e profunda como desejamos».

Temos assim presente que o método eleitoral é reconhecido como bom para funcionar dentro da «Acção Nacional Popular», a cujos associados além disso se reconhece e até se recomenda a possibilidade de constituírem centros ou núcleos de discussão para informação política e como canal capaz de funcionar nos dois sentidos, da base para o vértice e do vértice para a base. Certo. O País, se se quiser ver nele existir uma certa consciência colectiva, se se quiser activar-lhe a respiração política que a todos nos liberte duma espécie de encolher de ombros como se não nos dissessem respeito as coisas que são verdadeiramente nossas, carece de ser informado e esclarecido «acerca dos problemas nacionais, explicando os dados com que eles se apresentam, as soluções que admitem e as razões por que se deve optar por uma e não por outras».

Levamos isto à conta de um serviço prestado ao que nos parece a necessidade de tirar as pessoas dessa espécie de apatia em que se deixaram mergulhar. Como é possível fazer-se alguma coisa, que requeira a adesão ou pelo menos a atenção do País, se permanecer o País indiferente ao que se passa, indiferente ao que lhe diz respeito, indiferente a tudo ou quase tudo, mergulhado numa espécie de torpor de que só desperta para problemas de salários? Perguntamos como é possível fazer-se alguma coisa que requeira uma adesão. E se for preciso ir mais longe e fazer alguma coisa que requeira um sacrifício? Só o País consciente, amadurecido na compreensão dos seus deveres (como dos seus direitos) pode responder satisfatòriamente. Para isso, porém, é preciso exercitá-lo na respiração cívica.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

A ternura. A aventura. A mentira. O amor. O medo. O cinema. JEAN-LUC GODARD.

FILMES CASTELLO LOPES (50) apresenta

O ACOSSADO

(A BOUT DE SOUFFLE)

JEAN-PAUL BELMONDO
JEAN SEBERG

Argumento original de **FRANÇOIS TRUFFAUT**

Conselheiro técnico **CLAUDE CHABROL**

Fotografia de **RAOUL COUTARD**

Maiores de 17 anos

AMANHÃ, ESTREIA

IMPERIO

NO ESTORIL
O
CINEMA PALÁCIO
SERÁ INAUGURADO COM O FILME

"A MINHA MONTANHA"
(My side of the mountain)

UM FILME MARAVILHOSO PARA TODAS AS IDADES

Teddy Eccles · Theodore Bikel · Gina Dick
Realização de JAMES B. CLARK – TECHNICOLOR – PANAVISION

A PARTIR DE HOJE E TODOS OS DIAS ÀS 21.30 — TELF. 26 12 19
M/ 6 ANOS

«Matinée» gratuita com «A Relíquia»

Passa hoje o 84.º aniversário do nascimento da actriz Maria Matos a quem um grupo de personalidades em relevo na vida teatral, apoiado por artistas plásticos, escritores e homens de letras, decidiu homenagear, há pouco mais de ano e meio, escolhendo o seu nome para a nova sala de Lisboa, onde esta tarde se evocará a memória daquela que foi uma das maiores figuras da cena portuguesa.

Recordando a memória da actriz o empresário Igrejas Caeiro oferece esta tarde (ás 18 horas) no Maria Matos um espectáculo gratuito destinado ao público de menor capacidade económica, permitindo-lhe aplaudir a divertidíssima sátira de Eça de queiroz, «A Relíquia», na teatralização de Sttau Monteiro e Artur Ramos.

«A Relíquia» apresentar-se-á também à noite, no horário habitual das 21 e 45.

VASCO MORGADO apresenta

327493 TEATRO CAPITÓLIO

TODAS AS NOITES, ÀS 21.45 H.

QUASE HÁ

1 ANO

(Maiores de 17 anos)

MARIA LAURENT

é a escultural artista de «strip-tease» que põe e tira o vison na comédia

O VISON VOADOR

COM

RAUL SOLNADO

MARIA PAULA, FERNANDA BORSATTI, YOLA, MARIA LAURENT, GEORGINA CORDEIRO, MARIA e ainda ARTUR SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO, DAVID SILVA e ROLANDO ALVES

«O VISON VOADOR» É O FIM DA GARGALHADA

NA
FEIRA POPULAR DE LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

É HOJE O PENÚLTIMO DIA DO SEU FUNCIONAMENTO

TUDO NO PARQUE DE ENTRECAMPOS ATRAI O PÚBLICO DESDE O MAIS SIMPLES DIVERTIMENTO AQUELE QUE OFERECE AS MAIORES E MAIS AGRADÁVEIS SENSAÇÕES

— **DE TUDO PARA COMER E PARA BEBER**
— **EXPOSIÇÕES ABERTAS AO PÚBLICO EM MAJESTOSOS PAVILHÕES E LINDOS «STANDS»**
— **TODAS AS ATRACÇÕES EM MOVIMENTO CONSTANTE**

ABERTURA AS 19 HORAS — ENTRADA 2 ESCUDOS

PASTELARIA
PRIMAVERA
SNACK BAR

CAMPO DOS MARTIRES DA PATRIA, 114-116

A Gerência da Primavera, tem o prazer de anunciar aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, a reabertura do seu estabelecimento, no próximo dia 30.

ADULTOS

TEATRO ABC
Tel 366745

HOJE: 2 SESSÕES: Às 20 e 45 e 23 h.

A FABULOSA SUPER-REVISTA

ALTO LÁ COM ELAS!

O MELHOR ESPECTÁCULO DO ANO
produção de JOSÉ MIGUEL

Com os popularíssimos actores
CAMILO e IVONE

a plástica sensacional de
IO APOLONI

a voz de ouro de
TONY DE MATOS

LINDA SILVA

ORLANDO FERNANDES ● VITOR ESPADINHA (no «compère»)

30 MULHERES FASCINANTES!

A RELÍQUIA
de **EÇA DE QUEIROZ**

AR REFRIGERADO

TODAS AS NOITES ÀS 21.45 H.

Sábados e domingos também às 16 horas

8.º MÊS

34.ª SEMANA

da divertidíssima sátira

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos

(Maiores de 17 anos)
Produção de **Igrejas Caeiro**

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se na tabacaria «A NELITA»—Praça dos Cavos Novos, 2, loja C.

AGUARDENTE VELHA
Nicepoort
a prova está na prova

E LEIA
veja

Semanário brasileiro recebido por via aérea
Acaba de sair
mais um numero sensacional
Principais artigos:

«PARA ONDE VAI O CHILE»
e «OS PIRATAS DO DESERTO»

além das secções habituais de Ciência, Cinema, Desporto, Economia, Humor, Política Internacional, etc.

Preço: 25$00
Distribuição exclusiva:
LIVRARIA BERTRAND

ÓPERA NO PORTO (QUATRO ESPECTÁCULOS) EM OUTUBRO

PORTO, 29 — Quatro espectáculos de ópera vão subir á cena nesta cidade, no próximo mês de Outubro, integrados na Temporada Popular de Opera da F. N. A. T. — 1970, que tem a colaboração do Teatro Nacional de S. Carlos e da Camara Municipal do Porto

Os espectáculos — alguns êxitos da Companhia Lírica Nacional — estão fixados para os dias 1, 8, 15 e 26 daquele mês e são: «Madame Butterfly», de Puccini, protagonizada por Ana Lagoa; «Carmen», de Bizet, com a artista portuense Isabel Mallaguerra; «Fausto», de Gounod, que tem como intérpretes principais Zuleica Saque, Carlos Jorge, Alvaro Malta, Hugo Casais e Helena Claudio; e «Cavalleria Rusticana», de Mascagni, com o soprano Maria Teresa. Este ultimo espectáculo será completado com «Rita», de Donizetti.

A Orquestra Sinfónica do Porto, que colaborará nas quatro representações, é regida pelos maestros Silva Pereira, Manuel Ivo Cruz e Alvaro Cassuto. Actuará também o coro do Teatro Nacional de S. Carlos preparado pelos maestros Carlos Pasquali e Mário Pellegrini.

Os bilhetes, a preços populares, poderão ser já requisitados na bilheteira do Coliseu do Porto ou na sede da F. N. A. T., á Praça da Batalha.

INAUGURADO NO ESTORIL O CINEMA PALÁCIO

No Estoril foi inaugurado ontem, numa cerimónia que teve a presença do Chefe do Estado, e do Secretário de Estado de Informação e Turismo o Cinema Palácio, que pertence ao sr. Augusto Vilar e fica localizado no lado Norte das Arcadas.

O novo cinema, que foi decorado pelo arquitecto Alberto Cruz, dispõe de carca de 500 lugares e está equipado com «écran» para filmes de 70 mm. Primeira película exi no Cinema Palácio: «A minha montanha» realizada por James Clark.

Em ALCOBAÇA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Conde, R. Vasco da Gama, 12.

COLISEU
HOJE, AS 21.30
(Maiores de 6 anos)
COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO
As maiores atracções
PALHAÇOS
QUINTA-FEIRA
À TARDE, entrada gratuita às crianças dos 6 aos 10 anos
À NOITE, às 21.30
(M. de 6 anos)

Limpeza e Restauro de Carpetes
Consulte os serviços especializados da **FABRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO.** Pedidos aos escritórios: Rua Conde Redondo, 64, 2.º, Dir — Telef 59288.
Orçamentos grátis

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

OS PROFISSIONAIS DE SEGUROS DISCUTIRAM O PROJECTO DO NOVO CONTRATO DE TRABALHO

Cerca de três mil profissionais de seguros estiveram presentes numa reunião, realizada no pavilhão coberto do Clube Atlético de Campo de Ourique, para discutir a proposta do novo contrato colectivo de trabalho que vai ser enviada ao Grémio das Companhias Seguradoras.

Dirigiu os trabalos o sr. Joaquim Domingues, presidente da assembleia geral do Sindicato dos Profissionais de Seguros do Distrito de Lisboa, que expôs os objectivos da reunião. Por sua vez, o presidente da direcção do Sindicato acentuou que os dirigentes não quiseram denunciar o contrato vigente sem que a classe pudesse manifestar-se em assembleia geral.

Seguiu-se uma discussão animada, mas vários oradores perderam-se em considerações pessoais, ao abordar vários pontos do projecto.

Realizaram-se, também, reuniões idênticas no Porto, Évora e Ponta Delgada, as quais registaram grande número de presenças.

A proposta do novo contrato colectivo de trabalho deverá ser presente ao Grémio das Companhias Seguradoras até ao dia 1 de Outubro.

ESCOLA SUPERIOR DE MEDICINA VETERINÁRIA

O sr. dr. José António Carmona de Abreu Lopes foi nomeado, por convite e por dois anos, professor catedrático do 2.º grupo da Escola Superior de Medicina Veterinária da Universidade Técnica de Lisboa.

A visita ao Douro do embaixador inglês

PORTO, 29 — Está entre nós o embaixador da Grã-Bretanha no nosso País, em visita, como anunciámos, á região do Douro.

Aquele diplomata esteve, esta manhã, no Governo Civil a apresentar cumprimentos ao chefe do distrito.

Necrologia

FALECIMENTOS

Dr. Jayme de Almeida Ribeiro

Faleceu, no passado dia 24, em Lisboa, o dr. Jayme Duarte Silva de Almeida Ribeiro, juiz-conselheiho do Supremo Tribunal de Justiça aposentado, não tendo sido feita qualquer participação por determinação do extinto.

Natural de Braga onde nasceu em 1891, o dr. Jayme de Almeida Ribeiro licenciou-se em 1912 pela Faculdade de Direito de Coimbra e iniciou a sua vida publica como administrador do concelho de Caldas da Rainha, ingressando, pouco depois, na magistratura. Foi delegado do Procurador da Republica em Resende e juiz em Odemira, Beja, Barcelos e Lisboa. Na sua longa carreira, participou em inumeros processos, entre os quais dois que fazem já parte da história judicial portuguesa: o do Angola e Metrópole e o da repetição do julgamento do crime de Serrazes, efectuado em Coimbra por um tribunal especial, sendo o dr. Almeida Ribeiro delegado do Ministério Público.

O extinto era casado com a sr.ª D. Judite Santos Silva de Almeida Ribeiro e pai da sr.ª D. Maria Helena de Almeida Ribeiro de Santos e Castro, casada com o eng.º Santos e Castro, presidente da Câmara Municipal de Lisboa e do dr. José Santos de Almeida Ribeiro casado com a sr.ª D. Maria Isabel Neves Lima de Almeida Ribeiro.

O funeral realizou-se para jazigo de família em Odemira. Depois de amanhã, ás 12 e 30, será rezada missa de sétimo dia na igreja de S. Sebastião da Pedreira.

FUNERAIS

Luís França

Da igreja de São João de Deus, para o cemitério do Alto de São João, realizou-se, hoje, o funeral do sr. Luís França, de 79 anos, natural de Coimbra, residente que foi na Rua Francisco Sanches, 23, 2.º, esq. Trabalhou durante cerca de vinte anos nas oficinas do nosso prezado colega «O Século», como carpinteiro.

Era pai das sras. D. Deolinda França e D. Amélia França e dos srs. Vitorino França, Carlos França e Joaquim França, e sogro das sr.as D. Regina de Jesus Almeida França, D. Fernanda da Silva França e D. Maria de da Silva França.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av Almirante Reis
Telefones 534167 P.P.C.A. (4 linhas) 43189/662772/288022

A AQUISIÇÃO DA QUINTA DO MARQUÊS DE ABRANTES

(Continuação da 1.ª página)

cederá amanhã, ás 10 e 15, nos Paços do Concelho, á outorga da escritura de compra da Quinta do Marquês de Abrantes. O Município irá promover ali a construção de um bairro de casas de renda económica.

Trata-se dos terrenos onde vivem centenas de famílias em barracas de madeira e lata, por detrás da fachada do antigo palácio sito na zona, onde, ainda em meados do século passado, a nobreza e a burguesia lisboeta iam passar o Verão ou fugiam da cidade quando nesta se declaravam epidemias.

Agora, nas traseiras do palácio existe o chamado «Bairro Chinês», ou grande bairro de Marvila, sem esgotos, sem as mínimas condições de infra-estruturas, e na maior promiscuidade. O mesmo acontece dentro do palácio, transformado em cortiço, onde zumbem centenas de abelhas humanas, na mais promíscua existência.

A compra vai ser feita por 11 200 contos.

Deste modo, o presidente da edilidade vai pondo em prática o propósito publicamente enunciado no início do seu mandato, e que constituía já sua preocupação fundamental, quando ainda era apenas vereador: substituir as 13 000 barracas de Lisboa por habitações de renda módica, destinadas aos munícipes econòmicamente mais débeis.

Guarda da P. S. P. vítima de desastre com arma de fogo

BEJA, 29 — Hoje, de manhã, quando se encontrava na esquadra, foi vítima de acidente com a sua própria arma o guarda da P. S. P. desta cidade, sr. António dos Santos Monge, de 47 anos, casado, natural da Aldeia Nova de S. Pedro. Foi atingido com um projéctil na cabeça.

A vítima recolheu ao hospital em estado gravíssimo.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	500$
Consolidado 3%	509$	—	509$
Consolidado 3 1/2%	612$	—	612$
Centenários 4%	1.440$	—	1.440$
Obrigs. Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª Série	575$	575$	580$
Externo 2.ª Série	—	—	700$
Externo 3.ª Série	—	710$	—
Externo 3.ª Série	—	—	815$
Cautelas 3 Série	—	142$	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	490$	—
A. P. T. 5% 56	—	900$	—
A. P. T. 5% 58	—	900$	—
C. P. 4 1/2% 65	—	855$	870$
C. P. 5 1/2% 67	—	960$	—
C. U. P. 6%	930$	—	—
C. U. F. 6% 68	920$	920$	930$
Gás Elect. 4% 48	—	830$	—
Gás Elect. 4 1/2% 51	—	835$	—
Gás Elect. 5% 52	—	—	—
Gás Elect. 5% 58	—	785$	—
Gás Elect. 5% 59	—	780$	—
Gás Elect. 5% 62	—	943$	—
Gás Elect. 5% 63	—	—	—
Gás Elect. 5% 65	—	—	—
Gás Elect. 5% 67	—	945$	—
H. E. A. Alentejo 5%	—	750$	—
H. Cávado 5%	—	750$	—
H. E. Cávado 6%	—	750$	—
H. E. Douro 5%	755$	756$	—
H. E. Douro 6%	940$	940$	950$
H. E. Norte Port. 5%	—	860$	—
H. E. S. Estrela 6%	930$	—	940$
Lenave 6%	—	790$	—
H. E. Zêzere 5% 55	—	790$	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	—	940$
Metropolitano 4%	800$	—	—
Metropolitano 5 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	710$	—
Nac. Elect. 5%	—	750$	—
Nitratos 5%	—	—	770$
Nitratos 5% 60	—	—	770$
Petroquímica 5%	—	—	865$
Port. Celul. 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	920$	—
Sacor 5% 60	—	—	880$
Siderurgia 5% 2.ª	—	740$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	—	—	—
T. A. P. 4%	898$	898$	—
Termoelect. Port. 5%	—	—	—
J. E. P. 3 3/4%	—	84$	—
J. E. P. 4%	87$	85$	88$
J. E. P. 4 1/2%	—	90$	—
J. E. P. 5%	—	77$	—
J. E. P. 5% 60	—	—	780$
J. E. P. 5% 63	—	830$	—

Ultramarinos	Efec.	Compra	Venda
Buz	—	78$5	81$
Cabinda	214$	212$	215$
Diamantes Angola	2.470$	2.460$	2.480$
E. Revué	—	730$	750$
Ilh. do Príncipe	—	—	—
Moçambique	185$	184$	187$
Sonefe A.	430$	430$	435$
Sonefe B.	440$	440$	442$
Zambésia	—	77$5	79$
Diversos			
Cidla	6.630$	6.620$	—
Cim. Leiria	4.600$	4.500$	4.700$
Cim. Tejo	—	7.100$	—
Cal. Navegação	1.440$	1.400$	1.420$
C. U. F.	—	520$	—
Ina. Aliança	—	—	850$
Nac. Navegação	—	—	3.850$
Petroquímica	1.730$	1.720$	1.750$
Port. e Colónias	1.400$	1.400$	1.420$
Port. Celulose	4.040$	4.030$	4.100$
Port. Pesca	1.060$	1.050$	1.070$
Port. Tabacos	714$	714$	715$
Sacor	4.600$	4.590$	4.650$
Siderurgia Nac.	2.280$	2.275$	2.290$
Sorefame	3.240$	3.225$	3.250$
Tabacos de Portugal	—	—	1.780$
Tabaqueira	7.200$	7.200$	7.300$
U. F. Azoto	—	775$	800$
Agua Elect. e Gás			
Aguas Lisboa p.	—	390$	—
Aguas Lisboa 34	—	425$	—
Aguas Lisboa 36	—	395$	—
C. P. Electricidade	1.206$	1.205$	1.208$
C. P. Electricidade nom.	—	1.180$	1.189$
C. P. Electricidade 969	—	—	—
Elect. Beiras	—	1.730$	1.750$
Gás Elect.	425$5	425$	425$5
H. E. Alto Alentejo	188$	187$5	188$
H. E. Norte Portugal	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—
Nac. Electricidade	—	—	—
U. E. P.	187$	186$5	187$5
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. Atlântico	—	197$7	203$6
F. I. D. E. S.	—	122$	125$7

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel. 366066/7
Teleg.: ALMEIRO — Telex 1471, ALBAPI P

AÇÕES			
Bancos			
Agricultura	—	2.250$	2.260$
Alentejo	1.165$	1.161$	1.170$
Angola	—	3.580$	3.600$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	8.700$	8.700$	8.800$
E. Santo	20.700$	20.700$	20.800$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	—	20.600$
Fomento	—	2.550$	2.600$
L. G. Açores p.	—	6.700$	6.750$
L. G. Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	5.500$	5.490$	5.510$
Portugal n.	—	3.200$	3.300$
Portugal p.	—	—	4.400$
Totta Aliança	5.880$	5.860$	5.880$
Ultramarino n.	3.425$	3.415$	3.425$
Ultramarino p.	3.800$	3.800$	3.810$
Seguros			
Alentejo	160$	160$	161$
Douro	—	1.500$	—
Mundial	1.000$	995$	1.010$
Sagres	—	1.500$	1.850$
Tranquilidade	—	55.000$	65.000$
Ultramarino	—	25.000$	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	770$	775$
Ag. Cassequel	680$	678$	685$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	290$	300$
Boror	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	22/9/70	28/9/70	29/9/70
GERAL	149,5	149,2	149,6
METROPOL.	142,2	141,8	142,1
ULTRAM.	203,1	203,8	204,5

PAISES	COMPRAS	VENDAS
África do Sul — Rande	34$00	36$50
Alemanha — Marco	7$75	8$05
América:		
— Dólares, de 1 e 2	28$20	28$70
— Dólares de 5 a 1000	28$50	28$90
Argentino — Peso Novo	5$00	8$00
Áustria — Schilling	1$10	1$16
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	6$00
Canadá — Dólar	27$70	28$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,35	$04,65
Marrocos — Dirhan	4$80	5$40
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$60	6$82
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	295$00	315$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	35$00	37$00

J. BURNAY L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 231273

PALÁCIO DA JUSTIÇA

No átrio do Palácio da Justiça, onde amanhã se efectuará a sessão solene da sua inauguração, presidida pelo Chefe do Estado, efectuou-se esta manhã uma pequena cerimónia durante a qual foram distribuídas medalhas comemorativas a mais de mil pessoas que trabalharam na construção do grande imóvel.

A situação no I.E.S.

ESTUDA-SE A REESTRUTURAÇÃO DO ENSINO DE SOCIOLOGIA

Uma portaria do ministro das Corporações e Previdência Social, hoje publicada no «Diário do Governo» (II Série), determina oficialmente a suspensão das matrículas no 1.º ano do Instituto de Estudos Sociais, assunto a que o «Diário de Lisboa» tem dedicado grande atenção. É o seguinte o teor da portaria:

«Encontrando-se em estudo a reestruturação dos cursos respeitantes ao ensino de vários ramos das ciências humanas, e convindo aguardar o resultado desses trabalhos, que se pretende integrar num plano de conjunto a que não pode ser estranha a actividade do Instituto de Estudos Sociais; Manda o Governo da Republica Portuguesa, pelo ministro das Corporações e Previdência Social, o seguinte: «As inscrições de novos alunos no 1.º ano dos cursos regulares do Instituto de Estudos Sociais ficam suspensas no ano lectivo de 1970-1971, mantendo-se a frequência do 1.º ano para os alunos que hajam sido reprovados ou tiverem disciplinas em atraso.»

Conselho de Ministros

Sob a presidência do prof. dr. Marcello Caetano reuniu-se hoje, à tarde, no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros.

LUÍS FILIPE REYNOLDS

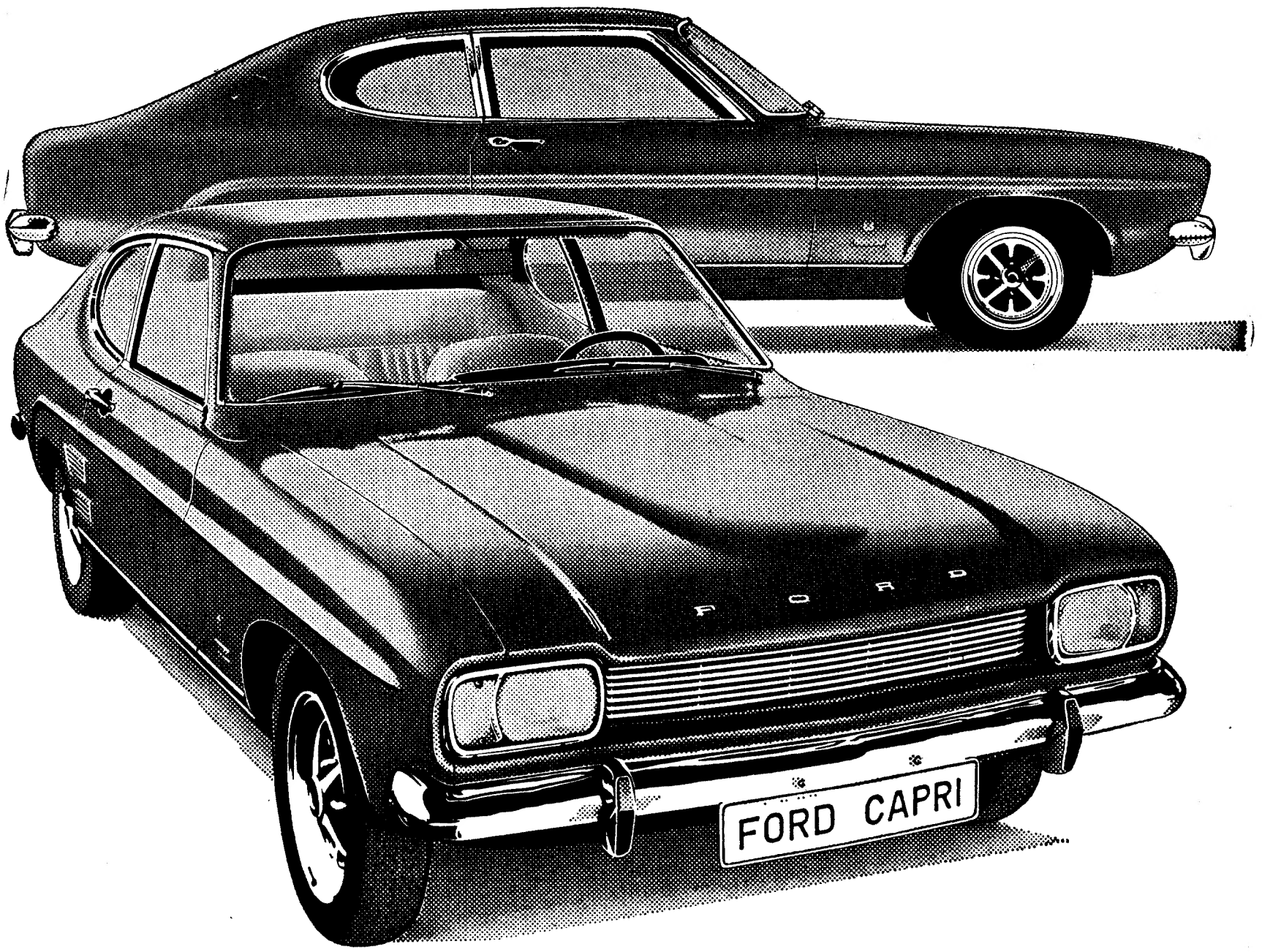
MISSA DE 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Rosa da Glória Gomes Reynolds e mais família, participam, que amanhã dia 30 ás 9,30 horas, será celebrada missa pelo seu eterno descanso na Igreja de Nossa Senhora de Fátima. Aproveitam a oportunidade para agradecerem muito reconhecidamente a todas as pessoas que lhes testemunharam o seu pesar e que por desconhecimento de moradas o não podem fazer directamente.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO — TELEF. 534167

A Organização Ford tem o orgulho de apresentar os Ford Capri montados em Portugal



O Carro Que V. Sempre Desejou Possuir

O êxito dos Ford Capri justifica a sua montagem em Portugal. Em 6 versões diferentes: 1300 L, 1600 L, 1600 XL, 1600 GT XL, 1600 GT XLR, 3000 GT XLR.
Todas de linhas aerodinâmicas e modernas!
Todas desportivas... mas também familiares!

Escolha nelas o Capri que desejar com a potência que quiser. Venha vê-los! Visite o seu Concessionário e escolha o Capri que mais lhe convém.

Apoiado pelo Serviço e Peças Ford

Ford Capri DESDE **Esc. 82.830**

Ford

FORD À FRENTE

Em exposição no seu concessionário FORD a partir de 30 de Setembro

EM LISBOA

AUTO BOAVISTA, LDA. R. da Boavista, 81-B - Telef. 66 91 41
AUTO RALI, S. A. R. L. Av. Almirante Reis, 130-A - Telef. 4 18 32/64 — Av. Eng.º Frederico Ulrich - Telef. 28 05 31 - Cascais
J. MENDES COELHO, LDA. R. Alexandre Herculano, 6-A - Telef. 4 61 47
LINCURI Av. da República, 32-A - Telef. 77 70 91
STAND MODERNO Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A - Telef. 4 96 69 — R. João Saraiva, 15 (Alvalade) - Telef. 71 10 65/9

CIESA-NCK-ADAPT.

«ACEITE O NOSSO CONVITE»

MAIS LEITORES PREMIADOS NO 18.º SORTEIO

Mais algumas dezenas de leitores, que constam da relação que publicamos, foram ontem premiados no 18.º sorteio da popular iniciativa «Aceite o nosso convite», que continua a registar elevado numero de concorrentes. O sorteio, como é já habitual, realizou-se nos serviços administrativos do «Diário de Lisboa». R. Castilho, 185, 1.º, e contou com a colaboração de Marília Gama, graciosa actriz do elenco do «ABC», que se encarregou da extracção das colecções de cupões. Dirigindo os trabalhos do sorteio, a sr.ª D. Maria Pires Moreira Gaspar Tomás, oficial do Governo Civil de Lisboa. Representando o «Diário de Lisboa» o sr. Afonso Valente, chefe do departamento de promoção e vendas do nosso Jornal.

Os concorrentes premiados

É a seguinte a relação dos leitores a quem a sorte distinguiu e, bem assim, a dos restaurante típicos e «boites» de Lisboa, Sintra e Costa do Sol onde vão utilizar os seus prémios:

1.º, José Félix Rodrigues, Av. Lameiro, 16 — Carcavelos (ADAGGIO); 2.º, Manuel Alberto Ferreira, Rua da Igreja, 59 — Macedo de Cavaleiros (ADEGA MACHADO); 3.º, Vera Santos Chambica, Correia da Mota, Rua de Arroios, 85, 4.º, Esq. — Lisboa (ARABITA DE ALFAMA); 4.º, Maria Margarida Contreiras, Rua Garcia de Orta, 8, 3.º, Esq. — Damaia (ARCHOTE CLUB); 5.º, Aventino de Sousa Brandão, Rua do Norte, 69, 3.º — Lisboa (BAIUCA); 6.º, Henrique Antunes Marques Coelho, Calçada do Galvão, 38, 1.º, Esq. — Lisboa (BALEEIRA); 7.º, Leonel Domingos Rocha, Rua do Lavra, 13, 1.º, Esq. — Linda-a-Pastora (BONAPART BAR); 8.º, António de Assis Ferreira, Rua dos Anjos, 2.º, dto. — Torres Novas (CASINO ESTORIL); 9.º, Mário Genbill dos Santos Cordeiro, Alameda das Linhas de Torres, 201-B — Lisboa (FOLCLORE); 10.º, António Manuel Mira Mestre — Monte-gordo (FORTE VELHO); 11.º, Isaias da Silva Morgado, Rua do Limoeiro, 1 — Lisboa (FRAGATA REAL); 12.º, António José Bello Dias, Rua Visconde de Seabra, 2, 2.º, dt.º — Lisboa (GALERIA REAL); 13.º, Silvestre Matos da Costa, Estrada de Moscavide, lote 5, 5.º, Esq.º — Lisboa (GUITARRA DE ALFAMA); 14.º, Gabriel Henrique Cardoso, Bairro Dr. Mário Madeira, 878, 2.º, esq. — Pontinha — Lisboa (GUITARRA DA MADRAGOA); 15.º, Américo Pimenta Gonçaves, Rua 1.º de Dezembro, 30 — Amadora (HIPPOPOTAMO); 16.º, Guilherme Maria da Costa, Rua Santana à Lapa, 157, 1.º, dto. — Lisboa (KAVERNA); 17.º, Wenceslau Florindo da Costa, Rua Newton, 22, 2.º, dto. — Lisboa (LAR PORTUGUÊS); 18.º, António Jorge da Piedade Barata, Rua Luciano Cordeiro, 46, 4.º, dto. — Lisboa (LUSO); 19.º, Raul Martinho, Av. 5 de Outubro, 265, 2.º, esq. — Lisboa (MARCIA CONDESSA); 20.º, Carlos Duarte Rodrigues, Praceta de Goa, 16, 1.º-Frente — Olival Basto (MAXIME); 21.º, Mário Luís L. Pires, Av. Sidónio Pais, 4 — Lisboa (MIL E UM); 22.º, Laurentino da Silva Araújo, Rua Fernandes Tomás, 54, 2.º — Coimbra (O FORCADO); 23.º, Julieta Beatriz Rodrigues de Sousa, Travessa do Giestal, 2, 3.º, esq. — Lisboa (PARREIRINHA DE ALFAMA); 24.º, João Alberto Gonçalves, Rua Dr. António Martins, 32 r/c, dto. — Lisboa (POP-FADO); 25.º, Raul Gonçalves Mendonça, Azinhaga de Roque, Vivenda Belinha, 1.º-D — Fogueteiro-Amora (SANZALA); 26.º, Tereza Maria Tavares, Rua D, 2, lote 384, 7.º, dto. — Olivais Sul-Lisboa (SEVERA); 27.º, António Ramos Marques, Estrada do Desvio, lote 21 — Lisboa (SNOB); 28.º, Joaquim Maria de Palva de Portugal, Trav. das Merceeiras (à Sé), 8, 1.º — Lisboa (SOLAR DA MADRAGOA); 29.º, Virgílio Campos Pedroso da Costa, Rua Cavaleiro de Oliveira, 51, r/c, dto — Lisboa (SOLAR DO MINHO); 30.º, Manuel Marques Roque, Bairro Nossa Senhora da Oliveira — Samora Correia (TÁGIDE); 31.º, António José Marques Henriques Martins, Campo de Santana, 43 — Lisboa (TAVERNA DO EMBUÇADO); 32.º, Luís Jerónimo da Silva Soares, Largo da Ajuda, 16, 1.º — Lisboa (TERRAÇO DAS ESTRELAS); 33.º, Manuel Roque Azevedo, Av. Infante aSnto, 2, 2.º, esq., Porta A — Lisboa (TIMPANAS); 34.º, Joaquim Marques da Silva Cascais, Rua Artur Lamas, 37, 2.º, dto. — Lisboa (VIELA).

A todos estes concorrentes, o «Diário de Lisboa» remeterá as credenciais que os vão habilitar á utilização dos seus prémios.

A jovem actriz Marilia Gama (do elenco do ABC) encarregou-se ontem da extracção das colecções de cupões do nosso concurso

O embaixador do Canadá entregou credenciais

O Chefe do Estado recebeu hoje, o novo embaixador do Canadá, em Lisboa, sr. dr. Raul André Beaulien, que lhe fez entrega das cartas que o acreditam junto do nosso Governo.

Assistiram à cerimónia que se revestiu da solenidade habiatual, o ministro dos Negócios Estrangeiros e altos funcionários do seu ministério e da Preveidência da República.

O MINISTRO DO ULTRAMAR EM VISITA A ANGOLA

Seguirá para Angola, depois de amanhã, em visita de serviço, o ministro do Ultramar, sr. prof. Joaquim Moreira da Silva Cunha.

Será acompanhado pelos inspectores-superiores do seu Ministério srs. drs Alexandre Ribeiro da Cunha e José Fernando Nunes Barata; pelo oficial ás ordens, primeiro-tenente João Manuel Nobre Carvalho, e pelo secretário, dr. José Luís Henriques de Jesus.

Manhã na praça

UM MERCADO EM ALTURA...

Construído em altura, para um melhor aproveitamento do espaço, pouco abundante na zona da cidade onde se situa, foi este mercado de Chão de Loureiro dado como «substituto» da Praça da Figueira, convertida em parque de automóveis. Na ocasião, os saudosistas acusaram o toque, e não poucas alusões surgiram nos cantos populares, em louvor do desaparecido mercado, com tantas tradições que até por lá andou, se não estamos em erro, a Julia Florista.

Em rampa, com aspecto de silo„ o mercado do Chão do Loureiro guardou o ambiente da Praça da Figueira, ressalvados os anos, claro que a época já é outra.

Muitos dos clientes, no entanto, são os mesmos e outro tanto deve suceder em relação aos vendedores.

PREÇO DOS PRODUTOS

O quilo do tomate estava a 2$50 e 3$00; das batatas, a 1$80; das cebolas a 2$50; das cenouras, a 3$50; do feijão verde, a 4$00; da azeitona, a 7$90; dos alhos, a 30$00; do pepino, a 4$00; dos pimentos, a 4$00.

O molho de nabiças vendia-se a 7$00; de espinafres, a 9$00; a alface, a 1$00

PEIXE

Vimos o quilo das lulas a 35$00; do peixe-espada, a 11$00; da corvina a 18$00; da garoupa, a 25$00; da pescada branca, a 45$00; do linguado, a 75$000.

FRUTA

Observámos o quilo das uvas a 8$00; das bananas, a 8$50 e 10$00; do ananás a 26$00; do melão, a 4$00; das maçãs, a 6$00; das pêras, a 9$; dos pêssegos, a 11$00.

CRIAÇÃO E OVOS

A duzia de ovos estava a 9$00, 14$00 e 15$00. O quilo do frango limpo vendia-se a 24$00.

DONA DE CASA

BOM APETITE

CERVEJARIA E RESTAURANTE
R. do Salitre, 9
(Junto ao Parque Mayer)
Aberto até às 3.30 h.
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AR CONDICIONADO
NO RESTAURANTE
NO SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 228244
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

OH LACERDA!
UM CONVITE PERMANENTE
R. Dr. Silva Teles, 18-A

VIRIATO
SNACK-BAR
RESTAURANTE
CERVEJARIA
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até ás 2 h.)
Telefone 53 07 58

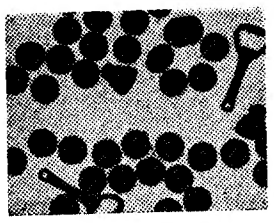
RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)
Premiado pelo S. N. I.

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

20.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 28 de Setembro de 1970



Aprenda a Estratégia do Sucesso!

CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

Idealizado pelos mais reputados técnicos de Relações Públicas do mundo, segundo programas de extensão das universidades brasileiras e americanas.
Formação de iniciados e actualização de profissionais a nível internacional.
No final, cada participante receberá o texto integral da matéria versada constituindo um valioso compêndio de orientação futura no exercício da profissão, e um DIPLOMA TÉCNICO INTERNACIONAL de «Public-Relations».
Sessões das 21 ás 23 horas, ilustradas com filmes sonoros e diapositivos inéditos.

INÍCIO DO CURSO: Dia 19 de Outubro próximo.
INSCRIÇÕES: das 10 às 21 horas ininterruptamente.

CENTRO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO DE ESPECIALIZAÇÃO PROFISSIONAL
R. Pascoal de Melo, 7-2.º, Esq.º (atrás da Cervejaria Portugália)
Tel. 53 47 19 — LISBOA

MARIA TAVARES

—actriz-revelação

A actriz Maria Tavares (Maria José Coelho Tavares) foi considerada como *«grande revelação dos palcos de revista»* na última época.

Nasceu a 8 de Agosto de 1946 em Medelim (no distrito de Castelo Branco) mas vive desde criança em Lisboa. Aos 7 anos participava nas emissões infantis transmitidas por Rádio Graça e, cinco temporadas mais tarde, fazia uma digressão pelo Continente incluída em elencos de teatro amador.

Frequentou o Conservatório Nacional, cujo curso concluiu fazendo exame com «A menina feia», de Pressler. Como «estagiária» esteve na companhia do Teatro Nacional, a interpretar «Macbeth».

ELAS ENSAIAM «PIMENTA NA LÍNGUA»

Mais quatro caras bonitas da nova revista de Aníbal Nazaré e José Viana: Margaret, Lesley, Isabel Moret e Marisabel. Margaret Lloyd Richards nasceu em Tenby (Inglaterra) a 23 de Abril de 1946. Pesa 67 quilos. Lesley Rosemary Mason é paquistanesa: nasceu a 27 de Abril de 1947 na cidade de Abbotabad. É mais magra do que a colega anterior: 49 quilos de peso. Isabel Moret já participou em diversas «tournées» pelo Ultramar: no círculo das suas amizades os olhos verdes valeram-lhe o título de «a gata». Maria Isabel de Oliveira Rodrigues Moret nasceu em Lisboa a 25 de Abril de 1945. Medidas: 94-73-94. Pesa 56 quilos. Tem 1 e 60 de altura. Marisabel (Maria Isabel Santos de Oliveira Morgado) é de Cercal, onde nasceu a 12 de Abril de 1944. Tem 1 e 59 de altura, pesa 48 quilos e mede 84 cm. (busto), 60 (cintura) e 84 (anca). Margaret, Lesley, Isabel Moret e Marisabel ensaiam «Pimenta na língua», espectáculo que vai subir á cena no Maria Vitória.

O «Ballet Genny Show», com o cançonetista Miguel, está desde a passada 2.ª feira no «Clube 107». Interpretando coreografia de Filipe, este agrupamento exibe-se em números folclóricos, populares e de fantasia. Esteve a actuar no Porto («Tamariz») e no Casino da Figueira da Foz. Em Janeiro, «Genny Show» e Miguel iniciam, por Espanha, uma digressão que se prolongará até ao Líbano.

IVONE SILVA:

A MAIS PREMIADA

Ivone Silva é a actriz mais premiada dos nossos palcos ligeiros: no seu «palmarés», entre outros, destacam-se dois «Prémios de Imprensa» e um do S. N. I. Ivone Silva, que subiu vertiginosamente até ao primeiro lugar do cartaz, é a «vedeta» feminina da revista «Alto lá com elas», em cena no ABC. Nesta produção de José Miguel, Ivone Silva interpreta diversos quadros e rábulas: «Menina do serviço de despertar», «Heroína da foto-novela», «Dona Erótica», «Senhora dos Remédios», «Cais das colunas», «Carnaval de Veneza», «Caricatura de Lisboa» e «Estrela dos palcos portugueses» (de cujo desempenho damos esta imagem, em que Ivone Silva surge na «passarela» cantando uma marcha tipicamente lisboeta).

O FADO É O FOLCLORE, EM LISBOA: RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Maria da Fé, Argentina Santos, Julio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ Beco do Espírito Santo, 1 ✲ Telef. 868200.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Correa. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mín. 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 1/0 ✲ Telef. 860816.**

MÁRCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Candida da Conceição, Julieta Maria, Alzira Moreno e Aurora Sobral. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa ✲ **P. da Alegria, 58 ✲ Telef. 367093 ✲ Encerra á segunda-feira.**

GUITARRA DA MADRAGOA

cantam: Maria Emília, Ana Madalena e José Teixeira. Tocam: António Parreira e José Inácio ✲ **Rua da Esperança, 174 ✲ Telef. 661915 ✲ Cons. mín. 50$00.**

SOLAR DO MINHO

cantam. Eduarda Maria, Natália dos Anjos, Adriana Franco, Nuno de Aguiar e Artur dos Santos. Tocam Hermenegildo Lopes e José Meneses ✲ **Rua do Vigário, 60 ✲ Telef. 866811.**

FOLCLORE

elenco: Arminda Vidal, Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, Américo Lima, António Chainho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino Rodrigues, Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 19 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves ✲ **Cons. mín. 120$00 ✲ Taxas incluídas ✲ Rua Nova da Trindade, 22-A ✲ Telef. 35007-323406 ✲ Encerra ao domingo.**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, Alcindo de Carvalho, Emília Reis, Luís Braga e Benvinda Cruz. Tocam: Armando Ferreira e Torquato Lopes. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones 676655-67341.**

A SEVERA

cantam: Florinda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal» ✲ **Rua das Gáveas, 57 ✲ Telef. 34006 ✲ Encerra á quinta-feira.**

MIL E UM

cantam: Moisés Campelos, Maria Eva, Beatriz Fragoso, Adriana Franco, José de Barros, Maria de Fátima, Henrique Manuel, Laurinda Gonçalves. Tocam: Hermenegildo Lopes e Joaquim Pinto ✲ **Cons. mín.40$00 ✲ Travessa da Espera, 8 ✲ Telefone 35464 ✲ Encerra ás 5 da madrugada.**

LUSO

Elenco: Tiristão da Silva, Fernanda Pinto, Glória Maria, Augusta Ermilda, Victor Duarte, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha ✲ **Trav. da Queimada, 10-16 ✲ Tels. 362889-328503.**

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues, Maria José Ramos, Fernando Mauricio e Francisco Martinho. Tocam: João Alberto e Manuel Martins ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ Travessa de S. Miguel, 22 ✲ Alfama ✲ Telefone 868552.**

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz da Conceição, Beatriz Ferreira e Conceição Tavares ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ R. das Taipas, 14 ✲ Telef. 327256.**

A KAVERNA

cantam: Tina Santos e Celeste Maria. Tocam: Armandinho Maia e José Maria Carvalho ✲ **Cons. mín. 90$00 ✲ Travessa dos Fiéis de Deus, 37 ✲ Telef. 35593.**

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Nuno de Aguiar, Armando Miranda, Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português». Tocam: António Bessa e Fernando Reis ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ Rua da Barroca, 133 ✲ Telefs. 36960 e 30532 ✲ Encerra ás terças-feiras.**

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias ✲ **Cons. mín. 30$00 ✲ Rua das Trinas, 67 ✲ Telef. 669857 ✲ Encerra ao domingo.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Melodia, Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva ✲ **Conc. mín. 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs. 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira.**

O ARABITA DE ALFAMA

Encerra aos domingos ✲ Cons. mín. 40$00 ✲ Rua da Adiça, 9 ✲ Telef. 86345.

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Rua de Rosa, 219 ✲ Telef. 368579.**

GUITARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa e Fernando Reis ✲ **Encerra ao domingo ✲ Cons. mín. 35$00. Largo do Pencireiro, 7 (Alfama) ✲ Telf. 868505.**

BALEEIRA

cantam: Filipe Duarte, Julieta Reis e Adriana Franco. Tocam: Acácio Rocha e Armando Silva ✲ **Encerra ás segundas-feiras ✲ Cons. mín. 40$00 ✲ Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO) ✲ Telef. 213259.**

RESTAURANTES, BARES — «BOÎTES» E DANCINGS»

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A Telef. 48384 — Mário Simões e o seu conjunto. Encerrado aos domingos.

NOCTURNO

Travessa Fiéis de Deus, 28 ✲ Telef. 370889 ✲ Poesia com Correia da Silva ✲ Encerra ás 3 e 30.

POP-FADO

R. Ferreira Lapa, 38-D ✲ T. 561949

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades Internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.**

ARCHOTE-CLUB

Discos ✲ Rua D. Filipe de Vilhena

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2 ✲ Campo Grande ✲ Telef. 790172 ✲ Encerra ás 3,30.

BAIUCA

R. da Barroca, 86 ✲ Telef. 34700

LORD

Rua Victor Cordon, 14-A ✲ Telef. ✲ 323098.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro ✲ SINTRA ✲ Telef. 981661. Encerra á meia-noite.

BONAPART CLUBE

Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A. ✲ R. de S. Miguel, 70 (Alfama) ✲ Tel. 872761 6-D.

FLOR DE LIS

Bar, M/17, Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas.

TÁGIDE

Variedades Internacionais ✲ **Largo da Biblioteca, 18-22 ✲ Aberto ao domingo.**

SNOB

Rua do «O Século», 178 ✲ Telef. 33723.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto, **Avenida Duque de Loulé, 69—Telf. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos.**

ADÁGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Carlos Portugal no seu novo reportório ✲ Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ **Rua Carlos Reis 51-A ✲ Telef. 775695.**

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades Internacionais ✲ **Telefs. 264521 - 264526 - 264596 - 264621 - 264946**

FORTE VELHO

Paço ✲ S. João do Estoril ✲ Telef. 261337.

A LENTE da memória

por Urbano Tavares Rodrigues

A surdez — dos ouvidos e do espírito — é um fenómeno da cidade. Lá, onde, entre as hortênsias brancas, azuis, rosadas, já dormi (quando?), um sono de falso milagre, atento à palhetada festa das borboletas e aos quase imperceptíveis ruídos da sombra, o sol é um feixe de caminhos esquecidos, nada-se na transparência do Verão frio, há grutas e portos de verde no alto da serra.

a paragem de fogo, o esplendor.

E eis que a folhagem fosforece, cantam as últimas cigarras do crepúsculo quieto. Depois da brisa fresca, veio a noite quase morna. A de há dez anos? A de há um mês? No lenço da lembrança é sangue seco, carícia vaga, delida. E sùbitamente tão mais real do que hoje.

Desertas as mesas dos piqueniques, aquele espaço tão estreito e tão dourado em que todo o ser humano é rei de si mesmo.

Ó tempo da escrita automática, envergonhadamente escondida, nos desvãos da minha prosa lúcida e construtiva! Era entre os nevoeiros que as franças do arvoredo, do alto terraço sem forma, sem fumo, sem pecado, se tornavam em instante arquitectónico.

E tanta coisa — o incomportável imposto profissional, o amigo desesperado que não arranjou trabalho em Paris e, aflito, pede, lá de longe, o empréstimo que não sei onde ir buscar mas que hei-de enviar-lhe, seja como for, a menina imprudente

O ESTADO DA REALIDADE

Posso dizer-te, agora: nunca hei-de esquecer os cisnes negros nem a luz doce e venenosa dos fetos gigantes, o céu de erva, o vazio transparente, as grutas, o teu cabelo desfeito, a noite de suor, as coisas iguais à noite, a duração, o estado de realidade.

Nunca hei-de esquecer nem mesmo as moscas daquele lago tão burguês, mas onde o sol nos pertencia.

Nunca hei-de esquecer a tua boca, teu coração e os teus olhos vivendo no teu corpo e em mim. As estradas do amor, a matéria pura, as mãos unidas. Será ontem? Aconteceu amanhã? Ou não?

Era Outubro. Era Julho. É Agosto. No fim da tarde é que despertam todas as maravilhas da floresta. Os dentes dos arbustos secretos rangem, as pedras libertam-se da prisão das horas.

Dádiva? Os corpos enlaçados. O gemido dos juncos. As vozes roxas. Despotencialização? Exaltação da vida? Quando os sentidos ficam brancos de esvaziamento, puros como uma fonte, é então, só então, que todas as coisas se ouvem respirar, que o corpo ritualmente se consagra, que o sangue das minhas veias apetece correr nas tuas. Que a vida apetece a morte, ou antes, que se desfaz em desgosto e para quem não acho, não sei palavra de consolo, a tristeza irremediável (não, irremediável, não) dos velhos isolados, os fatos que deambulam pela cidade, vestindo o enfado e o vexame, máquinas de ossos pobres, de vísceras pobres, que, a mim, nos meus trabalhos forçados, fazem que me sintam ainda privilegiado, as leituras descoroçoantes das terras de alva (onde são ainda os «quadros» que comem manteiga, ou seja, o suor das bases, mau grado os cânticos de esperança, os cânticos a que me apego mesmo assim), tanta, tanta coisa nesta Lisboa de eu ser trouxa e de aguentar de pé, em meio dos invisíveis vendavais, tanta coisa a chamar-me, pela lente da memória, para o castelo manuelino, para as bem conservadas, ou mal conservadas, recordações onde o luar era vermelho e magnéticos os dedos da felicidade clandestina!

Cabelos que no lençol de sonho têm a transitória doçura de um anacrónico revivalismo! Estrelas sepultas. Uma estrela cadente. Etiquetas de pinacoteca? Não. Apenas o jorro dos múltiplos passados que turvam e conformam o incerto espelho do presente.

A RÁDIO VEM PARA A RUA

Obedecendo ao principio de que a Rádio deve ser, acima de tudo, comunicação, Produções Publicitárias Portuguesas, dirigidas por Joel Nelson de Mendonça Vaz, procederam á montagem de um estudio móvel, á semelhança do que já acontecera durante o período de funcionamento da F. I. L. e do IX Circuito de Montes Claros. O carro-estudio, presentemente o unico na rádio comercial, começou já a funcionar, transmitindo através da rede de FM de Rádio Clube Português. A direcção daquela estação emissora esteve presente nos primeiros momentos de transmissão, acompanhando o produtor e a sua equipa, constituida pelos locutores Maria Ema, Manuel Bravo, João David Nunes, Marçal Pacheco e pelo técnico Fernando Jorge. O carro-estudio, dispõe de som interno e externo, gira-discos, gravadores e «consoletes», transmitindo em excelentes condições técnicas.

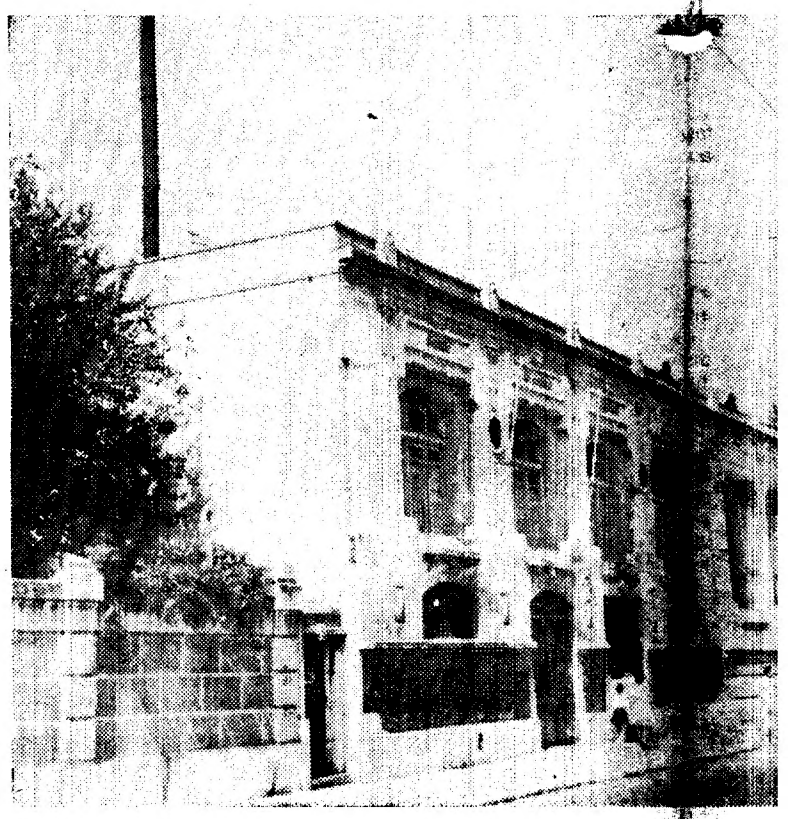
O carro-estúdio em plena Lisboa

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

O fumo do Campo Gra vai para a Póvoa de San dentro de dois ou três m



A fábrica do Campo Grande que vai acabar

Em três

Dado que a Associação de Socorros Mútuos Sociedade Operária de São José não reune condições para o seu regular e normal funcionamento e o desinteresse manifestado pelos sócios relativamente aos problemas associativos foi a mesma dissolvida.

///

Foram reconduzidos os srs. drs. Carlos Vaz de Faria e Almeida e Agostinho Barroso Gonçalves nos cargos de presidente e vice-presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém, respectivamente.

///

O Governo da Grécia depositou junto do secretário-geral da O. N. U., em 16 de Julho de 1970, o instrumento de ratificação da Convenção sobre Relações Diplomáticas, concluída em Viena em 18 de Abril de 1961 e que entrou em vigor para a Grécia no dia 15 de Agosto de 1970.

///

Estão concluidas as instalações do novo quartel do Batalhão Independente de Infantaria n.º 19, no Funchal.

///

O Município de Sintra abriu concurso para a empreitada de instalação da sede de esgotos de Carenque, na base de licitação de esc. 858 500$00.

///

Está aberto concurso documental, com prestação de provas, para preenchimento de uma vaga de chefe de secção da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas.

///

Foi aprovado o mapa de expropriações da estrada nacional n.º 321 (lanço entre Portas de Montemuro e Picão) e é declarada a utilidade pública e urgente, expropriações necessárias.

///

Foi determinada a fusão da Caixa de Previdência do Pessoal da Firma Mundet & C., Lda., com a Caixa de Previdência

IAI
INSTITUTO
E DECO
Membro da INSE
Society for Educatio
patrocinada pe

Ultimos dias de inscrição para:

CURSO DE CERÂMI

Curso livre de iniciação á cerâmica, de compreendendo o estudo prático e teórico seguintes pontos: Matéria, forma, funçã da cerâmica. Engobes. Vidrados. Faianç barro; recipientes e formas, Vidragem, e Decoração por pintura.

CURSO DE FOTOGRA

Curso livre de fotografia, de 2 hora compreendendo noções de hist da e te e aulas práticas no exterior, e interior

Fecha também dentro de dias a inscr plinas suplementares, livres, em fim de ta ao Cinema, Introdução ao Teatro e Intro rária, que podem ser frequentadas inde Curso de Decoração do IADE.

A lotação das aulas é limitada, resp mente a ordem das inscriç

Folhetos e Informações na Secretaria

R. do Alecrim, 70 — telefones 36

rande anta Iria meses

Ao cabo de mais de 60 anos de incómodos causados aos habitantes de uma vasta área do Campo Grande, o fumo de uma fábrica de massas ali instalada está, agora, prestes a trocar aquelas paragens pelos ares mais bucólicos da Póvoa de Santa Iria.

«*Dentro de dois ou três meses mudamo-nos para a Póvoa de Santa Iria, onde foi construída uma fábrica de raiz, com sete ou oito linhas de fabricação*» — declarou-nos o sr. António Manuel Marques Faria, mestre da fábrica.

«*Em dias mais húmidos, o fumo baixa mais, naturalmente*» — confessou o sr. Marques Faria. — «*Mas, agora, são só mais dois ou três meses...*»

«*Isto tem vindo a piorar de mês para mês*» — disse-nos, no entanto, a sr.ª D. Maria do Carmo Rodrigues, mãe da porteira do n.º 9 do Campo Grande, a centena de metros da fábrica.

Outras senhoras, residentes naquele e noutros prédios mais distantes ainda, corroboraram a afirmação. A sr.ª D. Maria do Céu Marques Freire, por exemplo, disse:

«*Deixamos a roupa a secar e quando a apanhamos está cheia de fuligem negra.*»

Residente no mesmo prédio, há 11 anos, no 2.º andar direito e esquerdo, a sr.ª D. Pilar Palácios Ferreira disse-nos que a fuligem «*sempre foi uma coisa por de mais*».

Mas, agora, é uma questão de meses: no Campo Grande vai haver menos um motivo de poluição... Ainda se fosse só esse...

SINGULARIDADES DO TRÂNSITO E DA SUA SINALIZAÇÃO

Do nosso leitor F. E. Oliveira Marques recebemos, a propósito da «Nota do Dia» de 22 de Agosto, a seguinte carta:

«*Sr. director* — Chamou-me a atenção a «Nota do Dia» do passado dia 22 de Agosto, especialmente no que respeita ás últimas interrogações aí formuladas.

É verdade que o «rio de sangue» vai aumentando por causa de «um mal que tem muitas raízes». Todos nós concordamos que assim é.

Desde o estado deplorável de muitas das nossas estradas, até ao estado deplorável de muitos veículos que nelas circulam; desde o sistema de exames aos candidatos a condutores, até á condução de base dos mesmos; desde as inconsciências e as loucuras de quem conduz, até ao «contrôle» efectivo do que se vai passando, tudo são problemas de grande delicadeza e certamente de solução muito difícil.

Acredita-se sem esforço, que as entidades responsáveis estejam empenhadas na tarefa de desenrolar a meada e de encontrar ponta por onde se lhe pegue. É claro que sim. Têm-se visto tomar medidas que são a prova dos cuidados com que se atenta neste assunto.

Mas há um aspecto que me parece de grande importância na resolução do problema e a que talvez se não tenha dado ainda a devida atenção: é um aspecto de CONFIANÇA. Mas confiança em quê? Confiança, desde logo, nas polícias de trânsito; confiança nas determinações que estão encarregadas de fazer cumprir; confiança em todo um sistema de sinalização rodoviária; confiança, em suma, nas leis a que nos obrigam e nos sistemas de repressão a que nos sujeitam.

Para não me alongar muito, vou referir alguns exemplos que me parecem demonstrar bem que tal confiança não existe:

1.º — Quem é obrigado a circular por todas essas estradas de Portugal está farto de ver placas de sinalização indicando por exemplo «AREIA», ou «MÁQUINAS EM MOVIMENTO», ou «NEVE». Acontece, a maior parte das vezes, que nem existe areia na estrada, nem há máquinas em movimento, nem há ao menos vestígios de neve. Isto dá confiança a alguém?

2.º — A estrada marginal que vai de Cascais a Caxias, tem uma densidade de trânsito completamente diferente nos meses de Verão e no resto do ano. Pois a velocidade máxima ali estabelecida é, de Janeiro a Dezembro, de 70 km/hora! Quem é que pode aceitar como correcta esta determinação e ter confiança nela? Isto é, quem é que aceita e a cumpre?

3.º — Nesta estrada marginal, o único troço sem curvas pronunciadas e sem entroncamentos perigosos, é o que vai do extremo da praia de Carcavelos até á praia da Torre. Pois bem. É aí, nem mais nem menos, que as brigadas de trânsito decidem colocar o seu sistema de «contrôle» de velocidades. E elas próprias têm tanta confiança na justiça da velocidade máxima permitida, que só autuam os condutores que circulem a mais de 90 km/hora! Mas então para que servem as placas da velocidade imposta? Serão só para a gente aprender que não servem para nada?

4.º — Quem entre em Lisboa, pela auto-estrada do Norte, vê, ali por altura do aeroporto da Portela, placas de velocidade máxima de 40 km/hora. É curioso observar o que ali se passa. Ou melhor, como ali se passa! Quem é que respeita os tais 40 km/hora? Ninguém. Nem com isso se incomoda, e bem, o agente da autoridade que «controla» os semáforos do cruzamento da Encarnação.

5.º — Ainda outro caso de velocidades máximas, estabelecido na auto-estrada que vem do Estádio Nacional para Lisboa. De repente, antes da Ponte Duarte Pacheco, aparece uma placa de 80 km/hora; e logo a seguir uma outra de 60 km/hora. Mas estas placas são para indicar alguma coisa ou estão ali por acaso? Houve alguma razão técnica que justificasse a medida? Algum condutor respeita o que ali se determina? E deverá respeitá-lo, mesmo a bem da segurança própria e da alheia? Julgo que para todas estas perguntas só há uma única resposta afirmativa: as referidas placas estão ali por acaso!

6. — Ora bois, as multas! É curioso observar o regime de aplicação de multas, nos mais diversos casos. Mas basta-nos ver o que se passa em plena cidade de Lisboa, na circular da Praça Marquês de Pombal. A multa resulta efectivamente de alguma transgressão grave? Talvez sim, muitas vezes. Mas, na maioria dos casos que me tem sido dado testemunhar, a actuação resulta de questões marginais, ridículas, resultantes de uma interpretação gratuita dos regulamentos. Isto inspira confiança a alguém? A multa em si mesma cumpre alguma função?

Referi meia dúzia de exemplos e poderia ter referido uma centenas. De todos eles me parece ausente qualquer «mobilização de bom-senso», ao serviço dos problemas da circulação rodoviária.

Pior do que isso: são medidas e situações que nos fazem bem perder a confiança. E que nos levam, a cada um de nós, a agir tão sòmente de acordo com o «salve-se quem puder».

...s linhas

...dência e Abono de Famí... do Distrito de Setúbal, ... subsistirá com a mesma ...minação e continuará a ...ger-se pelas disposições do ...u actual estatuto.

///

...Foi reforçada com escudos ...00 000$00 uma dotação consignada ao programa de financiamento do III Plano de Fomento inscrita na tabela de despesa extraordinária do orçamento geral da província de São Tomé e Príncipe para este ano económico

///

Deixou o serviço, por ter atingido o limite de idade, o inspector superior de educação sr. dr. Manuel Ferreira Rosa, que foi louvado «pelo muito zelo, competência, inteligência e dedicação com que sempre desempenhou as funções que lhe foram confiadas».

///

Torna-se extensiva à província de Moçambique o Decreto n.º 244/70, que determina que a Superintendência dos Serviços do Pessoal, pela, Direcção do Serviço do Pessoal, na data julgada mais oportuna, abra um concurso extraordinário para admissão de médicos na classe de médicos navais do quadro dos oficiais do activo.

///

Estão abertos concursos para provimento de diversos lugares dos serviços do registo e do notariado.

///

O sr. coronel-veterinário dr. José Monroy Garcia vai exercer funções de técnico do quadro da Junta Nacional dos Produtos Pecuários.

Curso de Formação Familiar

Estão abertas as inscrições para a frequência do Curso de Formação Familiar que a Obra das Mães pela Educação Nacional mantém na sua sede, Rua da Imprensa á Estrela, 1.

O curso, que se inicia no dia 6 de Outubro, tem a duração de um ano lectivo, em regime completo ou reduzido, e as aulas serão das 14 e 30 ás 17 e 30 e das 18 e 30 ás 20 e 30, com as seguintes disciplinas: Psicologia Infantil, Formação Familiar, Higiene Pré-Natal, Puericultura, Enfermagem, Corte e Costura, Cerâmica, Arranjo e Embelezamento do Lar, Decoração Floral, Culinária, Conservas e Compotas, Estilos, Mobiliário, Economia Doméstica, Convívio Social, Artes Decorativas e Visitas de Estudo.

...ADE
...TUTO DE ARTE DECORAÇÃO
INSEA — International Education Through Art — ...nada pela UNESCO

...:
...RÂMICA
...ica, de 4 horas semanais ... teórico, entre outros, dos ..., função. Breve história ... Faiança. Modelação em ...agem, enforna e cozedura.

...TOGRAFIA
... 2 horas e meia semanais ...a e teoria da fotografia ... interior e no laboratório. ...s a inscrição para as discí... tarde, de Introdução ... e Introdução á Arte Lite... independentemente do ...

...ada, respeitar-se-á rigorosa...

Secretaria:
...efones 367430 - 367439

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

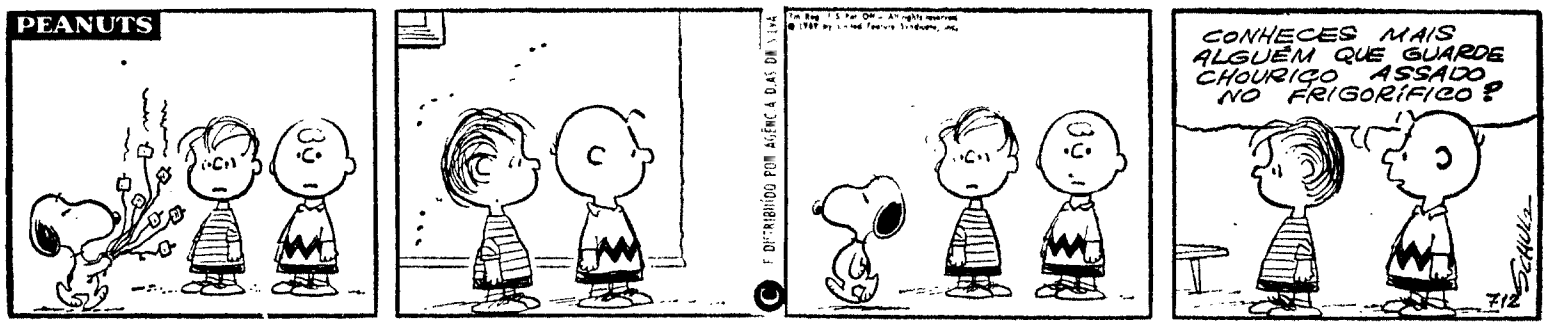
CONDIÇÕES ESPECIAIS DE JURO

DEPÓSITOS À ORDEM ATÉ... 50 CONTOS 3%

5,5% DEPÓSITOS A MAIS DE UM ANO

TODAS AS OPERAÇÕES DE BANCO

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 29 de Setembro de 1940 publicava:

«**LONDRES, 29 — Sabe-se de fonte autorizada que a R.A.F. atacou com grande violência, durante a noite passada, os portos de concentrações inimigas em território ocupado e que, apesar de o mau tempo e das péssimas condições meteorológicas, conseguiu atingir Berlim.**»

COLÓNIA DE FÉRIAS DA C. P.

Junto da Praia das Maçãs, possui a C. P. uma modelar Colónia de Férias, destinada aos filhos dos seus funcionários, a qual está situada em aprazível local e cujas instalações são consideradas, no seu género, das melhores do País, quer no capítulo do conforto quer no de higiene, comodidade e assistência.

Anualmente, é a Colónia frequentada por centenas de crianças de ambos os sexos, vindas das mais diversas localidade do País e que ali vão encontrar um ambiente agradável para as suas férias.

Para assinalar a partida do último turno deste ano, efectuou-se uma pequena festa, a que assistiram os srs. dr. Sequeira Braga, administrador da C. P., eng. André Navarro, chefe dos Serviços Sociais da empresa e o chefe de Serviço, Martins Baptista, grande impulsionador da Colónia.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMÓVEIS
R. DA ESCOLA POLITÉCNICA, 259
VENDAS - SERVIÇO - PEÇAS

Externato Liceal e Técnico Arquimedes
Rua Marques da Silva, 99-2.º — Telefone 532702
Liceus — Admissão Institutos — Secções Preparatórias
Cursos intensivos — Abertas as inscrições

HORÁRIO
LINHA DO LESTE E RAMAL DE CÁCERES

Previne-se o Público de que, **a partir do dia 1 de Outubro de 1970 é restabelecida, entre Portalegre e Elvas, a circulação do comboio n.º 2325,** com partida da estação de Portalegre às 23-22 horas e chegada à estação de Elvas às

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«PÁTRIA» a sair em 6 de Outubro às 16 horas — Com escala prévia por Leixões, para: **LAS PALMAS, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES.**

«LUGELA» a sair em 6 de Outubro — Com escala por Leixões para: **PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE** (se necessário) Carrega de 1 a 4 de Outubro.

«IMPÉRIO» a sair em 7 de Outubro às 12 horas — Com escala prévia por Leixões para: **FUNCHAL, S. TOMÉ LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA.** Carrega de 28 de Setembro a 1 de Outubro.

«AMBOIM» a sair em 12 de Outubro — Com escala por Leixões para: **S. TOMÉ** (se necessário), **LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA.** Carrega de 8 a 11 de Outubro.

«I. D. HENRIQUE» a sair em 16 de Outubro às 12 horas — Com escala por Funchal para: **LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA.** Carrega de 11 a 14 de Outubro.

LINHA DA AMERICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 24 de Outubro e 26 de Novembro às 18 horas — Com escala por **VIGO e FUNCHAL,** para: **TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).**

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefones 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5671

HORIZONTAIS: 1 — Pontal de areia em frente de Setúbal. Cercar 2 — Encolerizo. Antigo defunto. Terror. 3 — Magnete natural. Coragem. Lírio. 4 — Folha de vide. Freguesia do concelho da Covilhã. 5 — Lavrais. Contracção da preposição em e o artigo indefinido plural umas 6 — Obedeci. 7 — Sacode. Vaguear. 8 — Cidade da Albânia. Vassourara o forno depois de aquecido. 9 — Guarnença de asas. Falda. Cabelos brancos. 10 — Cidade do estado de S. Paulo. Tempo do verbo ser. Calado. 1 — Irmão de Moisés. Glóbulos.

VERTICAIS: 1 — Tabique. Bailadeira do rei de Daomé. 2 — Versejar. Arma antiga com que se dispartavam setas. 3 — Rezara. Limpar com areia. 4 — Seguia. Espécie de forragem (Bras.). Papagaio da Amazónia. 5 — Queda de água em cachoeira. 6 — O sono das crianças. Bentilo (s.q.) 7 — Dominara. 8 — Antes do meio-dia. Desmoronara-se. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). 9 — Descascam. Faz retroceder. 10 — Funcionária adjunta a outra. Charrua. 11 — Nome de flores. Lisos.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1						■					
2					■		■				
3				■				■			
4						■					
5						■					
6	■	■	■					■	■	■	■
7						■	■				
8							■				
9				■				■			
10					■		■				
11											

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5670

HORIZONTAIS: 1 — Favas. Afiar. 2 — Um. Compadre. 3 — Loa. Arm. 4 — Aaam. Aa. 5 — Empaparam. Niani. Usada. 7 — PROMESSAS. 8 — Oc. Oco. 9 — Doa. SÃO. 10 — Ordeiros. Pó. — 11 — Saira«. Mista

VERTICAIS: 1 — Fuá. ENGODOS. 2 — Am. Amil. Cora. 3 — Papar. Adi. 4 — AC. Manra. Er. 5 — Sol. Pio. Sia. 6 — Mono. Muar. 7 — Apá. Rue. Oom. 8 — Fa. Passo. Si. 9 — Ida. Masca. 10 — Anrã. Dão. Pt. 11 — Rematas. Goa.

Provérbio: PROMESSAS SÃO ENGODOS.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9514

HORIZONTAIS: 1 — Amplo. Peia. 2 — Esvaziai. Larvas das feridas dos animais. 3 — Salto. Aferro. 4 — Atmosfera. Água (Gir.). Átomo (abrev.). 5 — Risca no cabelo. Negro. 6 — O mais. Ponta aguda. Germanio (s. q.). 7 — Crómio (s. q.). Grã (tecido). Samário (s. q.). 8 — Origem. Vazio. 9 — Esteiros. Metal precioso de cor amarela. 10 — Instrumento para endurar as calhas das linhas férreas. Letra grega. Possui. 11 — Solitara ais (Bras.). Freguesia do concelho de Guimarães.

VERTICAIS: 1 — Remar. Fardo 2 — Atrair com afagos (Fig.). Terceiro. 3 — Chiste. Clicínio (s. q.). Suga o leite maternno. 4 — Nome de homem. Fluido aeriforme. 5 — Sufixo que designa estado. O vencimento diário de um soldado. Basta. 6 — Trata por tu. Bario (s. q.). 7 — Prefixo de privação. Espaço de doze meses. O mesmo que uma (ant. e pop.). 8 — Moeda de prata da India Portuguesa. Ferro temperado. 9 — Medida de superficie. Tungsténio (s. q.). Numeral. 10 — Ócios. Rente. 11 — Peixe do género sfiuro. Freguesia do concelho de Sátão.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9513

HORIZONTAIS: 1 — Porta. Uruca. 2 — Apar. Adur. 3 — Celas. Amora. 4 — Ordgo. Parto. 5 — Aval. Asai. 6 — Uva. Dar. Srs. 7 — Rã. Carta. Ao. 8 — Carraça. 9 — Afei. Arad. 10 — Nepal. Abara. 11 — Aroma. Talar.

VERTICAIS: 1 — Paço. Uruana. 2 — Operava. Ter. 3 — Rallava. Cepo. 4 — Tiraga. Caiam. 5 — Soldar. Lá. 6 — Anrã. 7 — Aparta. Ar. 8 — Ramas. Acaba. 9 — Udonas. Aral. 10 — Curtira. Ara. 11 — Arão. Sondar.

CANAL DA CRÍTICA

por: MÁRIO CASTRIM

Regresso. Comovido, como quem regressa ao país da sua infância. Ficou para trás a calma, o sono reencontrado, o silêncio por toda a casa. Ficou para trás a visita dos amigos, a frescura da noite, o deambular descuidado. Ficou para trás o ser «como toda a gente». E no entanto, este regresso, na sua felicidade perdida, tem todo o sabor de uma felicidade reencontrada. Vou de porta em porta apertando as mãos que se me estendem, forte de uma tão grande família. Vou crucificar os olhos no fulgor violento do televisor. Vou, pelo túnel da noite, em perseguição das palavras úteis, ou necessárias, ou simplesmente possíveis. Difíceis sempre, arrancadas da carne a grande profundidade da pele. Impossível encontrá-las, às vezes. Agora, por exemplo. Palavras que seriam de amizade, a selar a presença vivida, revivida, de tantos rostos desconhecidos e atentos. Palavras de quem, regressando ao frio da noite acordada, regressa também, amorosamente, ao país da sua infância. ao país do seu país.

Pois... «*você como está*»—perguntei ao «Curto-Circuito». O programa forte da segunda-feira encolheu os ombros, resignado: «*Vamos andando, vamos andando...*».

Mentira. Não vai andando: foi ficando. De pé? Bom, de pé como os manequins: correctos, bem parecidos mas sem alma. Género fósforo apagado, na tristeza evidente de ter sobrevivido a si próprio.

Sim, porque eu ainda sou do tempo em que se esperava que dois fios, postos em contacto, dessem curto-circuito. Falava-se em conversas, em debates, em fios postos em contacto... E afinal? Afinal, não há que fiar em fios. Debates, aonde? Quando, na entrevista esgotante a respeito dos esgotos da cidade, Laura Soveral passou a palavra á plateia, ainda pensei que. Mas não. Artur Agostinho adiantou-se no terreno, fez uma finta, «não sei se alguém tem perguntas a fazer, mas eu queria fazer uma perguntinha...»

Lá se foi o debate.

No entanto, a propósito das inundações de Lisboa e arredores, com sua explosão demográfica, poderíamos conversar, discutir, procurar saber coisas, oh, muitas coisas, coisas que talvez contrariassem o optimismo e o permanente sorriso do eng. Melo de Oliveira. A facilidade de perguntar e de responder daria á entrevista a verdade e o interesse que lhe faltaram. Porque: em que medida se justifica uma entrevista através da qual ficámos a saber... que é de prever a continuação das inundações? Interessava, já agora, se não falar da possibilidade a curto prazo de eliminar as inundações, ao menos fazer uma análise a frio das causas e da distribuição das responsabilidades.

Não se concorreu, pois, para o esclarecimento do problema e o mesmo terá acontecido com a história macabra da Anabela e de Manuel Pessoa que fazem e dão a fazer «pintura abstracta» através de máquinas centrifugadoras. «Pintura abstracta»? Artur Agostinho, infelizmente, não se deu conta de como brincava com o fogo ao centrifugar o doloroso episódio, de como alimentava a fogueira do mal entendido ou da ignorancia. A pintura, abstracta ou figurativa, implica uma consciência que reage perante o mundo e uma responsabilidade quanto aos processos utilizados. As formas estranhas que a nuvem toma não são escultura; a cal roída nas paredes não dá baixos-relevos; o chiar da nora não dá musica; o espalhanço das cores nas panelas da centrifugação não dá pintura. Dá negócio. Dá modo de vida Mas isso nada tem a ver com arte. A culinária mecanica de Anabela e Pessoa não mata a fome a ninguém. Serve para entreter? Para matar o tempo... eléctricamente? Certo. Mas chamem-lhe outra coisa, caramba, deixem a pintura abstracta em paz.

Comércio sim, arte não

Mentalizar, eis a questão

Se passarmos das palavras á música, verifica-se vantagem desta no «Curto-Circuito» de ontem. O francês Nougaro, apesar da sua já longa experiência no cançonetismo, não nos deu mais do que isso mesmo: a sua longa experiência no cançonetismo...

Quem canta, canta alguma coisa. Desconhecer o que se está cantando afasta irremediávelmente o público do artista, a menos que a voz, como instrumento, seja, só por si, um espectáculo — o que não acontece com Nougaro. O que não acontece com o Nougaro de ontem. O que também não acontece com Teresa Paula Brito. Mas Teresa canta em português. Fala de amigos, de irmãos, de um clima de paz, de amor. Joga, na canção, com todo o peso de uma simplicidade de processos que convoca a simpatia, a adesão e também, como na última cantiga tão «nervosamente» entoada, um pouco de perdão...

Duas palavras sobre o concurso. Como se viu ontem, trata-se do capítulo de mais interesse do «Curto-Circuito» junto do grande público. O que não deixa de espantar, dadas as barbas que o pobre tem...

Este interesse justifica-se não pelas importâncias em jogo, mas pelo facto de ser um momento vivo, real, tirado sem

(Continua na 16.ª página)

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º Período — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13:Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Júlia», com Diahann Carroll, Marc Copage, Lloyd Nolan e Michael Link; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Um dia com...; 14 e 15: Logo à noite, e 14 e 20: Fecho.

2.º Período — Às 19: Abertura; 19 e 1: Nos bastidores da aventura; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Crónica — Campismo nos arredores de Lisboa; 20 e 10: Vamos jogar no Totobola; 20 e 25. Eurovisão — «TV Jazz» — 1.º Programa do Festival de Jazz de Helsínquia, com a colaboração da cantora Karin Krog; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição, e Boletim Meteorológico; 22: Edição especial do Telejornal, dedicado á inauguração do Palácio de Justiça de Lisboa; 22 e 25: Série policial «Os Vingadores», com Patrick MacNee, Linda Thorson e Jimmy Jewel; 23 e 30: Marcha do Mundo e 23 e 40: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição e Boletim Meteorológico (simultaneamente com o 1.º programa); 22: Curto Circuito (Programa n.º 29 — do 1.º programa em 6-9-70); e 23 e 50: Fecho.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Canconetas estrangeiras; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr Marques Pereira; 18 e 5: Orquestras ligeiras; 18 e 25: Conjuntos mistos; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Um solista... Uma orquestra, 20 e 40: 22.º Episódio do Fonetim «A Pedra de David»; 21 e 05: Espectáculo: Magazine de Cinema, por Amândio Videira Santos; 21 e 25: Canconetas; 22: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 30: Fados, por Amália Rodrigues; 22 e 50: Musica, só musica; 23 e 05: Programa da noite, 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 15 e 30: Intercâmbio Musical — Os Concertos de Lugano de 1970 (em gravações cedidas pela Rádio Suíça Italiana); 16 e 04: Intervalo — 2 Canções de Schubert pelo tenor, Hugo Cuenod Ao piano, David Garvey; 16 e 18: 2.ª Parte; 16 e 45: Sonata em sol maior k. 301, para flauta e piano (Mozart). Jean-Pierre Rampal, flauta; Futuba Inoue, piano; 17: Discos Raros — Árias de ópera pelo soprano Amália Galli-Curci; 17 e 30: Perspectivas da obra de Ravel; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Tempo literário; 19 e 25: Dança e Ballet, pelo dr António Pinto Machado; 19 e 45: Musica de Câmara — Obras de Villa Lobos; 20: Diário Sonoro; 20 e 2 : A ópera «Lakmé», de Delibes, comentada por Maria Helena de Freitas; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94,3 m — Às 23: Musica Portuguesa — Obras de Luís de Freitas Branco; h.: O tenor Cornelis Van Dijk e a Orquestra da Rádio da Baviera, sob a direcção do maestro Carl Michalski; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A sonata moderna, 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — — 451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Hit Parade; 19 e 30: Radioscopia; 19 e 45: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Uma Orquestra; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Portugal além da Europa; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Os nossos artistas; 21 e 03: Terça-feira á noite; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Novas de alegria; 23 e 22: Grande; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rrtal; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbito; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 25: Musica para meditar; 21 e 40: Orquestra; 21 e 45: Mundo Rádio; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Momentos de Melodia; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Manfried Mann; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires, 19 e 05: Grande Plano; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Aguarela Mexicana; 21 e 15: The Birds; 21 e 30: A canção portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Quando o telefone toca; 2 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23; A 23.ª hora e Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA—Onda média—188 m 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 e das 17 ás 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17; **Rádio Graça** — Das 0 ás 13 e das 22 ás 2.

A MORTE DE NASSER

VOLTA A INCERTEZA AO MÉDIO ORIENTE

PARIS, 29 — (Por Bernard Ullmann, da F. P.) — Volta a incerteza. A crise quase permanente do Médio Oriente, que com a guerra civil da Jordânia assumira nos ultimos dias um carácter particularmente dramático, pode agora evoluir de uma forma totalmente imprevisível.

Esta foi a primeira reacção de todos os observadores, passadas poucas horas sobre o anuncio da morte do presidente Nasser. Esta morte não poderia ter ocorrido em momento mais inoportuno. Nunca, com efeito, desde o ameaço de demissão com que reagiu a derrota árabe em Junho de 1967, a figura e a importância do presidente Nasser tinham a tal ponto condicionado a totalidade da conjuntura internacional.

O vácuo criado pelo seu desaparecimento, de acordo com as primeiras análises dos observadores, põe os seguintes problemas:

1 — Nasser era ao mesmo tempo o artesão e o fiador do difícil acordo realizado entre o rei Hussein e o chefe palestiniano Yasser Arafat. Os extremistas palestinianos, assim como os chefes militares beduinos de Amã, poderiam, portanto, ser tentados a considerar o acordo, já precário de nascença, como nulo e sem efeito, reconquistando assim a sua liberdade de acção. Os sucessores de Nasser deverão assim, já nas próximas horas, dar provas suficientes de autoridade, impondo ás duas partes o respeito pelo acordo firmado.

Acontece que apenas Nasser dispunha, tanto junto ás massas palestinianas como junto dos chefes do Exército jordano, um capital de prestigio suficientemente grande para obter essa aceitação. Acresce que esse prestigio tinha em certa medida diminuido junto dos palestinianos, quando Nasser aceitou o cessar-fogo com Israel e o plano de paz americano.

2 — Era sobre a pessoa de Nasser que repousava, em grande parte, a manutenção do cessar-fogo com Israel, que conseguira, não sem custo, fazer aceitar pelo Exército e pela opinião egípcia. Além disso, era em larga medida na confiança existente entre ele e os dirigentes do Kremlin que repousava a aceitação dessa trégua militar e as modalidades do apoio soviético. Também aqui se ergue uma grande incógnita, porque Moscovo decerto não aceitará no Cairo um sucessor qualquer do chefe desaparecido.

3 — Em Israel, a despeito da animosidade quase geral que rodeava a pessoa de Nasser, em quem a opinião pública via o inimigo mais encarniçado e mais perigoso do Estado judaico, os meios políticos receiam as «aventuras» para que poderiam deixar-se levar os seus sucessores. Aliás, alguns elementos ultras de Israel poderiam também ser tentados a aproveitar a confusão no campo árabe para tentar restabelecer em proveito de Israel um equilíbrio, segundo eles quebrado, pela instalação de misseis junto ao Canal de Suez.

De momento, se a morte subita de Nasser surge como carregada de riscos mais ou menos potenciais, é práticamente certo que, de parte a parte, tanto em Israel como nas várias facções do campo árabe, todos se absterão de iniciativas que possam parecer uma tentativa para tirar proveito do desaparecimento do «Rais», desaparecimento que causou já uma imensa emoção, não só no mundo árabe, como em todo o «terceiro mundo», mesmo antes de a História pronunciar o veredito final sobre a personalidade e o papel de Nasser.

NASSER SOFRERA JÁ NO ANO PASSADO UMA CRISE CARDÍACA

CAIRO, 29 — (F. P.) — O jornal oficioso «Al Ahram» revela que o presidente Nasser já tinha tido uma crise cardíaca em Setembro do ano passado, mas que, por diversas razões, anunciara estar com gripe.

Apesar deste primeiro ataque, o presidente continuou a trabalhar 14 horas por dia, contra o conselho dos médicos. Depois de uma visita do célebre cardiologista soviético dr. Chazov, o presidente Nasser prometeu-lhe que faria um tratamento de duas semanas numa clínica soviética e que reduziria as horas de trabalho.

O jornal «Al Ahram» que aparece hoje de manhã tarjado de negro, como toda a Imprensa egípcia, explica em seguida que o presidente da RAU se fatigou extremamente por causa das graves circunstancias que o mundo árabe atravessa.

A alguém que se inquietava com a sua saude no momento da reunião cimeira do Cairo, o presidente Nasser respondeu nestes termos: «Estão a morrer homens, mulheres e crianças... Todos nós, neste mundo, andamos numa corrida contra a morte».

Por fim, o jornal indica que o presidente Nasser será inumado na nova mesquita de Manchiet El Bakr.

O PRESIDENTE TRATOU-SE POR DUAS VEZES NA UNIÃO SOVIÉTICA

PARIS, 29 (F. P.) — Alto, com 1,82 metros, de forte compleição, 90 kg., o presidente Nasser tinha visto nos ultimos anos a sua saude deteriorar-se inexoràvelmente. Sofria nomeadamente de uma artrite diabética que o obrigara a tratar-se por duas vezes na URSS.

A tensão constante a que era submetido, o trabalho colossal que impunha a si mesmo, o abuso do tabaco (fumava diàriamente 60 a 80 cigarros), contribuiram para o agravamento do seu mal.

Em 1967, fora forçado a renunciar aos seus desportos favoritos: o ténis e á natação. Ás vezes, tinha até dificuldade em andar.

Um tratamento de três semanas na estação termal de Tshaltubo, na URSS, restabelecera-o práticamente em Setembro de 1969, depois de uma suposta gripe que contraira no principio do mês, pouco antes da abertura da «pequena cimeira» árabe do Cairo. Nessa conferência, o golpe de Estado na Líbia e a crise no Médio Oriente impediram-no de respeitar o repouso total que os médicos acabaram por lhe impor em 18 de Setembro.

Em 5 de Julho de 1970, o chefe do Estado egipcio foi novamente internado na aldeia de Perfika (a 25 km de Moscovo) para se submeter a novos exames.

Regressara ao seu país em 17 de Julho, alguns dias antes da sua aceitação do plano Rogers.

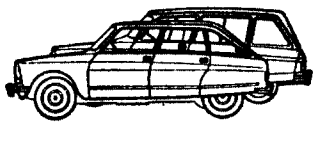
Desde o principio do mês de Setembro, a extrema gravidade da situação na Jordânia não lhe tinha deixado um momento de descanso e foi no momento em que acabava de se concluir um acordo acerca dos problemas jordano-palestinianos que uma crise cardíaca o atingiu. Esta, segundo os seus médicos, foi provocada por uma trombose coronária, isto é, pela formação de coágulos de sangue nas veias que irrigam o coração.

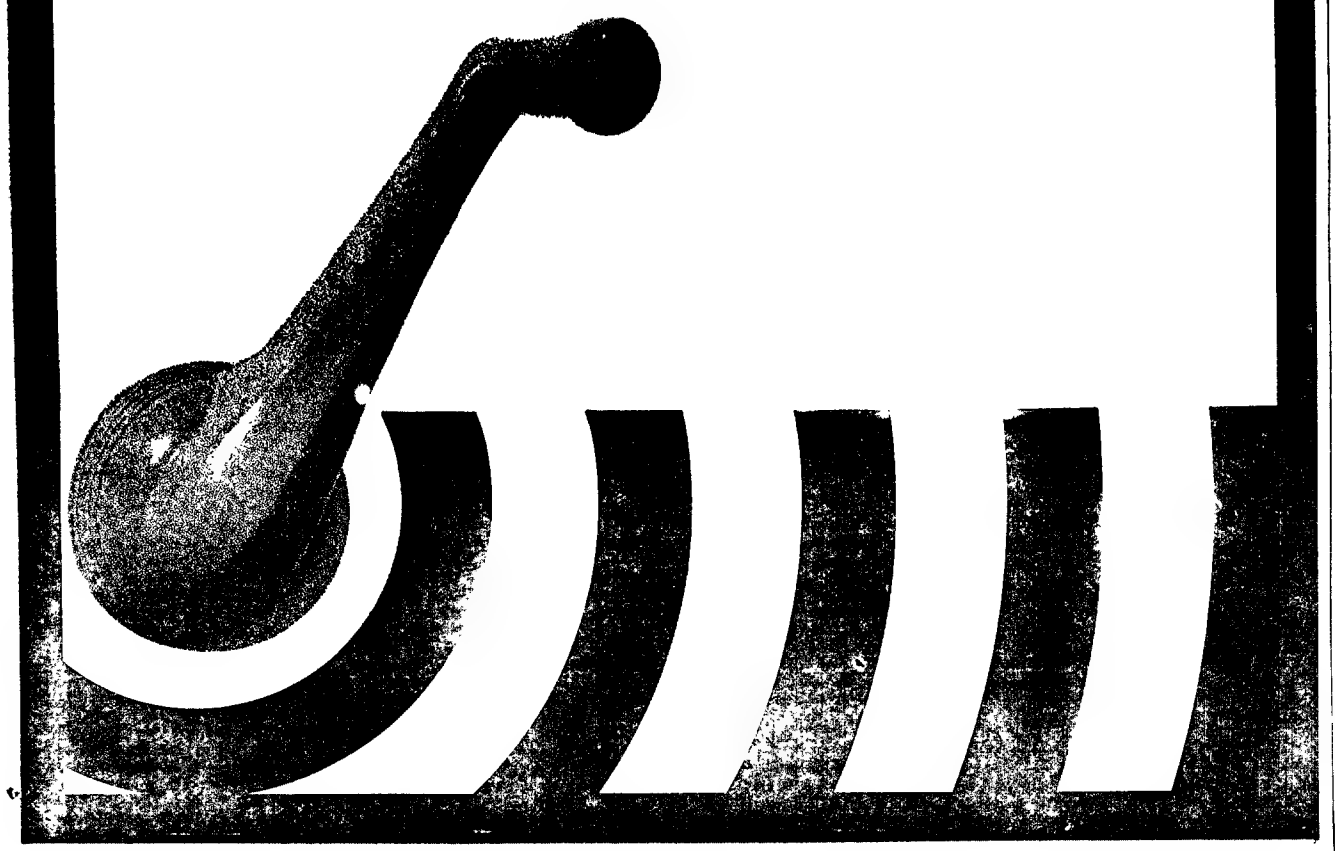
CITROËN

Festejamos o nascimento de mais um AMIGO. É já o milionésimo. Sentimo-nos felizes e com a satisfação própria de quem cumpre o seu dever. Para se produzir um milhão de carros de um modelo é preciso que ELE tenha a aceitação do público. E para isso é preciso que ELE reúna o conjunto das qualidades que fazem decidir o comprador mais exigente. Tinhamos de oferecer-lhe um presente. De escolha difícil pois o nosso AMIGO em de tudo. Ou quase tudo! Faltavam-lhe as janelas de descer. Para um ainda maior conforto de condução. Pequeno argumento entre as suas grandes qualidades: janelas de descer e muito espaço por dentro para pessoas e bagagem, janelas de descer e o conforto e segurança Citroën, janelas de descer e travões de disco, janelas de descer e 35 cavalos, janelas de descer e a suspensão Citroën, janelas de descer e 6,5 litros aos 100 km., janelas de descer e tracção à frente, janelas de descer e... etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., mini-consumo e maxi-conforto só com o CITROËN AMI-8.

ami8

COM JANELAS DE DESCER





Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Actualidade internacional

NOTA INTERNACIONAL

GAMAL ABDEL NASSER

Morreu Gamal Abdel Nasser. Quem tenha acompanhado mínimamente os acontecimentos mundiais desta segunda metade do século XX, não pode deixar de sentir que acaba de desaparecer alguém que esteve presente no seu dia-a-dia, quase ininterruptamente, durante 16 anos. Obscuro coronel num país miserável e colonizado, Nasser elevou-se á categoria de grande estadista, de símbolo da emancipação do seu povo e do povo árabe. O peso de Nasser fez-se ainda sentir entre os países do Terceiro Mundo.

Nasser determinou o seu futuro desde muito jovem. O seu desejo de independência para o Egipto levou-o á política, nos moldes tradicionais egípcios. Cedo, porém, se deu conta que esse não era o caminho que poderia levar o país á emancipação. Entendeu então que só o Exército poderia modificar radicalmente a situação. Inscreveu-se, com alguns amigos, na Academia Militar. Entrou só á segunda tentativa. Esse grupo — os «oficiais livres» — esperou até 1952. Nesse ano derrubou a monarquia corrupta de Faruk, com um golpe de Estado que pode considerar-se dos menos sangrentos. Morreram apenas dois soldados. Ao que parece tinham entendido mal uma ordem.

Daí em diante, a estrela de Nasser começou a subir.

Em 1956, o Governo egípcio toma conta do Canal do Suez. É a guerra. Com o apoio da URSS, os egípcios obrigam franceses, ingleses e israelitas a retirar.

A revolução egípcia — que de uma revolução se trata, pois o poder passou de uma classe para outra e até para outra nacionalidade — não perde, no entanto, o seu carácter nacionalista e, até, pequeno burguês.

O «leader», o «rais», é factor determinante em quase todos os acontecimentos que daí para diante vão ocorrer no país dos faraós. Até fora do Egipto, o prestígio de Nasser influencia a vida nos países árabes. Revoluções sucedem-se em catadupa. Colónias tornam-se estados independentes. A sombra de Nasser está sempre presente.

Mas Nasser exerceu o poder de uma forma demasiado pessoal. O Exército, apesar de muito depurado depois da guerra de 1967, é a única força do país. A União Socialista Árabe, partido único no Egipto, não é um partido revolucionário, nem mesmo um partido no sentido que normalmente se dá a essa palavra. Ela aglomera pessoas das tendências mais diversas, representando algumas classes.

O facto de estarem no Egipto militares soviéticos e do país depender da ajuda do Kremlin pode não ser determinante para o futuro. Só agora poderemos, de facto, ver até que ponto Nasser modificou a máquina estatal. Até que ponto acautelou o futuro das suas ideias.

Nasser era um homem muito doente. Sabia que o fim podia vir de um momento para o outro. É natural que tenha pensado no futuro da RAU e dos árabes depois do seu desaparecimento.

Morreu uma enorme figura do nosso século. Terá também morrido tudo o que ele representou? Por certo que não.

AVC

NASSER — 16 anos no Poder

Moscovo reafirma o apoio aos árabes

(Continuação da 1.ª página)

A comunicação lida na Rádio Moscovo indicava ainda, que o movimento de acordo político no Médio Oriente pelo qual Nasser tinha lutado continuaria a ter o apoio total da União Soviética

O comunicado foi lido imediatamente depois de Rádio Moscovo ter anunciado a morte do presidente, no boletim de notícias do meio-dia. Só a esta hora o povo soviético teve conhecimento, através dos meios de Informação nacionais, da morte do homem que a U. R. S. S. tinha apoiado com auxílio e armamento, no Médio Oriente. A emissora deu um comunicado solene da morte de Nasser, seguido por uma biografia lida por um dos principais locutores.

ESTADO DE EMERGÊNCIA NA FRENTE DO CANAL

CAIRO, 29 — (F. P.) — O vice-presidente da República, El Sadate, decidiu, após a morte de Nasser, reunir-se com os mais próximos colaboradores do presidente, que tomaram as seguintes decisões:

1) Proclamar o estado de extrema emergência na frente, para enfrentar qualquer eventualidade.

2) Convocar o Supremo Comité Executivo da União Socialista Árabe e o Conselho de Ministros para uma reunião urgente.

3) Transferir os restos mortais do presidente Nasser para o palácio de Kubbeh

4) Marcar para a próxima quinta-feira a data do funeral do presidente Nasser, de maneira a permitir que assistam á cerimónia os chefes de Estado que assim o desejarem.

NÃO É PROVÁVEL A IDA DE NIXON AO CAIRO

A BORDO DO SARATOGA, 29 — (F. P. e R.) — O presidente Nixon desistiu hoje de uma das principais finalidades da sua viagem á Europa por causa da morte subita do presidente Nasser.

Depois de ter sabido ontem á noite, a bordo deste porta-aviões no Mediterrâneo, da morte do dirigente egípcio, Nixon ordenou o cancelamento das manobras da Sexta Esquadra, que estavam projectadas como uma importante exibição do poderio naval norte-americano no Mediterrâneo, face ao aumento constante da presença soviética.

Por outro lado, a sua ida á Jugoslávia apresenta-se duvidosa aos observadores. Nixon devia encontrar-se com o presidente Tito em Belgrado amanhã e na quinta-feira, mas Tito era amigo pessoal de Nasser e é natural que pretenda deslocar-se na quinta-feira ao Cairo, para assistir ao funeral.

Círculos chegados á Casa Branca não consideram, entretanto, provável que Nixon vá ao Cairo.

Recorda-se que não há relações diplomáticas entre o Cairo e Washington desde a «guerra dos seis dias», apesar de ter surgido um frágil entendimento aquando da aceitação por Nasser do plano Rogers. No máximo, indica-se que o presidente Nixon poderá delegar no seu secretário de Estado, William Rogers.

A inesperada notícia da morte de Nasser surgiu ao fim de um dia muito ocupado em que o presidente Nixon conferenciou com o Papa e com os dirigentes italianos, principalmente sobre os problemas do Médio Oriente.

MARCHA DE LUTO DOS ÁRABES DE JERUSALÉM

JERUSALÉM, 29 — (R.) — Milhares de árabes marcharam hoje pela cidade velha de Jerusalém, em sinal de luto pelo presidente Nasser.

A Polícia israelita, com guardas a cavalo, impediu a multidão de prosseguir a marcha no sector judaico da cidade.

Nas escolas, as crianças romperam em pranto quando o nome de Nasser foi mencionado. A Polícia israelita está de prevenção para evitar disturbios.

A maior parte dos árabes que tomaram parte na marcha iam vestidos de preto e alguns levavam grandes cartazes negros e fotografias de Nasser. Outros gritavam «Deus é grande» e estribilhos contra o rei Hussein da Jordânia.

SADAT: UM DOS «DOZE»

Nascido em 1918 numa aldeia do sul do delta do Nilo, Anuar El Sadat entrou para a escola militar do Cairo em 1938, ao mesmo tempo que o futuro presidente Gamal Abdel Nasser.

Na segunda guerra mundial militou contra a ocupação britânica, organizando diversas operações de sabotagem. Foi preso então, mas conseguiu evadir-se e desapareceu até á abolição da lei marcial em 1945. Esteve novamente preso, e deixou o Exército em 1948 Tornou-se jornalista na revista «Al Mussasar». Finalmente, em 1950 regressa ao Exército.

A partir desse momento, entrou em todas as conspirações tendentes a derrubar o rei Faruk, e em 26 de Julho de 1952, data que deveria levar ao poder o grupo dos «oficiais livres» o capitão Anuar El Sadat apossou-se da emissora e da central telefónica. Juntamente com Hussein El Chafei, membro da Comissão Executiva da União Socialista Árabe, é o ultimo representante do grupo dos doze oficiais que subiram ao poder em 1952.

Durante os anos 1952-56, quando a monarquia foi abolida e proclamada a Republica, manteve-se sempre na sombra de Gamal Abdel Nasser. De 1957 a 1961, foi primeiro secretário-geral e depois presidente da União Socialista Árabe (partido unico da Rau). Foi depois membro da presidência do Conselho de 1962 a 1964. Em 1967 foi eleito presidente da Assembleia Nacional, continuando no entanto membro do Conselho Executivo Supremo da União Socialista Árabe.

Com este titulo presidiu á conferência afro-asiática do Cairo em 1958. O presidente Nasser confiou-lhe numerosas missões no estrangeiro, onde o representou como vice-presidente da Republica. Foi assim que se dirigiu nomeadamente a Damasco para tentar renovar os elos entre a Síria e a Rau, a Rabat á Conferência Islâmica Cimeira, a Tripoli, Kartun e sobretudo Moscovo, onde conduziu negociações difíceis em 1969.

Livro de condolências na Embaixada da Grécia em Lisboa

Pode ser assinado um livro de condolências pela morte do presidente da RAU Gamal Abdel Nasser, na secção dos interesses árabes da embaixada da Grécia, na Av. das Descobertas, 15, das 10 ás 13 e das 16 ás 19 horas. O livro estará á disposição de quem o queira assinar hoje e amanhã.

«Nasser, quem te matou?»

CAIRO, 29 — (F. P.) — Caiu agora sobre a capital egípcia um silêncio estranho.

Toda a vida desta imensa metrópole de dez milhões de habitantes passou para junto da casa do presidente morto e do palácio de Kubbeh, onde o seu corpo está exposto. Encontra-se ali reunidas centenas de milhares de pessoas que gritam: «Nasser, tu não morreste», «Nasser, tu ainda estás vivo», «Nasser, quem te matou?».

NOVIDADES

INTRODUÇÃO À PEDAGOGIA
A utilíssima obra de JEAN GIRAUD
Col. «Universidade Moderna», Volume 9, 50$

NOS SEUS OLHOS DE SILÊNCIO
Novos poemas de ANTÓNIO RAMOS ROSA
Col. «Cadernos de Poesia», Volume 14, 25$

AS ANDORINHAS NÃO TÊM RESTAURANTE
As primeiras prosas de ALEXANDRE O'NEIL
Col. «Cadernos de Literatura», Volume, 7, 25$

O IMPACTE PORTUGUÊS SOBRE A CIVILIZAÇÃO JAPONESA
Por ARMANDO MARTINS JANEIRA
Um passado surpreendente e a sua projecção polémica num futuro possível
Col. «Documentário», Volume 8, ilustrado, 65$

CASA NA DUNA
Mais um volume das obras de CARLOS DE OLIVEIRA
Col. «Obras de Carlos de Oliveira», Volume 3, 50$

E

A MINHA ALMA NÃO ESTÁ À VENDA
O livro de BERNADETTE DEVLIN
Col. «Documentário», Volume 9, ilustrado, 60$

publicações dom quixote
RUA LUCIANO CORDEIRO 119

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

CURSOS TÉCNICOS DE
DECORAÇÃO • PINTURA
ARTES DECORATIVAS
CERÂMICA • ESMALTAGEM
ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS
ESCOLA PAIXÃO
AV. ALMIRANTE REIS, 58, 3.º E. — TELEF. 5 27 26

ROTARY CLUBE DE LISBOA

Presidida pelo sr. dr. Ruy Pires Branco realizou-se hoje, no Hotel Tivoli, mais uma reunião semanal do Rotary Clube de Lisboa.

Na altura própria o presidente deu a palavra ao palestrante da sessão sr. prof. dr. Salazar Leite que abordou vários assuntos e teceu diversas considerações subordinadas ao tema «Informação Rotária».

O protocolo — apresentação dos visitantes, convidados e rotários estrangeiros — esteve a cargo do sr. eng. Xavier de Quadros, tendo desempenhado os serviços de secretaria o sr. prof. dr Erasmo Chaves.

Amanhã no Estoril

CONGRESSO INTERNACIONAL DO TERMALISMO

Cerca de 250 especialistas de vinte países participam no Congresso Internacional do Termalismo e Climatismo Médicos que amanhã é inaugurado no Palácio dos Congressos no Estoril.

A sessão inaugural, marcada para as 18 horas, é presidida pelo ministro das Corporações e da Saúde, dr. Baltazar Rebelo de Sousa, em representação do Chefe do Estado.

O congresso, que tem o patrocínio do sr. Presidente da República e dos ministros dos Negócios Estrangeiros, da Educação Nacional, das Corporações e da Saude e dos secretários de Estado da Informação e Turismo, da Indústria, do trabalho e Previdência e da Saúde e Assistência, reveste-se de particular importância na medida em que é cada vez maior o interesse manifestado em todo o mundo pelo aproveitamento das estâncias termais e climáticas.

Cursos do I. N. I. I.

PORTO, 29 — O Instituto Nacional de Investigação Industrial vai promover, nesta cidade, no próximo mês, diversos cursos e seminários integrados no seu plano geral de actividades de formação e aperfeiçoamento.

A esposa do director-geral da Singer colocando em Maria do Rosário a faixa de vencedora do concurso

Apurada a vencedora do concurso de costura Singer

Está apurada a vencedora do XIV Concurso Internacional de Costura Singer, promovido por aquela organização, com a colaboração de todas as suas delegações espalhadas pelo País. No desfile das finalistas participaram Maria do Rosário (de Algueirão-Sintra), Anabela (Lisboa), Graça Maria (Funchal), Dulce da Graça (Camara de Lobos), Maria da Conceição (Porto), Maria de Lourdes (Santarém), Maria Adelaide (Golegã), Rosa Maria (Santarém), Anabela (Portalegre), Maria de Fátima (S. Mamede de Infesta), Maria Celeste (Porbimão), Maria de Fátima (Peso da Régua), Maria Margarida (Aveiro), Maria Manuela (Ponta Delgada) e Ana Maria (Lisboa).

O desfile teve por cenário o Wonder-Bar, onde foi realizado o jantar que reuniu muitas dezenas de convidados e foi presidido pelo sr. Eduardo Montez Nery, director-geral da Singer em Portugal. O juri, constituído por Beatriz Costa e Millu (actrizes), Octávia e Ana Maria Lucas (manequins, a ultima com o título de «princesa da Europa» no recente concurso internacional de beleza, eng. Rudolph Trié e locutora Isabel Wolmar, chegou a hesitar na escolha que se apresentava difícil, tais os pontos de aproveitamento e classificação das finalistas apuradas em semifinais realizadas no Porto, Tomar, Lisboa, Funchal e Ponta Delgada.

Foi finalmente proclamada vencedora a concorrente Maria do Rosário, do Algueirão. Estava, pois, designada a jovem que iria realizar a ambicionada viagem a Londres e aos Estados Unidos, onde voltará a desfilar, desta vez com as vencedoras de idênticos concursos Singer realizados em vários países e para disputa do título mundial.

Estes concursos foram iniciados há catorze anos pela organização Singer, promovendo-se então, apenas, em várias cidades dos Estados Unidos. Começaram a promover-se na Europa este ano, pela primeira vez, mas com êxito assinalável, registando elevado numero de participantes, entre as quais se apuraram as finalistas com quem Maria do Rosário irá competir.

NITRATOS DE PORTUGAL

S. A. R. L.

Capital Esc. 200 000 000$00

RUA DOS NAVEGANTES, 48 e 53

LISBOA-2

AVISO

Obrigações de 5 % — 1960

PAGAMENTO DE JUROS

Informam-se os Senhores Obrigacionistas de que o pagamento de juros referentes ao cupão n.º 20, se efectua a partir do dia 2 de Outubro, nos seguintes estabelecimentos de crédito:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA
BANCO DA AGRICULTURA
BANCO DO ALENTEJO
BANCO DE ANGOLA
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO DE FOMENTO NACIONAL
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO TOTTA & AÇORES
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

O valor do referido juro, depois de deduzidos os impostos aplicáveis, é o seguinte:

Esc. 21$31,75 por cada obrigação nominativa
Esc. 16$04,76 por cada obrigação ao portador (cupão n.º 20)
Esc. 21$51 por cada obrigação ao portador registada (cupão n.º 20)
Esc. 24$80,75 por cada obrigação averbada ao Fundo de Reserva de Associações de Socorros Mútuos.

Lisboa, 23 de Setembro de 1970

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da 13.ª página)

papel químico. Vai ali um barco com gente dentro. Gente igual a milhares, a milhões de telespectadores. Há ali uma veia que lateja.

Isto é uma lição. Uma indicação: a de que o caminho para o êxito, na televisão, está no encontro com a vida, com a realidade, com o humano, temporal como todo o humano que se preza. As múmias ajudam a compreender a história do Egipto, mas não ajudam a amar o povo egípcio. Ramsés está longe e frio...

Devem lembrar-se que o primeiro concorrente, ontem, já perto dos cinco minutos, perdeu a jeitosa maquia porque «a fábrica *não* produz cimento». Lembram-se?

«Curto-Circuito» também é uma fábrica que não produz televisão. A falta de ritmo, a ausência de uma maneira original, pessoal de captar o que se passa, o insignificativo, o descabido das colheitas na plateia enxertadas no espectáculo do palco, o provincianismo rotineiro dos enquadramentos — tudo isso faz do trabalho de Hélder Mendes algo de não digno de levar a sua assinatura. Sem sombra de dúvida: ele não é um realizador de salão.

FARENSE: UM CASO DE MENTALIZAÇÃO MÚTUA

Já não sei quantas vezes Manuel de Oliveira veio á Televisão. Nessa actividade, deve ter o *record*. Ontem, mais uma vez. No «Momento Desportivo». Agora como treinador do Farense, que antes de ontem derrotou Joaquim Meirim por um a zero. Como todos sabem, evidentemente. As grandes notícias andam depressa.

Manuel de Oliveira, nas calmas, conta como foi. Não, realmente não foi fácil. *A propaganda feita á volta do encontro originou uma certa intrinquilidade*. Ele, porém, soube mentalizar os jogadores, e os jogadores souberam mentalizá-lo a ele. Os rapazes estiveram á altura. O Nunes, esse, cumpriu integralmente e oxalá assim seja. Claro, há o tempo pelado, mas o campo pelado não é desculpa passa ninguém. O Farense fez 10 aquisições, os dirigentes são formidáveis, em especial o sr. Aníbal Guerreiro, que leva as coisas a peito. De tal modo que...

(ATENÇÃO!)

...de tal modo que, *passada esta tempestade do Campeonato Nacional, o Farense vai fazer uma equipa falada em Portugal.*

Ainda bem, homem. Ainda bem. O Campeonato precisa. O futebol português no mundo precisa. O Algarve (sobretudo o Algarve!) precisa e merece. Não se disse como, nem porquê — mas a equipa *tão falada* já está prometida desde ontem. Registe-se para a posteridade.

Conversa. Nada mais do que simples conversa. *Bate-papo*, como diz Artur Agostinho, quando entrevista brasileiros. Nós a pensar que Manuel de Oliveira nos vinha falar das dificuldades de um pequeno clube como o Farense, das suas possibilidades em criar e manter uma equipa profissional, das perturbações que tal facto vai trazer á colectividade e de como espera o clube de Faro governar a casa de pobre com despesas de rico...

Pensámos mal, está claro. A Manuel de Oliveira não compete falar nessas coisas. Compete-lhe mentalizar os jogadores e leva-los a ganhar jogos. Para quê? Para permanecer na primeira divisão. Para quê? Não sei. Que no-lo venham dizer os responsáveis do Farense. Mas depressa. Enquanto não estão cheios de cabelos brancos.

FADO: AFLUENTE DA TRAGÉDIA, MAS DA GREGA

Depois do futebol o que é que havia de vir... Fado, pois claro. Fadistas somos nós todos, ou ainda menos. Renato Mota e Natércia Maria vieram ontem em representação de uma numerosíssima e pluricentenarissima classe: aquela que, desde o trovadorismo mais ou menos galaico, se queixa, se queixa, se queixa.

Renato Mota, vibratil de sensibilidade, á flor da pele, dos olhos e das mangas do casaco, queixa-se de seu muito desespero:

«A esperança está perdida
pobre bordão desta vida
que me foge pouco e pouco».

Pode pensar-se que se trata de uma doença passageira, capaz de se curar com uns sinapismos, um copo de leite com mel ou umas benzeduras de espinhela caída. Não, senhor. O caso é mesmo grave. Sempre com execessivos requebros na voz dolente, acompanhados com melancólicos e pesarosos fechares de olhos, o fadista dá-nos conta da sua irremediável incurabilidade:

«Tenho a alma envelhecida,
ando a viver de saudade

Quanto a Natércia Maria, cheguei a assustar-me mesmo mesmo. Imaginem uma figura magra, franzina, magra, solenemente vestida, ali á nossa frente a torcer desesperadamente as mãos, como se estivesse a treinar-se para uma sorte de ilusionismo. Uma pessoa fica a pensar o pior. O que terá acontecido? Desde a «Castro» que apanhámos o vício secreto da tragédia grega. Eu cá, quando vejo uma figura solene, hierática, a torcer as mãos, eu cá é logo de Medeia para cima.

O caso, felizmente, não era muito grave sosseguem. Aquilo é tudo... ilusionismo. No fundo, Natércia Maria até queria render homenagem ao amor, através de versos tão expressivos como:

Amar é ser torturado
pela chama do ciume
é sofrer resignado
é sufocar o queixume
com um sorriso forçado.

E não passamos disto. Desde os galaicos, imaginem. Queixumes, queixumes e queixumes. Que, palavra de honra, para rimar com *ciúmes* (este sentimento tão nosso, tão português, tão próprio da nossa raça) ainda não se inventou nada melhor. É o nosso fado.

Um tractor de manobras provocou atrasos na linha de Sintra

Cerca das 6 horas de hoje, um acidente com um tractor de manobras, segundo nos informaram da C. P., ocorrido na estação de Campolide, obrigou a um corte de corrente que provocou grandes atrasos nos comboios da linha de Sintra.

Precisamente numa hora de ponta, os comboios deixaram de circular, causando prejuízos a milhares de pessoas que se dirigiram para os seus empregos.

A primeira composição que saiu do Cacém, uma vez concertada a avaria, fê-lo às 8 e 50.

Na estação do Rossio, entretanto, e já restabelecido o tráfego, milhares de pessoas procuravam táxis e outros meios de transporte no intuito de chegar ao respectivos empregos o mais depressa possível. Gerou-se um ambiente de grande confusão.

Os utentes da linha de Sintra, no entanto, já deviam estar habituados a estes contratempos, que tão amiúde se registam.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

COMEÇA ESTA NOITE A «SEMANA EUROPEIA»

Setúbal: o esperado passo em frente

O Vitória de Setubal defronta esta noite, no Estádio do Bonfim, a equipa suiça do Lausanne, jogo da segunda «mão» da primeira eliminatória da «Taça das Feiras». Como se sabe, no primeiro encontro, em Lausanne, os setubalenses ganharam por 2-0.

Este será apenas o primeiro dos cinco «jogos europeus» da semana. Amanhã estarão em acção as equipas do Sporting, do Benfica, do V. Guimarães e do Barreirense.

Entretanto, todas as equipas obrigadas a deslocação já se encontram nos países em que irão actuar. O Barreirense, em Zagreb, mostra-se satisfeito com a hospitalidade que o Dínamo lhe está a dispensar. Só se lamenta o extravio das bolas (que partiram de Lisboa e não chegaram lá).

Barreirense em Zagreb, Sporting em Malta. A viagem decorreu sem problemas e a comitiva «leonina» encontra-se magníficamente instalada no luxuoso Corinthia Palace Hotel, em San Anton. Da recepção, tempo magnífico e muito semelhante ao que tem vindo a verificar-se em Lisboa, e ausência de problemas — pois Dinis, único jogador sportinguista ligeiramente «tocado» no embate de Matosinhos, encontra-se totalmente recuperado e apto a alinhar. O jogo está marcado para as 15 e 30 de amanhã — e, entretanto, hoje, realizar-se-á no mesmo campo («pelado»), o Empire Staleum, um outro encontro europeu, a contar para a «Taça das Taças», entre uma equipa maltesa e outra jugoslava. Findo esse encontro, os «leões» procederão a uma ligeira adaptação ao terreno.

De Malta para Angoulême, onde o Vitória minhoto já se encontra, após uma viagem mista — de avião e de comboio. Para hoje, está previsto um ligeiro treino. Todos os elementos da equipa vitoriana se encontram em excelentes condições — e até mesmo Bernardo da Velha, cuja utilização esteve em dúvida, parece recuperado. O treino de hoje servirá de «teste» definitivo.

Hoje, em Setubal, o Vitória local apresta-se para defrontar o Lausanne, á noite. O ambiente é de confiança, mas Pedroto já avisou que não podia considerar a eliminatória ganha. Entretanto, a preparação dos sadinos tem-se processado de acordo com os moldes habituais, e a equipa não tem quaisquer problemas a resolver... para além do próprio jogo, como é evidente. Os suíços já chegaram, e encontram-se instalados no Muxito, tendo declarado que vêm dispostos a ganhar o jogo. Claro que o Vitória terá algo a dizer sobre o assunto...

Finalmente, de Setubal para Lisboa, a fim de terminar a ronda. Na Luz realizar-se-á, na noite de amanhã, o único encontro que começa efectivamente empatado. Benfica e Olimpija, na busca de um resultado que lhes possibilite continuar em prova. Os «encarnados» estão em Carcavelos, e os húngaros também. Hagan deu treino ontem (duro, á sua maneira) e hoje repetirá a dose. Benfica na máxima força, sem problemas e cônscio de que o jogo não será fácil. Entretanto, o Olimpija preencherá o dia de hoje com um programa variado (social-turístico) e treinará no Estádio da Luz ás 19 e 30.

Resta aguardar para ver. O primeiro passo foi bom... e espera-se que o segundo corresponda.

As equipas

Salvo qualquer alteração da última hora (sempre possível), as equipas portuguesas deverão apresentar:

BENFICA — José Henrique; Malta da Silva, Humberto, Zeca e Toni; Matine e J. Graça; Artur Jorge, Eusébio, Torres e Simões.

Suplentes — *Fonseca, Barros, V. Martins, Nené e Diamantino.*

V. SETÚBAL — Torres; Rebelo, Cardoso, José Mendes e Carriço; Pedro, José Maria (ou Octávio) e Vagner; Guerreiro, Vítor Baptista e Jacinto João.

Suplentes — *Vaz, Conceição Correia e Arcanjo.*

VITÓRIA DE GUIMARÃES — Gomes, Artur, Costeado, Joaquim Jorge e Silva; Bernardo da Velha, Peres e Osvaldinho; Zézinho, Ademir e Mendes.

Suplentes — *Rodrigues, Torres, Augusto e Teixeira.*

BARREIRENSE — A formação da equipa não está ainda decidida, mas sairá dos seguintes 15 jogadores:

Bento, Azevedo (guarda-redes); Candeias, Almeida, Bandeira, Murraças e Serra (defesas); Valter, João Carlos, José João, Mira e Nelinho (médios); Serafim, José Carlos e Câmpora (avançados).

SPORTING — Damas; Pedro Gomes, Caló, José Carlos e Hilário; Gonçalves e Peres; Mário, Tomé, Nelson e Dinis.

Suplentes — *Carvalho, Celestino, Pedras, Manaca e Lourenço.*

AGENCIA ABREU
PASSAPORTES
Av. Liberdade, 160

DO MUNDO

BOXE

● **O português Carlos Almeida foi vencido pelo italiano Bruno Arcari, campeão do mundo de «devíssimos». O árbitro suspendeu o combate ao 2.º assalto, por inferioridade física do português.**

FUTEBOL

● **O Vasco da Gama, que recentemente conquistou o título de campeão de futebol da Guanabara, perdeu ontem com o Botafogo, no torneio dotado com a «Taça de Prata» em que participam as melhores equipas do Brasil.**

I. N. E. F.

Para uma análise aos métodos de ensino actualmente utilizados no Instituto Nacional de Educação Física, reunem-se amanhã, ás 15 horas, professores de Educação Física e actuais alunos daquele estabelecimento de ensino.

Entretanto, a demissão do director — professor João Infante — também contribui para trazer a um primeiro plano de interesse e actualidade.

a Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

1? X? 2?...

Estes são os treinadores dos dois Vitórias: Pedroto (Setúbal) e Jorge Vieira (Guimarães), timoneiros das suas equipas nos desafios do próximo domingo, respectivamente contra o Sporting e o Benfica. Jogos cujos resultados muito interessam aos adeptos dos clubes — e aos totobolistas...

1x2 totoBOLA

O concurso do próximo domingo

... Serão vitórias do Benfica e do Sporting nos jogos com os Vitórias (de Guimarães e de Setubal)? Essas são apenas duas das treze duvidas do concurso do Totobola. Vamos tentar ajudar os vaticínios, lembrando o que tem sido a carreira das 26 equipas em causa nos campeonatos que stão a disputar-se há três domingos.

1.ª DIVISÃO

1. ACADÉMICA — 3 pontos. Nos jogos «fora», empate e derrota; em «casa», triunfo sobre o V. Setubal.

FARENSE — 4 pontos, de duas vitórias em «casa». Um jogo «fora»: derrota na Póvoa.

2. CUF — 2 pontos, de vitória em casa sobre o Leixões. Perdeu nas «saídas».

VARZIM — 4 pontos, de duas vitórias no seu campo. Perdeu em Setubal.

3. SPORTING — 5 pontos. Duas vitórias «fora», empate em «casa» (Benfica).

V. SETÚBAL — 4 pontos. Vitórias em «casa», derrota em Coimbra.

4. GUIMARÃES — 2 pontos. Um empate em «casa» (Tirsense), derrota e empate nos jogos «fora».

BENFICA — 5 pontos. Duas vitórias em «casa», empate como visitante (Sporting).

5. PORTO — 4 pontos. Nas Antas, uma vitória sobre o Belenenses. Como visitante, uma derrota e uma vitória.

BARREIRENSE — 1 ponto, proveniente de empate no seu campo, onde conta também uma derrota. Uma «saída»: derrota no campo do Boavista.

6. BELENENSES — 2 pontos do unico jogo em «casa» (V. Guimarães). Fora, duas derrotas por 0-1.

TIRSENSE — 3 pontos. «Fora», um empate (Guimarães); em «casa», vitória e derrota.

2.ª DIVISÃO

ZONA NORTE

7. SANJOANENSE (3 pontos) — Em casa: empate (Salgueiros); «fora»: derrota e vitória.

BRAGA (5 p.) — Uma vitória «fora» (Vizela), vitória e empate em «casa».

8. U. LEIRIA (3 p.) — Três jogos, três empates: uma em «casa» e duas «fora».

VIZELA (1 p.) — Empate «fora» — duas derrotas no seu campo.

9. LAMAS (3 p.) — Vitória em «casa» (Espinho), empate e derrota quando saiu.

SALGUEIROS (3 p.) — Três empates, sendo dois no seu campo e o outro em S. João da Madeira.

ZONA SUL

10. T. NOVAS (2 p.) — Em casa: uma derrota (Montijo); «fora»: vitória e derrota.

SESIMBRA (3 p.) — Como visitante, uma derrota; (Atlético); na situação de visitado, vitória e empate.

11. TRAMAGAL (3 p.) — Vitória em «casa» sobre o Sintrense, derrota e empate «fora».

ATLÉTICO (4 p.) — Duas vitórias no seu campo e derrota no Montijo.

12. OLHANENSE (0 p.) — Três derrotas, uma no seu campo (U. Tomar), duas como visitante.

TORRIENSE (4) — Duas vitórias em «casa», derrota em Peniche.

13. ORIENTAL (4 p.) — Vitória em «casa» (Olhanense) e dois empates «fora».

U. TOMAR (6 p.) — Três vitórias: duas no seu campo,

Nas épocas anteriores...

Nos Concursos n.º 4 das nove épocas anteriores do Totobola verificaram-se as seguintes «chaves»:

61/62 — 112	221	1x1	x111
62/63 — 122	xx2	111	1x2x
63/64 — 111	x21	x11	x121
64/65 — 111	1x2	122	211x
65/66 — 22x	211	1xx	211x
66/67 — xxx	1x2	111	1211
67/68 — 2x2	x1x	x2x	x111
68/69 — 1x2	22x	11x	xx2x
69/70 — 1x2	121	xx1	2112

(a) No jogo n.º 7 nunca saiu o símbolo «2». O símbolo «X» nunca saiu no jogo n.º 12;

(b) O jogo n.º 2 apresentou-se nas últimas quatro épocas sempre com o símbolo «X»;

(c) Nas épocas de 65/66 e 67/68 houve bimilionários. Na época de 68/69 apesar de ter havido dois totalistas coube a cada um mais de mil contos;

VAMOS FALAR DE SISTEMAS...

Apresentamos hoje um sistema misto, isto é, com duplas e triplas.

Sem falha nas fixas e nas duplas obter-se ão 12 resultados certos. A percentagem para o 13 é de 11,11.

As duplas apresentam-se todas para 1-X. No caso de se desejar alterar qualquer dupla para 1-2 bastará substituir, nessa dupla, os símbolos X pelos símbolos «2»; se o que se pretende é a dupla X-2, então há que substituir os símbolos «1» pelos símbolos «2».

O apostador terá de escolher cinco jogos fixos, que repetirá em todos os boletins.

No desdobramento que se segue, os 4 primeiros jogos correspondem ao desenvolvimento das 4 triplas, e os outros 4 são os jogos cobertos com duplas.

Este mesmo sistema, sem qualquer redução, custaria 2592$00.

O desenvolvimento será feito em **9 boletins de 16 apostas.**

1	X	2	1	X	2	1	X	2
1	X	2	X	2	1	2	1	X
1	X	2	2	1	X	X	2	1
1	1	1	X	X	X	2	2	2
1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X
1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X
1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X
1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X

4 TRIPLAS e 4 DUPLAS = 144 Apostas = 288$00

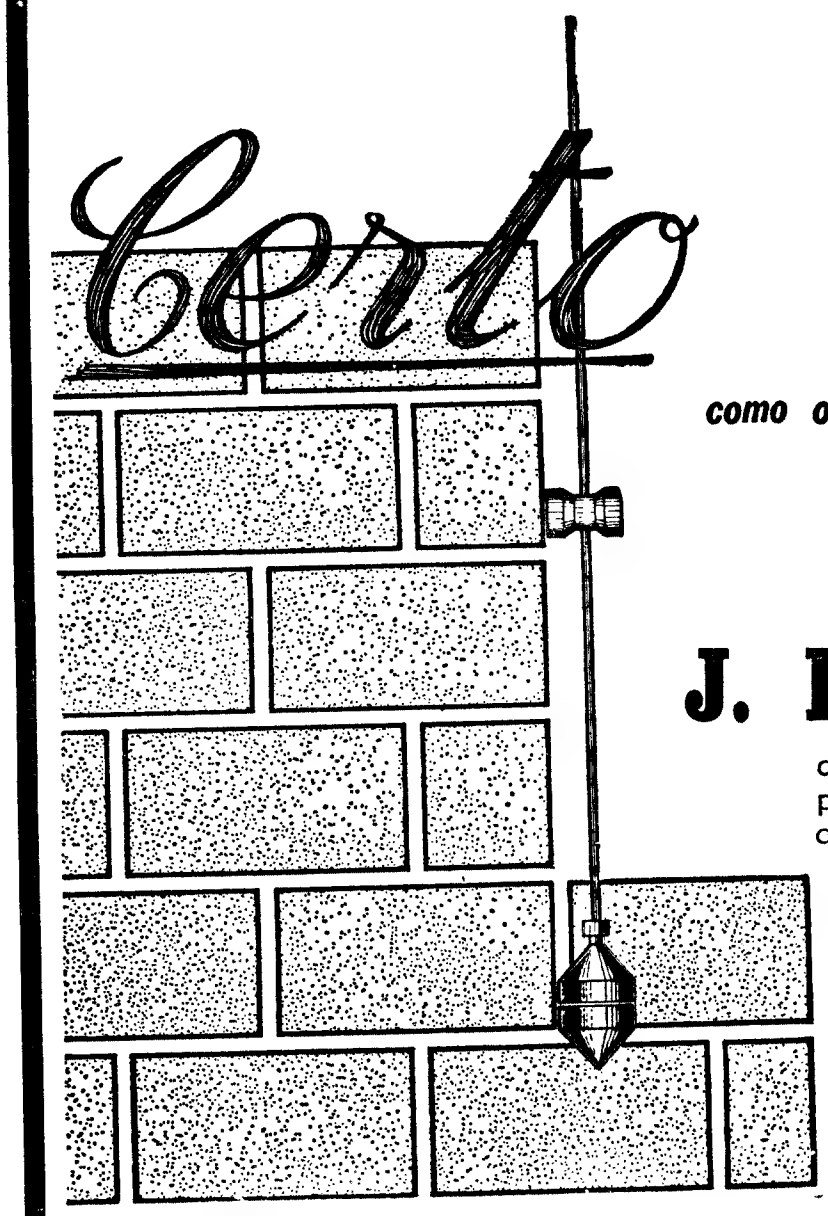
Na escala dos três milhões

Logo no 3.º concurso desta 10.ª época, o montante para prémios excedeu os 6 mil contos — que o mesmo é dizer, mais de 3 mil para cada um dos «escalões» (os «trezes» e os «dozes»).

Sabendo-se que, em outras temporadas totobolísticas, esta verba só era atingida quando estavam já realizados numerosos concursos, tudo leva a crer que o Totobola atingirá em breve a «altitude» dos 4 mil contos para cada prémio, o que tornará ainda mais entusiástica esta «corrida domingueira» de milhões de pessoas, à procura de uma meta chamada — chave.

///

Esta semana não houve premiados com centenas ou milhares de contos. Mas foram muitos os que tiveram direito a um «prémiozinho», que, para os «trezes» se elevou ainda a cerca de treze contos. Muita gente satisfeita com os seus palpites...



como o fio de prumo

é o emprego
de capital
na compra de propriedades

J. PIMENTA, S. A. R. L.

a empresa de construção civil que estuda, projecta, constrói, decora e vende, por preços acessíveis, óptimas propriedades que sabe administrar

PREÇOS DESDE 150 CONTOS

INFORMAÇÕES PARA ALUGUER E VENDA

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º Telefs. 4 5843/4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente Telef. 93 36 70
PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias — Telef. 2 43 35 11
CASCAIS: Rua Regimento Infantaria 19, n.º 39 Telef. 28 25 75
Conjunto Turístico da Pampilheira — Telef. 28 39 88

Só construimos em zonas de rápido desenvolvimento e valorização

ARTIGOS ESCOLARES

MAIS BARATO QUE NAS CANTINAS DAS ESCOLAS E LICEUS

PAPELARIAS EMÍLIO BRAGA

Sede — RUA DA MADALENA, 42
Filiais — RUA ALEXANDRE HERCULANO, 11-C • AVENIDA DE ROMA, 10-E
Depositário — AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 49 EM LISBOA

BRINDES

Descontos de 10 % em todos os artigos escolares excepto em livros, e oferta nas compras superiores a 50$00, a 100$00 e a 250$00.

Só tem direito a estes brindes as compras feitas aos nossos balcões e pagas a pronto, de 1 a 31 de Outubro de 1970. ATENÇÃO: Os livros escolares não tem direito aos brindes.

No aproveitar é que está o ganho.

Enviamos encomendas para a Província contra-reembolso, despesas por conta do cliente.

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 21 49 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

Das 10 às 12 horas e das 17 às 22 horas excepto sábado

PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos
VALENIIM
DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

Em FERREIRA DO ALENTEJO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Lopes.

EXCURSÃO DA C. P.

«DOIS DIAS NO ALGARVE»

EM 4 E 5 DE OUTUBRO

Comunica-nos a C. P. que realiza nos dias 4 e 5 do mês de Outubro, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa ao Algarve, incluindo viagem em comboios de 1.ª classe e um percurso turístico rodoviário às localidades de maior relevo da região.

PREÇOS

Excursão completa 590$00

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124), nas Agências de Viagens autorizadas e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos os programas descritivos.

SECRETARIA NOTARIAL DE VILA FRANCA DE XIRA

Segundo Cartório a cargo do Not. Lic. Maria Helena Santa Rita Rebello da Silva

— Certifico para efeitos de publicação que, por escritura de 24 de Setembro corrente lavrada neste Cartório e exarada de fls. 65 a 67, no livro de notas para «Escrituras Diversas» B-31 foi celebrada uma escritura de «HABILITAÇÃO DE HERDEIROS», por óbito de MÁRIO RAMOS FIGUEIRA, solteiro, maior, natural de Lisboa, freguesia do Socorro, que teve a sua última residência habitual na Rua Fernando Pessoa, 1.º, dto. — Campo Grande — em Lisboa, falecido no dia 19 de Agosto do corrente ano, na freguesia de Pena, da cidade de Lisboa.

Mais certifico que, na operada escritura, foi declarada sua única e universal herdeira, sua Mãe MARIA CELESTE ROSA, que fora casada com MANUEL TESTAS FIGUEIRA, pai do falecido, em primeiras núpcias de ambos e sob o regime da comunhão geral de bens, actualmente casada em segundas núpcias com ANTÓNIO BESSA no regime de separação absoluta de bens, natural da freguesia de Fatela, concelho do Fundão com residência habitual na dita Rua Fernando Pessoa.

Está conforme.

Vila Franca de Xira, aos vinte e cinco de Setembro de mil novecentos e setenta. Rasurado «actualmente casada em segundas núpcias com».

A 3.º Ajudante

Maria da Piedade Lima Martins dos Santos Migalhas

SE TEM AUTOMÓVEL

realize dinheiro s/ hipotecar ou s/ transferir, s/ alterar o seguro, até 40 meses Rua D. Estefânia 81 3.º Dt. — Telef. 40049 563751 Aguardo sua visita ou telefoneme

✝

ROSA MARQUES DE ANUNCIAÇÃO

Participação e Missa do 7.º dia

Sua família cumpre o doloroso dever de participar o seu falecimento e que será celebrada, missa pelo seu eterno descanso, amanhã, dia 30 ás 12.45 horas, na Basílica da Estrela. Agradece desde já a todas as pessoas que se manifestaram ou que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Em PONTE DE SOR o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no CAFÉ RESTAURANTE JARDIM Avenida General Carmona.

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
Às 15.15, 18.15 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
A mais inconvencional comédia do ano
O QUE HÁ DE NOVO GATINHA?
com Peter Sellers, Peter O'Toole, Romy Schneider e Capucine

AVIS
(Adultos) Tel. 47162
Às 15.30 e 21.45
O filme que enterneceu o mundo inteiro!
A PRINCESA
Extraordinária interpretação de GRYNET MOLVIG

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45
Bibi Andersson, Robert Stack, Annie Girardot e James Farentino numa alta comédia em maravilhoso technicolor
A VIDA DE UMA MULHER
O primeiro amor será, de facto, o mais forte?...
AR CONDICIONADO

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
A MULHER JAPONESA
com Gastone Moschios e Mihiko Iwasaki

ROYAL
(M. 12 anos) Tel. 86565
Às 21.30
A GOVERNANTA
OS MOSQUETEIROS DO MAR

CASINO ESTORIL
Às 17 e 21.30 (M. 17 anos)
A MORTE NÃO TEM SEXO
com John Mills e Luciana Palluzi

MONUMENTAL
(M 12 anos) Tel. 555131
Às 15.00 e 21.30
MY FAIR LADY
O filme de 8 «Oscars» o de o melhor filme
com Audrey Hepburn e Rex Harrison

EDEN
PARA TODOS Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
O MUNDO MARAVILHOSO DE MICKEY
Um mundo de graça e fantasia, nos melhores desenhos de sempre de Walt Disney, com Rato Mickey, Pato Donald, Pluto, etc.
TECNICOLOR

VOX
(Adultos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45 h.
DUSTIN HOFFMAN e MIA FARROW
são os inesquecíveis protagonistas da mais bela das histórias de amor!
JOHN & MARY
Um filme de excepção em Panavision e Technicolor
AR CONDICIONADO

LUMIAR
(M. 12 anos) Tel. 795296
Às 21 horas
EMBOSCADA NA SOMBRA
O CANGALHEIRO E AS VIÚVAS

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
SÓ HOJE E AMANHÃ: ÚLTIMAS
com o famoso ídolo
JEAN-LOUIS TRINTIGNANT
O GRANDE SILÊNCIO
...da neve encharcada de sangue saiu um vingador silencioso...
——— Eastmancolor ———

IMPÉRIO
(Adultos) Tels. 555134/5
Às 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
METROCOLOR
OMAR SHARIF e ANOUK AIMÉE
Acender o ciume dele? Provar o amor dela?
O RENDEZ-VOUS
Um filme de SIDNEY LUMET

ESTÚDIO
Às 15.30, 18.30 e 21.45
(M. 12 anos)
O filme de CARLOS SAURA que obteve o Urso de Prata no Festival de Berlim e premiado em Veneza, S. Francisco, Acapulco, etc
A CAÇA

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
a obra fundamental de Joseph Losey
O CRIADO
(The Servant)

ALVALADE
(Adultos) Tel. 717480
Às 15.45 e 21.45
a obra fundamental de Joseph Losey
O CRIADO

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
A espantosa realização
A PONTE DE REMAGEN
com George Segal, Robert Vaughn e Ben Gazzara
Panavision — Cor de Luxe

CONDES
(Adultos) Tel. 322523
Sessões diárias
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
O pano sobe e desvenda
OS INTOCÁVEIS
com John Cassavetes, Britt Ekland e Peter Falk
Technicolor - Techniscope

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
UM AMOR PARA CAROLINA
Alexandra Stewart na notável realização de Ron Kelly
EASTMANCOLOR

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 h
SARILHOS CONJUGAIS
REVOLTA EM BATASI

IMPERIAL
(M. 17 anos) Tel. 45933
NOIVADO À ITALIANA
A NOITE ESCALDANTE DO INSPECTOR JOSS

EUROPA
(M 12 anos) Tel. 661016
As 15.00/21.00 n. — 70 mm
Atenção ao horário das sessões
TECHNICOLOR
Charlton Heston, Stephen Boyd e Jack Hawkins
«BEN-HUR»

ODEON
(M. 17 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
O CINEMA PORTUGUÊS EM FESTA!
LOTAÇÕES ESGOTADAS
A MALUQUINHA DE ARROIOS
Realização de Henrique Campos
Segundo a famosa comédia de André Brun
com Alina Vaz, Ivone Silva, Artur Semedo, Eugénio Salvador, Linda Silva e Óscar Acurcio

TIVOLI
(M 17 anos) Tel 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (a p. r.) e ás 9.30 da noite
Jean Gabin, Alain Delon, Lino Ventura e Irina Demick
no grande êxito mundial
O CLÃ DOS SICILIANOS

CHIADO TERRASSE
Às 15 e 21 h. (M. 12 anos)
SAM YHISKEY
DOUTOR TENHA MANEIRAS

LIDO
Às 15.30 e 21.30 (M. 12 anos)
Uma obra grandiosa, violenta e imortal !!
BARRABÁS
com Anthony Quinn e Silvana Mangano

* outros espectáculos

TEATROS
VASCO SANTANA — Às 22: «Quem é esta mulher?» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O Vison Voador» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Preço» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Pobre milionária» (17 anos).
AIBC — Às 20 e 45 e ás 23: «Alto lá com elas» (17 anos).

CINEMAS
JARDIM — Às 21: «O maior espião da história» (17 anos)
IDEAL — Às 15 e 15 e ás 21: «O Dia da Vergonha» (17 anos)
ARCO-ÍRIS — Às 21: «Viva Django» (12 anos).
OLIMPIA — Às 21: «O gladiador de Roma» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Um sonho de rei» (17 anos).
SPORT L. BENFICA — Às 21 e 15: «Fort Utah» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «Assalto quase imperfeito» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «A Batalha de El Alamein» (12 anos)
UNIVERSAL — Às 21: «Os Ratoneiros» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Estes turistas americanos» (17 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Amor no Pacífico» (17 anos).

● Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «As noites quente de Lady Hamilton» (12 anos).
OEIRAS — OEIRAS - CINE — Às 21: «Boeing-Boeing» e «Um Golpe em Itália» (17 anos).
PAREDE — ROYAL - CINE — Às 21: «Waco» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «A morte não tem sexo» (17 anos).

● Outra Banda
ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «O caixão de Hong-Kong» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «O Rei dos doidos» e «Como matar sua mulher» (17 anos).
BARREIRO — CINE-BARREIRENSE — As 21: «Michael Kohlhaos, o rebelde» (17 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «O Tesouro de Makuba» (17 anos)
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «Estranho contrato» (17 anos).

● Linha de Sintra
DAMAIA — D JOÃO V — Às 21 e 30: «Se tu não existisses» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «O Destino marca a hora» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21: «O Advogado» e «Os discípulos do Diabo» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE CHABY — Às 21 e 30: «Paris-Istambul sem regresso» (12 anos).

● PORTO
SÃO JOÃO — Às 21 e 30 «Chaque» (17 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Amor sem barreiras» (17 anos,
RIVOLI — Às 2 e 30. «Mundo Mulher» (17 anos)
BATALHA — Às 2 e 30 «Um sonho de reis» (17 anos.
TRINDADE — Às 2 e 30 «Easy Rider» (17 anos)
ESTUDIO — Às 2 e 30. «Fúria de viver» (17 anos)
OLIMPIA — Às 2 e 30. «O campeão de fato cinzento» e «O ursinho Puff e as suas aventuras» (16 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «Operação Águias Negras» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Hércules e a Rainha» e «Operação Istambul» (12 anos).
JULIO DINIS — Às 21 e 30. «Não sou digno de ti!» (12 anos)
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «Marido velho... mulher novata» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Namu, Rainha dos Mares» (12 anos)

● COIMBRA
AVENIDA — Às 21 e 30: «Amor bruxo» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «Chicago, Chicago!» (17 anos).
ESPLANADA DOS BOMBEIROS — Às 21 e 45: «Cada bala tem seu nome!» (12 anos).

VIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIA

● LISBOA
ALCÂNTARA — Nogueira, R. da Creche, 2 (631635).
ALFAMA — Nacional, R. de S. João da Praça, 26 (863632).
ALVALADE — Cartaxo, Avenida da Igreja, 21-C (776358) ✻ **Brisália**, Av. Rio de Janeiro, 66-A (722368).
ANJOS — Matos, R. Álvaro Coutinho, 10 (40471).
AREEIRO — Avis, Av. de Roma, 56-B-C (715370) ✻ **João XXI**, Av. João XXI, 16-A (726462) ✻ **Nova Lisboa**, Rua Guilhermina Suggia, 12 (727721).
AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, R. do Salitre, 7 (46858).
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (763107) ✻ **Avenidas**, Av. da República, 27-A (533688) ✻ **Império, Lda.ª**, R. Filipe Folque, 40-A e 40-B (48002) ✻ **Ducal**, Av Duque de Loulé, 21 (48946) ✻ **Palma**, Av Duque de Ávila, 25-3.º (47088).
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nunes, Rua Ângela Pinto, 32 (49756)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (311216)
BAIXA — Barral, R. Augusta, 225 (361534/5).
BELÉM — Remísio, R. dos Jerónimos, 14-C (631699).
BENFICA — Lisboa, Rua Cláudio Nunes, lote 2 (703393) ✻ **Sousa**, Est. de Benfica, 429-431 (780027).
CAMÕES — Modelar, L. Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (678896) ✻ **Véritas**, R. da Misericórdia, 133 (324554-327563/4).
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (688857) ✻ **Ourique**, Rua Freitas Gazul, 32-B (671667).
CAMPOLIDE — Lab., R. Rodrigo da Fonseca, 101-101-A (682333) ✻ **Pátria**, Calçada dos Mestres, 30-A (á Rua dos Amoreiras) (680627).
CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa, 33-35 (780181)
ENTRECAMPOS — Galena, Aven. Óscar Monteiro Torres, 38-A (774920)
ESTEFÂNIA — Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90 (44438).
ESTRELA — Janeiro, Avenida Álvares Cabral, 100 (661453)
GRAÇA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (867842) ✻ **Rosa & Viegas**, R de S Vicente, 31 (864351) ✻ **St.º António**, Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (88233)
JANELAS VERDES — Carrasco, R Presidente Arriaga, 39 (667460)
LUMIAR — Alameda, A das Linhas de Torres, 201-B (790942) ✻ **S. Tomé**, Est. do Desvio, lote 12-C (790704)
MADRAGOA — S. Nunes Simões, Suc., R. do Quelhas, 1 (661275).
OLIVAIS — Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (311237) ✻ **Nova dos Olivais**, R. E, 1, Lote 469 (Olivais Sul) (316402).
PALHAVÃ — Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (764196-764629).
PENHA DE FRANÇA — Carrando, Rua Padre Sena Freitas, 10-A (842518).
PICHELEIRA — Luzmar, Rua João do Nascimento Costa, 16-A (728395-720703).
REGO — Universitária, R. Alfredo Roque Gameiro, 29-(Hospital de Santa Maria) (778953).
S. AMARO — Sepal, Calç da Boa Hora, 94-A (631958) ✻ **Teles**, R. João de Barros, 2 (638249).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Salter, R. de Xabregas, 65 (381185) ✻ **Oriente**, Rua Lopes, 120 843581).
MOSCAVIDE — Banha, Av Moscavide, 22 (2518518).

● Linha de Cascais
ALGÉS — Almeida Nito — Av Comb. G Guerra, 64 (Tel 2'2070).
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro 1-A (T. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel 2432039).
OEIRAS — Central, Rua João Teixeira Simões, 18 (Tel 2430058)
PAREDE — Macau — R. J. Elias Garcia, 62-B (Tel. 2471785)
ESTORIL — S. João, S. João do Estoril (T. 261186).
MONTE ESTORIL — Costa, Av Saboia, 29-B (Telefone 260085)
CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (Tel. 280078) ✻ **A. Costa** — L. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214).

● Linha de Sintra
AMADORA — Amadora — Praceta 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518) ✻ **Carmelo** — Rua Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303) ✻ **Helénica** — R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613) ✻ **S. Jorge** — R. Pedro del Negro, 5 Reboleira (Telef. 9388703).
DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523).
QUELUZ — André, Av. Elias Garcia, 151 (950043) ✻ **Queluz** Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 951841).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Telefone 2940034)
MEM MARTINS — Quimia Est Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, (Telef. 980456).
SINTRA — Marrazes — L. Rainha D Amélia, 20 (Telef. 980058).
VENDA NOVA — Nova, Rua Elias Garcia, 10 (Tel. 933920)
COLARES — Colares, Abreia (Tel 299088)

● Outra Banda
ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa 10 (Tel. 234137).
ALHOS VEDROS — Portugal, Av.ª da Bela Rosa, 8 (Tel 224250)
ALMADA — Macedo Henriques — R. Bernardo Francisco da Costa, lote 1 (Tel 271297.
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrada Nacional, 221-B (224141).
BARREIRO — Moderna R. D. Henriqueta Gomes de Araujo, 259 (Tel. 2273012)
COVA DA PIEDADE — Império, R Cabo da Boa Esperança, 31-A (274356).
MOITA — Silva Rocha, P. da Republica, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO — Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (T. 230008)
SESIMBRA — Leão, Av Salazar (Tel 229471)
SETUBAL — Rosado Pinto — P. do Bocage, (Tel. 22484) ✻ **Nova**, Rua General Gomes Freire (Tel. 22052).
SEIXAL — Soromenho, R Paiva Coelho, 38 (Tel 2218560).

● PORTO
Aliança, Rua da Conceição, 2 (Tel. 2-42-03) ✻ **Bonfim**, R do Bonfim, 73 (Tel 5-2444) ✻ **Cardoso dos Santos**, Rua D. Manuel II, 90 (Tel 2-7188) ✻ **Correia**, Praça Mouzinho de Albuquerque, 77 (Tel. 6-0869) ✻ **Cosme**, R. Costa Cabral, 584 (Tel 4-1511) ✻ **Ferreira**, Pr Afonso V, 55 B (Tel 68-1975) ✻ **Ferreira de Carvalho**, Rua do Bonjardim, 354 (Tel. 2-7640) ✻ **Gomes Ferreira**, Rua Faria de Guimarães, 449 (Tel 41907) ✻ **Henriques**, Pr da Batalha, 64-64-A (Telef 2-5173) ✻ **Luso Francesa**, Rua Sá da Bandeira, 140 (Tel 2-6134) ✻ **Morena**, L S Domingos, 44 (Tel 2-3545) ✻ **Porto**, Pr. da República, 22 (Tel. 2-0294) ✻ **Prelada**, Rua C. de Francos, 316 (T 6-4312) ✻ **S. Diniz**, Rua de S Diniz, 478 (Tel. 4-228) ✻ **Campos**, P. L. Cabral, 943 — Foz (Tel 68-01'3)

● COIMBRA
São Sebastião — Rua António Jardim (telef. 28802) ✻ **Silcar** — Rua Ferreira Borges (tel. 22923) ✻ **Universal** — Praça 8 de Maio (tel. 23744) ✻ **Adriana** — Praça da Republica (tel. 23609)

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Ind. Tel DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

Em Lisboa uma missão comercial japonesa

• Os empresários japoneses trabalham hoje com os Corpos Gerentes do Banco Português do Atlântico

A fim de estabelecer contactos com os sectores económicos portugueses e de estudar o desenvolvimento das relações comerciais entre os dois países, chegou a Lisboa uma missão comercial japonesa de que fazem parte algumas das mais prestigiosas individualidades dos meios empresariais nipónicos.

Anunciada pelo sr. Inabata, vice-presidente da Câmara de Comércio e Indústria de Osaka, no decurso de uma recepção que aquele organismo ofereceu em honra da missão comercial portuguesa, promovida pelo Banco Português do Atlântico e que no passado mês de Junho visitou o Japão, a presente iniciativa constitui uma etapa da maior importância no processo evolutivo das relações mercantis luso-japonesas

A problemática económica portuguesa exposta desenvolvidamente aos empresários japoneses

Hoje, à tarde, a missão comercial japonesa cumprirá uma das principais fases do seu programa no nosso País, participando numa sessão de trabalho com os corpos gerentes do Banco Português do Atlântico, e no decurso da qual o dr. Vasco Vieira de Almeida, administrador daquela instituição de crédito, fará uma desenvolvida exposição sobre os aspectos basilares da economia portuguesa, os mercados monetário e creditício, os investimentos estrangeiros e as relações comerciais com o Japão.

Compõem o grupo de empresários o sr. Hachiro Murai, chefe da missão, vice-presidetne da Câmara de Comércio e Indústria de Osaka e presidente da Nitto Industrial Co. Lda., empresa do ramo automóvel; sr. Fujikazu Konoike, subchefe da missão e presidente da Konoike-Gumi Co., Lda., empresa de construção civil; sr. Hiroshi Morihiro, subchefe do grupo e vice-presidente da Marubeni-Iida Co., Lda., exportadores e importadores; sr. Masuji Fumoto, presidente da Fumoto Sangyo Co., Lda., exportadores de maquinaria industrial; sr. Kazushi Higashida, administrador da Business Dept., Kubota, Ltd., fabricantes de aço, ferro e maquinaria; sr. Seigo Kawamura, administrador da Sakura Color Products Corporation, fabricantes e exportadores de tintas e canetas; sr. Kenji Koyagi, presidente da Ohmi Industries Ltd., fabricantes e exportadores de maquinaria; sr. Goro Kuga, administrador da Meishing Mokuzai Co., Ltd., grossistas de madeiras; sr. Shunichi Kuga, presidente da Kuga Shoten Co., Ltd, grossistas de madeiras; sr. Hidetoshi Manabe, administrador da Hankyu Sangyo Co., Ltd., negócios de propriedades imobiliárias e cadeias de restaurantes; sr. Isao Nakagawa, administrador da C. Itoh & Co., Ltd., exportadores e importadores; sr. Yuji Okumura, presidetne da Hakko Metal Industries, Ltd., fabricantes de fornos para a indústria do alumínio e de materiais não ferrosos; sr. Junichi Tanaka, gerente do The Daiwa Bank, Ltd.; sr. Toshio Inada, do jornal «Mainichi»; sr. Michio Sugimoto chefe da secção internacional da Câmara de Comércio e Indústria de Osaka; sr. Shoji Azuma, secretário da secção de secretariado da Câmara de Comércio e Indústria de Osaka; sr. Risaburo Murakami, supervisor da «Hankyu Express Internacional Co., Ltd.».

Entre outras personalidades tomaram, também, parte nos trabalhos o sr. Takeo Ueno, conselheiro da Embaixada do Japão; dr. Teixeira Pais, administrador do Banco Comercial de Angola; sr. António Lereno, em representação do Banco Nacional Ultramarino. e sr. António B. Correia e Jibiki, delegados da Marubeni-Iida, respectivamente em Lisboa e em Madrid.

Em representação do Banco Português do Atlântico encontravam-se o dr. Vieira de Almeida e sr. João Anjos Rocha, administradores; sr.ª D. Luísa Manoel de Vilhena; sr. Luís Dinis e dr. Palla e Carmo, directores-adjuntos; sr. Carlos Monjardino, subdirector; dr. Virgilio Rapaz, dr. Palma Fernandes, dr. Miguel Sacadura Santos e sr. Sá da Costa.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua, 32°; mínima, Penhas da Saúde 2°.

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava em geral limpo, o vento era fraco ou moderado de leste e havia neblina em alguns locais

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra 23°; Faro, 24°; Funchal, 22°; Lisboa, 20°; Penhas Douradas, 19°; Porto, 20°; Portalegre 22°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL—Na atmosfera: 23°,5; na água do mar: 17°,2.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu limpo ou pouco nublado; vento fraco ou moderado dos quadrantes de leste.

Amanhã:
Nascer ás 7 e 31
Ocaso ás 19 e 23

Amanhã Dia 8 Dia 14 Dia 22

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 3 e 35 (3,8 m); 15 47 (4,0 m). **Dia 30** — 4 e 02 (3,9 m); 16 e 15 (4,0 m). **Dia 1** — 5 (4,0 m); 17 e 20 (3,8 m).
BAIXA-MAR: **Hoje** — Às 9 e 12 (1,3 m); 21 e 30 (1,2 m). **Dia 30** — 9 e 38 (1,1 m); 21 e 57 (1,1 m) **Dia 1** — 10 e 53 (1,0 m); 23 e 08 (1,1 m)

VIDA POLÍTICA

• Secretário de Estado do Tesouro

Já se encontra no exercício das suas novas funções de secretário do Gabinete do Secretário de Estado do Tesouro, o dr. António Manuel de Castro e Sala Moniz, funcionário do quadro da Secretaria de Estado da Informação e Turismo

L6 — NOVA FRENTE PARA A «REVOLUÇÃO» COMERCIAL DE LISBOA

Para a «revolução» comercial que, desde há anos, vem desencadeando, Lisboa conta, a partir de hoje, com mais uma importante «frente»: a L. 6, na Rua Barata Salgueiro, 28. Integrada no grupo de lojas «Agora», o novo estabelecimento foge em tudo á rotina comercial a que estamos habituados. Para começar, deve dizer-se que não tem montra nem porta para a rua: o cliente terá de entrar no número 28 daquela artéria e procurar a loja 6.

Iniciativa de três arquitectos (muito jovens, é claro) a L6 é inaugurada hoje, ao fim da tarde, mas o negócio só começa amanhã. É uma loja bem decorada (pudera!) onde o cliente pode encontrar uma gama considerável de peças de pequeno mobiliário, «gift-shop» (coisas pequenas, sobretudo prendas, lembranças e «bibelots»), artigos para decoração de interiores e artesanato.

Antes de mais nada, deve acentuar-se que, no respeitante a artesanato, houve a preocupação de uma escolha extremamente exigente. Por outras palavras: fugiu-se ao tradicional «galo de Barcelos», a favor de peças com desenhos sugestivos e simples, como são algumas peças de barros do Alentejo, menos conhecidas do público.

Além disso, a L6 está preparada para atender o cliente de gosto mais apurado em cromados, pequeno mobiliário de fibra de vidro (ainda pouco vulgarizada em Portugal) e outros artigos cujos desenhos foram feitos em exclusivo para a L 6. Se a isto acrescentarmos o facto de as referidas peças serem fabricadas em Portugal, é fácil concluir que a L 6 vai vender muito mais barato o que, até aqui, era bastante caro e importado.

Resta dizer que a montagem da pequena loja (25 metros quadrados) permitiu a reunião de uma infinidade de objectos que, pelo desenho, cor e forma, correspondem a um requintado bom gosto.

1 Kg.
EM
BARRAS
DE
OURO
1.º prémio do concurso
VIGORMALTE
+ 9 VALIOSOS PRÉMIOS
entregue as senhas até
10 de Outubro
Sorteio em 30 de Outubro

DESLUSTRAGEM A SECO
Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alfaiate. Bastará ligar a 323422. Rua da Prata, 156, s/l (unico no género)

Um comunicado da União de Grémios

Assinado pelo presidente da direcção da União de Grémios de Lojistas de Lisboa, sr. Aníbal David, recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

Em reunião dos Grémios Concelhios dos Comerciantes de Camisaria e Malhas de Lisboa, de Tecidos, de Sapataria, Drogaria e Perfumaria e Artigos de Vestuário de Senhora e Luvaria, todos de Lisboa, integrados na União de Grémios de Lojistas de Lisboa, foi esclarecido que o contexto das decisões arbitrais nos contratos colectivos entre aqueles Grémios e o Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa, divulgado por alguns órgãos da Informação, se encontra em apreciação superior, para efeito de homologação ministerial, nos termos do Decreto-Lei n.º 49 212, pelo que se considera prematura qualquer tomada de posição sobre o assunto.

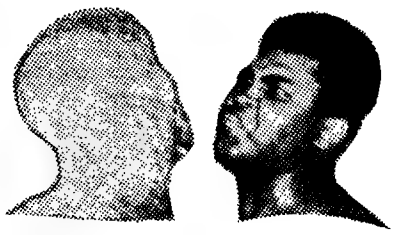
CAMPO PEQUENO
M/6 anos
Quinta-feira, 1 de Outubro, às 22 h.
O MAIS SENSACIONAL MANO-A-MANO DA TEMPORADA
PAQUIRRI
DÁMASO GONZÁLEZ
TOIROS DE CABRAL DE ASCENSÃO
MESTRE BAPTISTA
LUÍS MIGUEL DA VEIGA
FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM

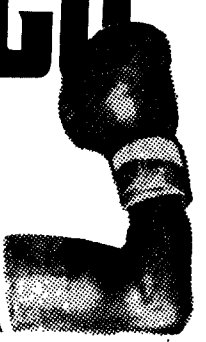
TERMAS DE MONFORTINHO
HOTEL ASTÓRIA
ABERTO DE 1 DE SETEMBRO A 15 DE NOVEMBRO
SERVIÇO IMPECÁVEL
AMBIENTE MODERNO

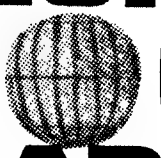
HOTEL DE 1ª CLASSE
TELEF. 44205/7

Exclusivo

MOHAMED ALI VULGO CASSIUS CLAY FOI AGORA AUTORIZADO A COMBATER PARA RECUPERAR O TITULO MUNDIAL QUE PERDEU POR SE RECUSAR A LUTAR NO VIETNAM







Durante três anos, Mohamed Ali, vulgo Cassius Clay, foi o campeão mundial, no exílio, de todas as categorias de boxe, sem qualquer derrota no ringue mas recusado nas arenas de boxe do seu país. Desde aquele dia de 1967, quando Clay, aliás Ali, se recusou a alistar-se nas fileiras, os produtores, empresários, dirigentes do boxe americano e os tribunais conservaram-no fora de acção. Apesar dos esforços persistentes de simpatizantes e homens de negócio com visões de receitas de um milhão de dólares, Clay viu negadas autorizações para combates em que participaria, em 72 cidades norte-americanas. Há dias, no entanto, um pragmático senador da Georgia teve êxito onde os outros falharam e os admiradores de Ali puderam apreciá-lo a subir para um ringue de um pequeno e superlotado ginásio do Morehouse College, em Atlanta.

Durante oito assaltos-exibição Ali mostrou alguns golpes com a marca indesmentível do seu brilhantismo. Mas pareceu incaracteristicamente mole e preso de braços ao longo de alguns desses «rounds». No entanto, muita da famosa rapidez de Clay permaneceu com ele. Contra o seu terceiro rival, Georgie Hill, irrompeu com uma explosão de «uppercuts» e cruzados que deixaram o adversáro a andar á roda. No fim, ele estava dançando a terrível dança de Clay, movendo-se como um meio-médio, com o seu talentoso jogo de pernas que conseguiu que ele fosse um dos mais surpreendentes pesos-pesados de todos os tempos. No meio da dança ele, sem jamais parar, punia Hill com tremendos «jabs». Segundos depois do «gong», o apresentador gritou ao microfone: «Sejam vocês os árbitros. Mohamed Ali é ainda o campeão?».

Um rugido da multidão deu a resposta, dizendo que sim. Especialistas, no entanto, são capazes de dizer friamente que Ali está ainda longe da sua forma normal e o próprio campeão reconhece isso. Agora a possibilidade de um reaparecimento do campeão parece mais certa do que nunca.

A principal razão para o seu regresso chama-se Leroy Johnson, um dinamico dirigente negro com grande influência num vasto bloco de votantes á volta de Atlanta. Financiado pela Sports Action, Inc., uma firma promocional de Nova York, Johnson fez pressão sobre as autoridades da Georgia e abriu as portas a Ali sem opositores, virtualmente. O próprio governador Lester Maddox, um «habitué» de controversas causas negras, declinou oferecer qualquer oposição real.

O objectivo de Leroy Johnson é um confronto no valor de vários milhões de dólares entre Mohamed Ali e o actual campeão, Joe Frazier, igualmente um negro.

Antes da luta, Ali (aliás, Clay) mantém-se frio e prepara-se activamente apesar de só nesta semana a decisão final que o autorizará a combater seja dada com carácter definitivo. Ele está até muito mais calado do que há três anos atrás, e as suas sensacionais declarações não têm ferido os microfones, os repórteres ou as camaras de televisão.

Referindo-se á sua exibição em Atlanta, ele foi até muito modesto:

«Naquelas condições eu não teria resistido oito assaltos com Frazier», admitiu ele. «Eu teria sido derrubado antes do final. Não consigo ainda bater como gostaria. Quando o conseguir, eu estarei então O. K.».

Um confronto no próximo mês com Frazier parece, no entanto, improvável, para Ali (aliás Clay), cujo processo por recusa a combater no Vietnam segue os tramites para o Supremo Tribunal de Justiça.

O próprio Frazier está fora de forma após um longo contrato para estar a cantar em Las Vegas, findo o qual ele combateu privadamente contra o campeão de meios-pesados Bob Foster.

Apesar das burocracias e do mau ambiente existente nos States para Ali (aliás Clay) a sua luta contra Frazier parece mais admissível do que nunca. Ainda hoje ou amanhã, os telexes anunciarão ao Mundo: Clay versus Jerry Quarry. Um combate de preparação que é o melhor que seria de desejar para o grande campeão antes de defrontar aquele que detém o seu título sem jamais lho ter arrebatado. E é o melhor possível porque Quarry é um rival ideal: agressivo, popular e branco.

Mohamed Ali é um negro de 28 anos. Pode dizer-se que ele não é bem educado. Muito bem, de acordo e que ele não é particularmente brilhante, O. K. Mas ainda há muito pouco tempo ele ficou famoso em todo o Mundo sem precisar de dar um murro.

Mohamed Ali, aliás Cassius Clay, insiste em que lhe chamem o seu nome muçulmano. Isso tem-lhe valido o gozo de alguns jornalistas e escritores desportivos menores, que lhe têm chamado Abdullah Bull Bull e Abou Ben Hernia. Mas o caso de Mohamed Ali é bem mais sério. Quando tinha oito anos e era um pequeno negrinho dos bairros de lata sulistas do Kentucky, havia um homem branco, pai de Cassius Marcellus Clay que lhe batia impiedosamente. Mas um bom e velho negro, pai de Mohamed Ali, foi buscá-lo e lançou-o na vida. É certo que ele ficou conhecido como Cassius Clay. Mas o seu nome, aquele que ele quer impor, depois das suas vitórias e do seu estrepitoso «não» é o seu nome e apelido de muçulmano negro.

Aos 18 anos, ele voltou para casa e atirou-se para cima da cama com uma medalha de ouro ganha nos Jogos Olímpicos. A grande Imprensa dizia que ele, o jovem negro, «era um tipo de grande simplicidade, cheio de alegria de viver e pleno de simpatia para quantos lidavam com ele». Os brancos leitores da grande Imprensa norte-americana decerto que leram isto tudo, traduzindo: «Ora aqui está um manso e feliz preto».

Alguns anos mais tarde, Clay (aliás Ali) pensava em tudo isso e chegava fácilmente á conclusão de que vivia

num país racista branco. É indesmentível que Joe Louis e «Sugar» Robinson fizeram muito pela luta dos direitos civis dos negros norte-americanos. Mas a verdade é que eles também se gabavam de que o êxito era o suficiente para não haver racismo. Eles — diziam — chegaram a ser os heróis da América branca. Cassius Clay, aliás Mohamed Ali veio, anos mais tarde, destruir e, por conseguinte, desmentir tudo isso.

«Seja um crédito da sua raça e tudo será vosso», diziam Louis e Robinson há quarenta anos atrás. «Tudo será vosso: adulação, Cadillacs, mulheres e olhos abertos de espanto».

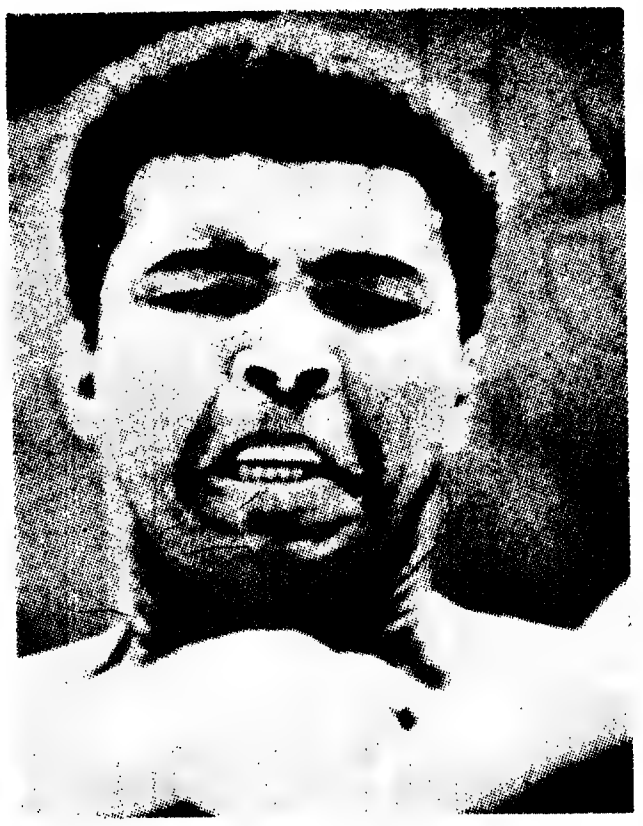
Cassius Clay recusou não só entrar neste jogo, como deitou tudo abaixo: comprou o seu próprio Cadillac, afastou as mulheres, escarneceu da adulação (recusou alguns milhões de dólares de luvas), escolheu uma religião impopular, mudou de nome e fez a apologia da beleza negra.

«Os seguidores de Alá», disse ele, «são o povo mais doce da Terra. Não usam facas nem punhais, não disparam armas. Rezam. As mulheres não cometem adultério. Todos querem viver em paz com o Mundo. Não odeiam ninguém. Não se metem em qualquer espécie de complicações. Todos os encontros são em segredo, mas sem qualquer espécie de magia negra ou rituais de ódio».

Ao longo da sua carreira desportiva, Clay, aliás Ali, havia-se tornado o mais odiado desportista da América. As folhas desportivas desancavam-no. Numerosos estados fechavam-lhe as portas dos seus estádios porque ele havia recusado bater-se no Vietnam.

Em Setembro de 1964, com esse pretexto, a Associação Mundial de Boxe (Nova York) retirava o título mundial de Ali. Nessa altura, já ele havia tornado claro, igualmente, que não alinhava no jogo dos jornalistas.

Ele insistia orgulhosamente na sua dignidade de homem. «O meu nome é Mohamed Ali», insistia ele e voltava a



insistir em cada conferência de Imprensa e eles continuavam a ignorá-lo.

Sem qualquer derrota, campeão indiscutível sem título, ele continua a sua luta tranquilamente, depois de dizer afinal, de o chamar pelo seu verdadeiro nome. Quer ele se bata ou não com Frazier, quer ele vença ou não. Mohamed Ali, o campeão que nunca perdeu,

que merece o respeito dos seus irmãos de cor da grande nação americana e dos seus irmãos de credo.

Dentro e fora do «ring», ele tem a estatura de um guerreiro vitorioso. Os seus «jabs» poderão falhar, pròximamente. Mas a raiva surda com que bate, o ódio que lhe põe nos pés o terrífico «Ali's ghuthe» não diminuiram, proporcionalmente á forma física. Estão nele.

7 dias 7

Na sua confusa mesa de atribulado trabalho o repórter ordenava os factos mais importantes da semana passada que transcorrera. A pouco e pouco a sequência da semana ia ganhando

&

forma. A guerra da Jordânia tudo continuava a dominar. Como ir dando importância decrescente aos factos? Em que proporção? E a campainha do telex, num alarme que vem do Mundo, interrompeu a tranquilidade simultâneamente apressada e provisória do repórter: Morrera Nasser. Uma vez mais, era o acontecimento que salvava o jornalista.

Enquanto em Tel-Aviv judeus davam largas á alegria, numa honrada mesa de trabalho o repórter lisboeta atirava-se ao trabalho: Morrera Nasser. O Mundo árabe carregava o luto, soavam hossanas em Tel-Aviv.

Durante 18 anos, a figura do presidente Nasser ergueu-se como um autêntico colosso, dominando inteiramente a cena política do Mundo árabe.

Ainda anteontem Nasser tinha conseguido mais um triunfo na série de êxitos diplomáticos que obteve durante toda a sua carreira, ao persuadir o rei Hussein da Jordânia e o chefe de guerrilheiros palestinianos, Yasser Arafat, a assinarem um acordo de paz após nove dias de luta feroz. Ninguém esperava este acordo.

Alto e de constituição robusta, Nasser tornou-se numa figura de primeiro plano quando do golpe de Estado que, em 1952, depôs o rei Farouk e colocou no Poder o general Mohamed Neguib. Em breve se tornou evidente que Neguib era apenas uma figura simbólica, por detrás da qual se encontrava Nasser, o verdadeiro senhor da situação.

Em 1954, o coronel Nasser tornou-se primeiro-ministro e governador militar do Egipto, ascendendo á Presidência em 1956.

A partir desse momento, o Egipto passou a ocupar um lugar na política mundial que nunca tivera e a desempenhar um primeiro papel no tablado internacional.

O presidente egípcio tornou-se o verdadeiro e incontestado dirigente de todos os árabes quando do conflito do Suez, em 1956, provocado pela nacionalização do canal. A crise do Suez foi imediatamente precedida pela retirada das ofertas ocidentais de auxílio financeiro para a construção da gigantesca barragem de Assuan. Nasser, porém, acabou mesmo assim por costruir a barragem com a ajuda de 350 milhões de libras que lhe foi concedida pela URSS.

A noticia da morte do presidente, ocorrida na sua residência nos arredores do Cairo, rebentou como uma bomba entre o povo egípcio. Ao princípio, as pessoas tinham dificuldade em acreditar. Nos ultimos anos, Nasser esteve doente por diversas vezes, afirmando-se que sofria de deficiência circulatória numa das pernas. Por duas vezes foi tratado na URSS, a ultima das quais em Julho passado, pouco antes de aceitar a iniciativa dos Estados Unidos para o restabelecimento da paz no Médio Oriente.

DEPOIS DE FAROUK, NASSER (VIA NEGUIBE). DEPOIS DE NASSER?

&

Embora Sadat, o vice-presidente que com voz comovida anunciou ao país a morte de Gamal Abdel Nasser, se encontre em segunda posição na hierarquia do Estado egípcio, observadores diplomáticos pensam que tal não significa necessàriamente que seja ele o sucessor de Nasser na presidência, após o natural período de transicção durante o qual assumirá a direcção dos negócios de Estado.

Ali Sabry, de há longos anos amigo intimo de Nasser e um dos oficiais que com ele participaram no «putsch» de 52 que derrubou Farouk, tem vindo ùltimamente a ocupar posições cada vez mais proeminentes, depois de ter estado certo tempo em segundo plano, e é agora considerado como um dos mais prováveis sucessores de Nasser.

Filho de um modesto funcionário dos Correios, Nasser teve grande dificuldade em ser admitido na Academia Militar do Cairo. Acabou, finalmente, por entrar naquele instituto em 1937, depois de durante um ano ter frequentado a Universidade de Direito. Saiu da Academia com a patente de segundo-tenente para ir lutar no Sudão e, combateu, também, mais tarde, em 1948, contra Israel.

O ano de 1956, aquele em que se tornou presidente, foi um ano crucial para a política do Médio Oriente, pois foi então que o Egipto reconheceu a independência do Sudão e aprovou uma nova constituição, atribuindo maiores poderes ao presidente, cargo para o qual foi escolhido Nasser, através de um plebiscito. Foi nesse ano que o canal do Suez foi nacionalizado.

GENEBRA

A LEI DO MAIS FORTE

Por ITALO TRIPPINI

POUCO antes da histórica decisão de Nixon de ordenar a intervenção de GI, no Camboja, com o objectivo de «destruir os santuários vietcong nos confins do Vietnam do Sul», Israel era condenado, mais uma vez, pela assembleia da O. N. U., por uma incursão no território libanês com o fim de desmantelar algumas bases de «feddayins». O delegado de Jerusalém nas Nações Unidas justificou a acção militar do seu País contra um estado que, de facto, está fora do conflito do Médio Oriente, invocando o «direito de perseguição» contra os guerrilheiros palestinianos os quais, com as suas acções, punham «em perigo a paz nos confins do Líbano».

As duas acções, à norte-americana e a israelita, significavam, claramente, à parte as interpretações legais. duas violações de neutralidade. Apesar disto, nenhuma censura foi proposta ou aprovada contra os Estados Unidos.

ENCONTRAMO-NOS, PORTANTO perante mais uma confirmação de um desejo de construir um «contrôle» internacional á volta dos episódios bélicos em evolução.

Apesar da pouca consideração que as moções das Nações Unidas encontram, tais moções, especialmente as de censura, e os decretos de embargo, fazem jurisprudência.

A primeira vez que este problema foi enfrentado pela assembleia teve um eco clamoroso. Foi em Fevereiro de 1958, durante a guerra da Argélia, quando a aviação francesa bombardeou a aldeia tunisina de Saki-Sidi-Youssef, da qual teria partido um comando da F. L. N. que tinha assaltado um aquartelamento francês.

No momento do bombardeamento, os guerrilheiros argelinos não se encontravam na aldeia; assim, a incursão francesa resultou num massacre de população indefesa que muito pouco ou nada tinha com a guerra de libertação da Argélia.

Na realidade, porém, o bombardeamento em questão queria ser,. sobretudo, um **aviso** à Tunísia que, no juízo da França, violava a norma do direito internacional, oferecendo uma retaguarda às formações armadas que desencadeavam acções contra o que era então considerado «território francês».

A CONDENAÇÃO DA O. N. U. constitui, sobretudo, um precioso precedente, porque foi a primeira vez que um organismo internacional se encontrou, na realidade, perante um novo tipo de conflito: A guerra de libertação nacional de um povo. Outros conflitos precedentes, como o da Coreia, não tinham feito surgir problemas deste tipo: Foster Dulles — só para dar um exemplo— não ousara atacar os santuários norte-coreanos na China, apesar de ser claro que a China desempenhava um papel não secundário no conflito à volta do paralelo 38.

Condenando a França, a O. N. U. desmentia uma regra do direito internacional, uma regra que os juristas mais abertos consideram hoje de conservadora: a da represália. Que significa, exactamente, represália? Em síntese pode dizer-se que quando dois países estão em conflito e um terceiro apoia um destes, tácita ou abertamente, o outro país tem o «direito» de se voltar contra o terceiro... A questão é clara quando se trata de conflitos tradicionais, isto é, entre dois Estados bem distintos. Mas quando nos encontramos perante uma guerra de libertação será válido este conceito? No tempo da guerra de Espanha, o «socialista» Leon Blum recusou-se a tomar posição com este argumento e preferiu que as armas destinadas aos republicanos espanhóis se amontoassem em França. Era evidente que aquilo que se passava em Espanha era uma guerra do povo contra o que poderia ser considerado como agressão externa (a Luttwaffe de Hitler e os «voluntários» italianos de mussolini).

Ora é claro que todos os países que invocam o direito de perseguição, isto é o de represália, refugiam-se sob as regras conservadoras do direito internacional. Ficou célebre, e serve para ilustrar este aspecto, a «desculpa» adoptada por Johnson para iniciar os bombardeamentos à República Democrática do Vietnam (Vietnam do Norte). Perante a falta de uma «provocação» de Hanói que pudesse justificar uma represália a Norte do paralelo 17, o comando militar em Saigão não hesitou em «prefabricar» os chamados «incidentes do golfo de Tonkin». Segundo o que foi referido em Washington, dois contratorpedeiros, o **Maddox** e o **Turner Joy,** que se encontravam no limite das águas territoriais do Vietnam do Norte, eram atacados por foguetes norte-vietnamianos na noite de 4 de Agosto de 1964; um dia depois, o presidente dos Estados Unidos ordenou o bombardeamento ao Vietnam do Norte; as incursões, depois, tornar-se-iam sistemáticas a partir de 7 de Fevereiro de 1965. Em 68, no momento da retirada de McNamara de secretário da Defesa, uma comissão senatorial acertou aquilo que os observadores mais atentos sempre haviam afirmado: os incidentes do golfo de Tonkin eram fruto de uma conspiração dos serviços secretos e do Estado Maior americanos no Sueste Asiático para «convencer» Johnson a iniciar as incursões, ou melhor, para justificar perante a opinião pública a escalada que se seguiu. Simultaneamente, aos raids sobre Hanói, começaram os bombardeamentos maciços da zona laociana sob o «contrôle» do Pathe Laos. Para o Laos, não se procurou nenhuma «justificação». O conflito neste país estava ainda fora do quadro da guerra na opinião pública mundial, porque se devia «dar atenção» a um episódio como o bombardeamento sistemático.

Também a intervenção dos fuzileiros no Líbano, em 1958, e em São Domingos, em 1965, não são mais do que interpretações no sentido lato do direito de represália.

Qual o equilíbrio que as normas existentes do direito internacional pretendem salvaguardar?

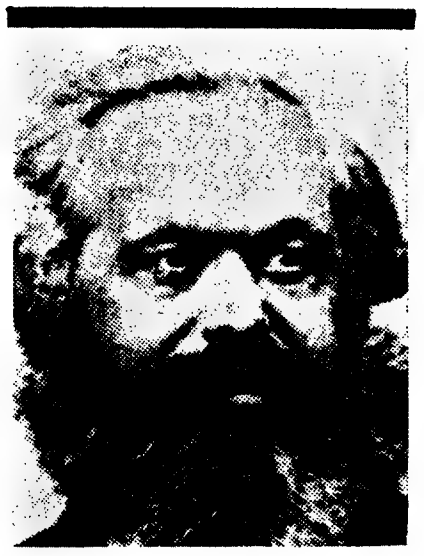
Torna-se claro, neste ponto que o espezinhar das normas pelos «mais fortes» é a resposta a uma pressão que vem de baixo. O conflito entre os países ricos e as áreas de subdesenvolvimento põem-se quase só nestes termos e pouca coisa contam para as concessões mais avançadas que condenam o direito de represália e de perseguição. A um mecanismo legislativo que busca um «contrôle» falsamente técnico dos conflitos armados, escapa fatalmente o conteúdo político de uma simples guerra.

É evidente que estes problemas só desaparecerão quando as guerras de libertação forem capazes de escrever a nova História onde uma Paz seja fundada em pressupostos que permitam ignorar 700 milhões de chineses. Isto é, um quarto da Humanidade; e na base dos quais os Estados Unidos possam pôr a ferro e fogo um país (o Vietnam do Norte) sem «lhe declarar guerra» e sem que os organismos internacionais se arrisquem sequer a «deplorar» o facto.

Exclusivo

Cassius Clay, o campeão imbatível que perdeu o título e foi interdito de combater, vai regressar. «Em má forma», reconhece ele, mas com o «punch» suficiente para satisfazer os milhões de «fans» dos seus punhos e da sua atitude.

págs. UM E DOIS



Karl Marx não escreveu só «O Capital». Ele preocupou-se com todas as coisas importantes da vida. E entre estas evidentemente que não podia faltar o amor. *pág. NOVE*

Nasser, Gamal Abdel Nasser, morreu ontem, ao fim do dia. Exclusivo não poupou esforços para ser um suplemento actual. Um perfil do «leader» dos árabes que desaparece, está na habitual secção 7 dias 7. Na página ao lado. E justifica-se, porque se Nasser abafou a guerra da Jordania. com uma assinatura de paz, a sua morte abafou, de momento, todos os outros acontecimentos.

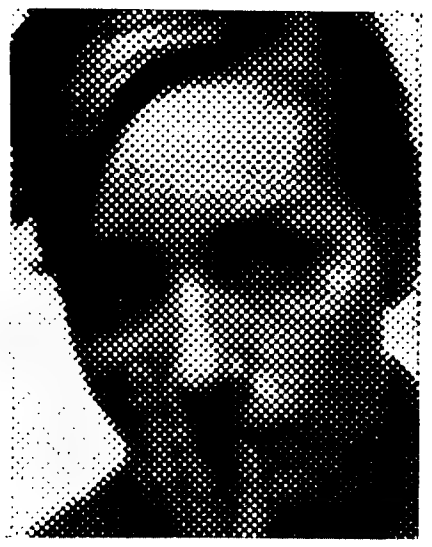
Superman, o super-homem da nossa infancia é o nosso herói. Ou não é? Não é ele por acaso que vinga as nossas fraquezas, que esmurra quem gostaríamos nós de esmurrar? Vá, confesse-o e leia a história do seu ídolo. *pág. DEZ*

A China debate-se num programa bilateral. a ideologia da sua revolução e a economia da mais populosa nação do Mundo. O homem do futuro será amarelo?

página QUATRO

Do Brasil, Chianca de Garcia escreve-nos, uma vez mais. Com graça, frescura e saudade ele vai-nos dizendo coisas que os leitores gostam. *página DOZE*

A juventude de hoje (e de alguns países) já tem poder de compra. Poder de compra e determinadas preocupações fizeram que o negócio assestasse o periscópio no mercado jovem, na primeira fase dos jovens e os dólares. *pág. CINCO*



Ainda neste número:
A LEI DO MAIS FORTE (DIREITO DE PERSEGUIÇÃO) página 13
ALLENDE E O CHILE — página 4.
MARINHA NÃO É NEGÓCIO — página 8 .
A MULHER SALTA CADA VEZ MAIS ALTO NA VIDA — página 11

DIÁRIO DE LISBOA, 29 DE SETEMBRO DE 1970

EXCLUSIVO. SUPLEMENTO SEMANAL DO Diário de Lisboa
COPYRIGHTS DE «LE MONDE», «WASHINGTON POST» e «LOS ANGELES TIMES» E PUNCH (ADS)

O CHILE EM QUESTÃO

por JACK UCHITELLE

SANTIAGO

As relações do Chile com os Estados Unidos serão evidentemente afectadas pela eleição de Salvador Allende para a presidência da Republica.

O que geralmente se ignora é que as «relações especiais» do Chile com Washington «arrefecem» há três anos. E continuariam a arrefecer qualquer que fosse o sucessor do presidente Eduardo Frei.

Um diplomata chileno colocado em Washington resumiu, há pouco tempo, a política americana em relação ao Chile, no decurso destes ultimos anos ao frisar que «o embaixador Dungan fora enviado para restabelecer essas relações especiais e o embaixador Korry para as romper». Dungan e Korry são os dois ultimos embaixadores americanos no Chile.

Dungan fora escolhido para embaixador no Chile em 1965 para inaugurar as relações particulares com a «Revolução na liberdade» de Frei, considerada á mais fiel aos ideais da «Aliança para o progresso» de John Kennedy.

O Governo americano devia conceder auxílio a projectos de desenvolvimento social de certo modo ousados. Durante as suas viagens, Dungan visitou os operários das minas e as próprias minas de cobre, em vez de se limitar, como os seus predecessores, a ser recebido pelas altas individualidades. O Banco Americano de Exportação-Importação emprestou verbas que permitem ao Chile recuperar a parte de capitais estrangeiros aplicados nas minas.

O mesmo embaixador promulgou o regulamento que tomou o seu nome, o qual estabelecia que os diplomatas americanos não deviam tirar qualquer lucro da venda dos automóveis no mercado local, o que lhes acarretava um prejuízo de, pelo menos, mil dólares por automóvel.

Em 1967, Dungan pediu a demissão. O presidente Johnson nomeou Korry, antigo

SALVADOR ALLENDE
a revolução eleita?

jornalista que se fizera notar pelas suas inovações como embaixador em Africa. Já nesse momento certos políticos lanques haviam chegado á conclusão de que a «solução Frei» não era susceptível de resolver os problemas do Chile.

O partido democrata-cristão começava a dividir-se. O programa revolucionário fora bloqueado pelo parlamento. A «direita», que Frei vencera, levantava cabeça e a «esquerda» virava cada vez mais á esquerda.

A esquerda marxista ataca a política de «chilenização» da industria de cobre feita por Frei, qualificando-a de «fraude», e exige a nacionalização pura e simples das companhias mineiras americanas. As esperanças americanas na experiência chilena desapareceram no momento em que o próprio partido governamental retomou alguns «slogans» anti-ianques.

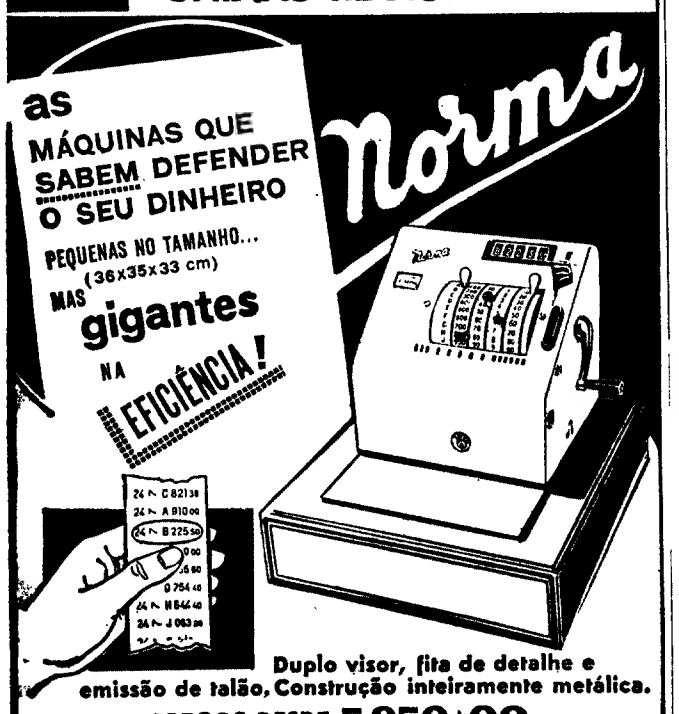
O idealismo da equipa de Dungan devia ceder o lugar á resignação de Korry. Diplomatas e funcionários da embaixada americana em Santiago partem sem deixarem substitutos. Embora contrariados, vendem os seus automóveis de acordo com o «Regulamento Dungan», enquanto o embaixador soviético vende o seu «Mercedes» com todo o lucro possível.

Há uma grande diferença: há quatro anos, a maioria dos americanos ofereciam o lucro na venda dos carros a organizações de caridade chilenas; hoje, procedem de outro modo: oferecem esse lucro a organizações de caridade americanas.

ATENÇÃO

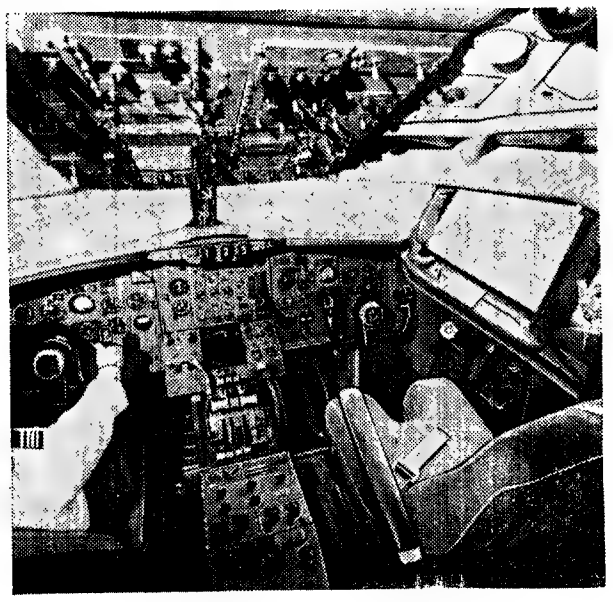
ENTREGUE A MANUTENÇÃO DO SEU ASCENSOR À
A REPARADORA DE ASCENSORES
IMPÉRIO, LDA.
REPARAÇÕES EM ASCENSORES DE TODAS AS MARCAS. PESSOAL TÉCNICO E ESPECIALIZADO
RUA DA ARRÁBIDA, 44-B — LISBOA
TELEFONES 68 55 31 - 68 20 07

CAIXAS REGISTADORAS



Duplo visor, fita de detalhe e emissão de talão, Construção inteiramente metálica.
PREÇOS DESDE 5.950$00
DEMONSTRAÇÕES SEM COMPROMISSO • FACILIDADES DE PAGAMENTO
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
SOC. de REP. SIDA-SUECA limitada
RUA S. NICOLAU, 15-17, TELEF. P.P.C.A. 36 93 31 (8 LINHAS) - LISBOA-2

Este lugar de piloto pode ser ocupado por si!



Quem lhe diz que não?
Leia e responda a este anúncio para ter a sua certeza e a certeza de encontrar uma profissão moderna, cheia de dinamismo, responsável **e muitíssimo bem remunerada.**

Oferecemos-lhe uma profissão estável e prestigiada e asseguramos-lhe uma formação e um treino ao mais elevado nível.

Nós somos uma Companhia em pleno crescimento e permanentemente actualizada: ampliamos e aperfeiçoamos os nossos serviços, ...mentamos o número das nossas escalas e a nossa frota,
PRECISAMOS DE MAIS PILOTOS!
Estes terão menos de 32 anos, frequência de um curso superior (ou equivalente) e a situação militar regularizada.
UM DESTES PILOTOS PODE SER VOCÊ.
Decida-se desde já: responda a este anúncio, dirigindo-se à Divisão do Pessoal Navegante da TAP, Edifício n.º 25 - 2.º andar Aeroporto de Lisboa.
Inscrições permanentes. Cursos periódicos.

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Para si a TAP será um modo de conhecer e viver o mundo

COM OU SEM EXPERIÊNCIA DE VOO VENHA PARA PILOTO DA TAP

marketing industrial

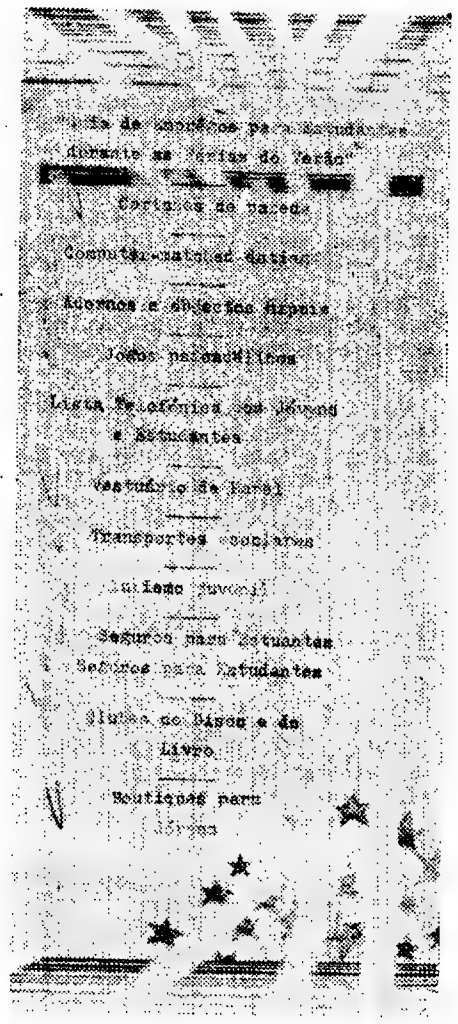
NOVA YORK &

A JUVENTUDE EM DÓLARES

Por MALCOLM HIGGINS

A explosão hippie criou novos mercados e pode dizer-se que acelerou as curvas de vendas em certas zonas de produção destinadas á juventude. Sem duvida que das grandes empresas dedicadas exclusivamente a «abastecer o arsenal juvenil» a gigantesca National Student Marketing, de New York, ocupa o lugar de liderança, não obstante tratar-se de uma companhia recente.

Com efeito, Cortes W. Randell, o fundador da N. S. M., viu o volume de vendas passar, em menos de dois anos, de 723 mil a 67 milhões e 900 mil dólares, assentando toda esta extraordinária ascensão no fabrico de cartazes («posters»), emblemas, decalcomanias e numa extensa e confusa variedade de objectos para jóvens. Com Che Guevara em grandes dimensões, com Bob Dylan ou com Archie Mathews,



herói do baseball, Randell tornou-se magnate de uma grande industria e funcionou como o diabo oculto que manobra grande parte do poder de compra dos americanos e europeus entre os doze e os vinte e quatro anos. Hoje a sua fortuna está avaliada em 50 milhões de dólares e entre os seus bens pessoais figuram um avião a jacto de seis passageiros, um luxuoso apartamento na Waldorf Towers, de Nova York, um castelo em Fairfax County, na Virginia, três automóveis, um yacht e um veículo anfíbio. «Randell», dizem os especialistas da Wall Street, «teve, entre outras qualidades, a vantagem de se aperceber da importancia da imagem que o homem de negócios cria de si próprio. Ele soube explorá-la como poucos nas suas relações publicas».

O GUIA PARA EMPREGAR ESTUDANTES

Nos primeiros anos de 60, Cortes W. Randell trabalhava na General Electric e na I. T. T. como promotor de vendas mas foi precisamente em Agosto de 1933 que o seu dado de sorte foi jogado. Jogado num «party» a bordo do yacht de Miss Janet Auchincloss, meia irmã de Jacqueline Onassis.

Por essa altura, Randell sonhava lançar um guia de empregos disponíveis para estudantes durante a época das férias, com um capital inicial de 500 mil dólares. Hugh Auchincloss, sócio principal de Parker & Redpath, encorajou-o na ideia, e ali mesmo, nessa viagem de yacht, prontificou-se a creditá-la financeiramente.

Randell lançou-se imediatamente ao trabalho. Com vinte e sete anos de idade possuia já o dinamismo e a sedução pessoal que o haviam de tornar famoso numa carreira meteórica como poucas. Assim, ele próprio é uma reduzidíssima equipa de informadores escreveram em poucos meses o «Guia Para Colocação de Estudantes em Férias» e percorreram as universidades do País angariando assinaturas e vendendo os primeiros cartazes de parede. Ao fechar do ano de 1966 a jovem empresa registava um lucro de 60 mil dólares.

A grande cruzada entre os jovens nunca mais parou desde então. Ao «Guia» e aos cartazes, Randell juntou novos ramos de exploração do mercado juvenil. Desde papel de carta em estilo «art nouveau», a jogos psicadélicos e a objectos exóticos, tudo foi sendo criado pela imaginação do novo «tycoon» que um ano depois já preenchia um volume de vendas da ordem dos 900 mil dólares. Apoiada pela Parker & Radpath a nova firma entrou na bolsa de Nova York com um nome aparentemente sem significado — National Student Marketing — mas em breve as suas acções de seis dólares iriam adquirir uma ascensão impressionante. A National Student Marketing passaria a figurar nas referências da finança com três inicias apenas, N. S. M. — o que é o sinal de maior prestígio que uma firma pode pretender.

O ponto de partida para este êxito impressionante assente, como é evidente, na realidade histórica que os sociólogos designam por «explosão da juventude». Por um lado, trata-se de explorar os emblemas da emancipação (vestuário, imprensa, adornos, etc.), ou seja, tudo quanto pode contribuir para criar uma imagem do jovem como indivíduo independente mas identificado em certo espírito de geração.

Por outro lado, os técnicos do marketing procuram intensificar o desejo de tempos livres para imediatamente ocuparem esses períodos, cada vez maiores, com necessidades de consumo. Quando se observa que o adulto norte-americano da pequena e da média burguesia trabalha uma média anual de 286 dias e que o estudante tem o ano escolar computado em 198 dias uteis, compreende-se a razão pela qual grandes grupos financeiros puseram e continuam a pôr com vantagens sempre crescentes, grandes investimentos na exploração desses 31 por cento de diferença que separam as gerações.

VESTUÁRIO DE PAPEL

A National Student Marketing (N. S. M.) surgiu como um empório especializado no mercado juvenil. As estimativas da capacidade actual de compra dos indivíduos entre 14 e 24 anos apontam, segundo os dados da Gilbert Youth Research, a cifra astronómica de 45 biliões de dólares. Os mesmos estudos dizem que em 1960 havia nos Estados Unidos 27 milhões de jovens e em 1970 cerca de 40 milhões. De acordo com previsões fundamentadas, daqui por dez anos esse numero subirá a 46 milhões de indivíduos, correspondendo a um rendimento de 72 biliões de dólares. É sem duvida nestes numeros que se firma a ascensão e glória de Cortes Randell.

Com efeito, nada parece ter escapado a este demónio conquistador dos eldorados juvenis. Em 1966, data do aparecimento da N. S. M., a empresa produzia, além do «Guia para Colocação de Estudantes em Tempo de Férias», artefactos para jovens, cartazes de parede («posters») e lançava o sistema *computer — matched dating*, hoje tão em voga nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Escandinávia e que consiste num inquérito enviado pelo correio através do qual os jovens de afinidades temperamentais, culturais e enconómicas podem travar conhecimento. O método é simples e conhecido: preenchendo uma ficha cientificamente elaborada, e pagando, evidentemente, uma determinada quantia, os indivíduos são informados, por selecção de computadores, dos jovens do sexo oposto cujas preferências, gostos ou tendências se identificam com as deles.

A esta gama de iniciativas a National Student Marketing juntou em 1967 uma nova industria: a do vestuário de papel. E um novo ramo, já explorado por outras empresas: clubes do disco e clubes do livro.

No ano seguinte, Randell adquire ou associa-se a dezassete novas empresas, entre as quais a Five-Dollar-a-Day-Tours que possui dois hotéis e que publica alguns dos guias de viagem mais populares nos Estados Unidos. Além disso organiza uma rede de colocaçõe e empregos para estudantes por sistema de computadores, edita a primeira lista telefónica para jovens, entra na industria do cinema amador e compra a quase totalidade das acções da W. R. Simmons & Associates, especializada na impressão de «posters».

O CALCANHAR DE AQUILES

1969 continua a carreira fulminante de novas iniciativas. Seguro estudantil, industrias de vestuário, camionagem para escolas e desporto, eis as rubricas a acrescentar ao colosso da N. S. M. Além disso, foi este o ano da grande penetração bancária e da reestruturação da empresa. Um volume de vendas da ordem dos 80 milhões de dólares justificava a confiança dos homens da Wall Street, em especial do Banker's Trust, do Morgan Guaranty, do Continental Illinois Bank e do State Street Fund, de Boston. As quotas adquiridas por estes bancos atingiram somas surpreendentes e, como sempre, isso traduziu-se não apenas num aumento de prestígio e da fortuna pessoal de Randell, mas também no da própria empresa e na sua expansão de mercado.

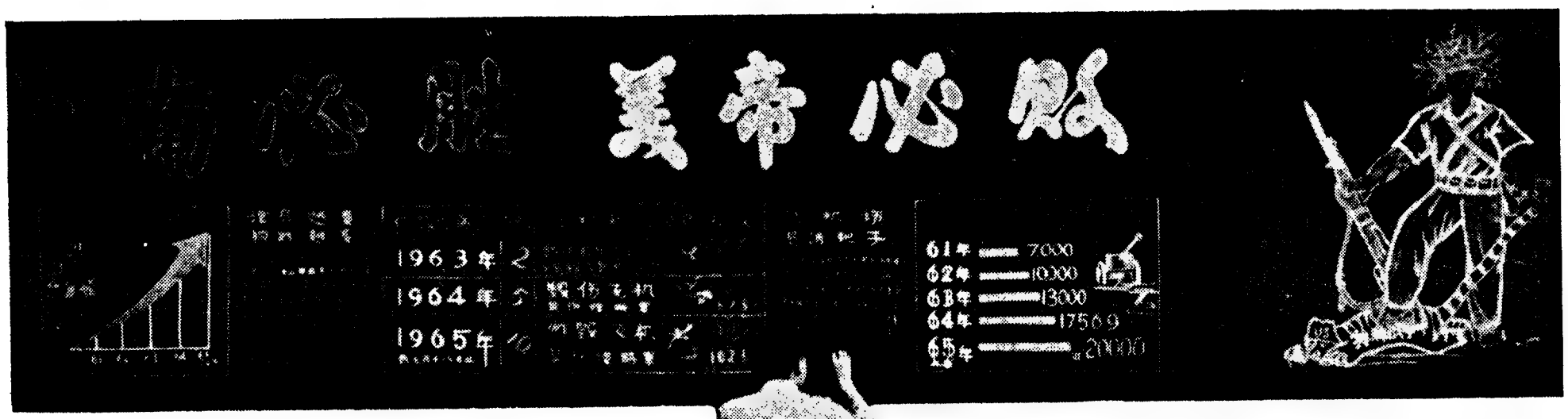
Lógicamente, o organograma da N. M. S. requeria reestruturação — uma reestruturação completa. Ao proceder a esse trabalho, os peritos verificaram com assombro que no meio dos lucros fabulosos da firma, encontravam-se certos focos deficitários verdadeiramente inacreditáveis por traduzirem falhas elementares de organização. Kurek, vice-presidente dos serviços financeiros da N. M. S. relatou, por exemplo, que tinham sido desperdiçados cerca de 500 mil dólares numa rede de agentes nos liceus e nas universidades porque os elementos recontados se mostraram inoperantes. Walther e outros membros da comissão executiva juntaram, por seu lado, que havia deficiências nos contratos de vendas, devido á incuria de certos departamentos e principalmente ao pessoalismo do próprio Randell. E, para concluir, verificaram que os numeros de vendas tinham sido, nalguns casos, excessivamente optimistas. «Como sempre o gigantismo industrial tem o seu calcanhar de Aquiles na estruturação empresarial, «dizem agora os comentadores (ugh Walker em *The Economist*).

Entretanto, a tempestade crescia perante a total calma de Cortes Randell. O homem de 34 anos que estava no topo de um sonho materializado pelas suas próprias mãos, fechava os ouvidos ás críticas e continuava com a serenidade de um Messias. Sómente, a revelação da sua verdade salvadora jamais seria acatada. Os seus colaboradores da primeira hora e os representntes das empresas associadas estavam por demais assustados com os sintomas de desarticulação da N. M. S. que decidiram o golpe de palácio e criaram o estado de sítio de emergência.

Assim, em Fevereiro passado, o «gigante do papel e do cartaz», como era conhecido nos meios da Wall Street, entregava a direcção da empresa a uma comissão regeneradora. Os jovens, na opinião dos novos campeões, são um rico mercado a explorar como se provou mas podem levar á ruína quem quer que confie demasiado na sua fidelidade de compradores.

Randell fotografado junto de alguns «posters», um dos produtos que mais se vende entre a juventude

CHINA | ENTRE A IDEOLOGIA E A ECONOMIA



NAS vésperas da Revolução Cultural a China dispunha de 75 000 comunas populares (eram 26 578 em 1959) que se subdividiam em 700 000 brigadas — correspondentes às antigas cooperativas de ajuda mútua — e 4 800 000 equipas que tinham à sua conta cerca de 24 ha cada; donde se conclui que aproximadamente 100 milhões de hectares são presentemente cultivados nesta nação-continente com os seus 960 milhões de hectares, quase tanto como toda a Europa...

Escalão inferior relativamente pequeno, a equipa (20 a 30 famílias que vivem nas suas próprias habitações) é, no sistema colectivista chinês, o elemento motor, enquanto na U. R. S. S. é o contrário. Colectivamente proprietária das terras que cultiva, dos animais de tiro, da maquinaria especialmente, a equipa estabelece o seu plano de cultura, distribui a mão-de-obra, calcula a valorização do trabalho consoante a dificuldade das diferentes tarefas agrícolas e a competência que elas exigem. Aqui se aplica a máxima socialista: «A cada um segundo o seu trabalho».

Depois do fracasso do «Grande salto em frente» fez-se marcha atrás: foi restabelecido o direito individual de cultivar uma parcela de chão proporcional ao número de elementos de cada família: o total destas leiras não devia ultrapassar os 5 por cento dos domínios da comuna popular. A criação privada (cabras, aves, ovelhas e sobretudo porcos) foi restabelecida e mesmo encorajada. Autorizaram-se mercados livres, se bem que em número limitado. No entanto, conseguido um rápido desenvolvimento da produção, a actividade privada ficou interdita em Dezembro de 1967. Em certas províncias assiste-se à fusão de equipas, brigadas e comunas a fim de constituir maiores unidades. Finalmente, os rurais obtiveram um sistema mais igualitário de remuneração em virtude do qual a parte no rendimento colectivo não depende sómente dos «pontos-trabalho» adquiridos segundo a tarefa cumprida: a política assume o papel de critério principal. Este curioso sistema foi inaugurado em Dazhai (Tachai), brigada de produção modelo ou Chansi. Este método importantiza a consciência política do trabalhador, acima da sua capacidade de produção, o que leva a maior remuneração pelo activismo político, como incitamento à fuga do quadro estreito da sua vida profissional e familiar.

Se a produção total de cereais aumenta, não nos devemos esquecer que a população cresce em cada ano cerca de 15 milhões de bocas suplementares. Assim, a imensa China pesa sobre a nossa própria sorte porque, se o crescimento demográfico continua ao ritmo de 2 por cento, estamos em presença de um excesso de consequências imprevisíveis. Inversamente, se o desenvolvimento agrícola permitir a Pequim ir além das necessidades do seu formigueiro humano, a «Via Chinesa» será para os povos esfaimados da Ásia e África um exemplo irresistível.

O comércio exterior, instrumento de planificação socialista para industrializar a China, não representa mais do que um papel marginal ou seja: prover ás insuficiências nacionais. A China popular, onde vive presentemente um quarto da Humanidade, mantém-se à margem das grandes correntes comerciais. Os motivos assentam na vontade deliberada de Pequim de vencer o subdesenvolvimento por um sistema de semiautarquia. A China atingiu, com efeito, um leque tecnológico de tal monta que lhe é possível reproduzir a maior parte dos processos estrangeiros. Não acha, portanto, necessário importá-los, com o que poupa divisas estrangeiras. A decisão chinesa de reduzir sistemáticamente o volume do seu comércio — ou, pelo menos, de lhe travar a expansão — representa uma tendência não conjuntural mas estrutural.

O diferendo sino-soviético teve, por outro lado, uma incidência capital na estrutura das relações comerciais da China com o exterior. No decurso do presente decénio, o comércio de Pequim com os associados comunistas desceu em flecha. Em contrapartida, a percentagem das operações chinesas com os países não comunistas aumentou incessantemente até à entrada da Revolução Cultural na sua fase activa; então, por motivo das alterações provocadas na produção e sobretudo nos transportes, assistiu-se a um recuo nas trocas exteriores da China

Com o Japão, as exportações de Pequim diminuíram; pelo contrário, as importações atingiram um nível jamais conhecido.

Em relação aos países da Europa Oriental — compreendendo a Jugoslávia — o comércio da China aumentou em detrimento do comércio com a U. R. S. S. No ano corrente, Pequim desenvolveu grandes esforços no sentido de melhorar as suas relações económicas com estes países.

Há que prestar atenção ao desenvolvimento do potencial industrial da China que, tarde ou cedo, rivalizará com o mundo ocidental. Não se pode negligenciar a eventualidade de uma simbiose do Japão e da China (dinamismo industrial e comercial daquele, recursos humanos e em matérias-primas desta) que levaria ao primeiro plano um bloco sino-japonês líder económico de três quintos da Humanidade!

A CRISE DA SUPERABUNDÂNCIA

Por TRISTAN DOELNITZ

A CABA de se levantar o pano para o início do terceiro acto do psicodrama económico americano. É agora, a vez de o público subir ao palco. O público, isto é, a multidão imensa dos consumidores. Os dois actos precedentes haviam posto em cena sucessivamente o mundo da finança (a quebra de Wall Street) e o dos negócios e da indústria (a crise do tesouro).

Se bem que o novo episódio evoque o estilo do «happening» onde os actores e os espectadores se confundem, trata-se na realidade de um desenvolvimento perfeitamente clássico: se compararmos o papel actual do público americano ao papel desempenhado pelo coro na tragédia grega, verificaremos que ele intervém de maneira decisiva representada pelos seus 62 por cento do produto nacional bruto.

Os consumidores tornaram-se de facto, na época de compras que principia com o *Labor Day* (primeira segunda-feira de Setembro) os árbitros da situação económica do país pelo que esta parece particularmente fluida: devido à iminência das eleições de Novembro, o Governo de Washington encontra-se mais que nunca paralisado pelos objectivos contraditórios do pleno emprego e do «contrôle» da inflação. Os principais índices económicos, respeitantes à produção industrial, a evolução dos preços, o nível dos stocks e o volume das vendas, traduzem mais uma estagnação do que um agravamento da crise ou uma franca retomada dos negócios.

Os lares americanos, conforme resolverem gastar ou economizar os rendimentos disponíveis, têm, portanto, o poder de fazer inclinar a balança num sentido ou noutro. A sua atitude será determinada pelas respostas a estas duas perguntas: estão eles em condições de gastar mais? Quererão eles aumentar as suas despesas?

Falou-se muito, nestes últimos tempos, na capacidade das empresas. Ora acontece que é a «capacidade dos consumidores americanos que pode dar uma resposta à primeira daquelas perguntas.

Num recente estudo, John Erceg, economista do Banco da reserva federal de Cleveland, nota que «*a capacidade dos consumidores é um factor-chave da perspectiva económica a curto prazo porque os consumidores, prevê-se geralmente, devem fornecer o impulso de actividade económico ao curso do segundo semestre de 1970*».

A situação dos lares nos Estados Unidos deteriorou-se sensivelmente, quanto à sua capacidade financeira, no decurso da última década. Não se põe de lado a possibilidade de um aumento de compras sem o recurso correspondente: a endividação — mas sómente quando o clima económico e social se prestar a isso. Deste ponto de vista, o resultado das negociações para a conclusão de novos contratos colectivos da Indústria automobilística é susceptível de ter importantes repercussões.

Embora adopte, por princípio, uma atitude de não intervenção nos conflitos do trabalho, a Casa Branca não conseguiu manter a posição neutral por razões políticas, aos olhos das suas forças sociais: o patronato está resolvido a contribuir para o sucesso da política anti-inflacionista da administração republicana, enquanto os sindicatos se recusam a *pagar a conta* do que eles consideram como uma tentativa de estabilização em grande parte infrutuosa. Se não se chegar a acordo nas negociações de Detroit até 14 de Setembro, data em que expiram os contratos colectivos da indústria automobilística, o endurecimento das relações entre os sindicatos e empregadores criará um sentimento de insegurança entre os assalariados, ou seja: entre a grande massa dos consumidores.

A tensão social verifica-se já no facto de que os dias de trabalho perdidos por motivo das greves aumentaram em 15 por cento no decurso do primeiro semestre de 1970 e relativamente ao mesmo período do ano anterior. A rejeição imediata, pelo sindicato United Auto Worker, no dia 1 de Setembro, de uma oferta patronal de 13,5 por cento de aumento para os três anos do próximo contrato, confirma os temores de que este não será renovado sem o recurso á greve.

No entanto, é curioso notar que, em quatro paralisações do trabalho verificadas nas mesmas circunstâncias nesta indústria desde o fim da guerra, duas efectuaram-se depois de uma recessão, a saber em 1958 e 1961, e uma terceira a seguir a um período de estagnação económica em 1967.

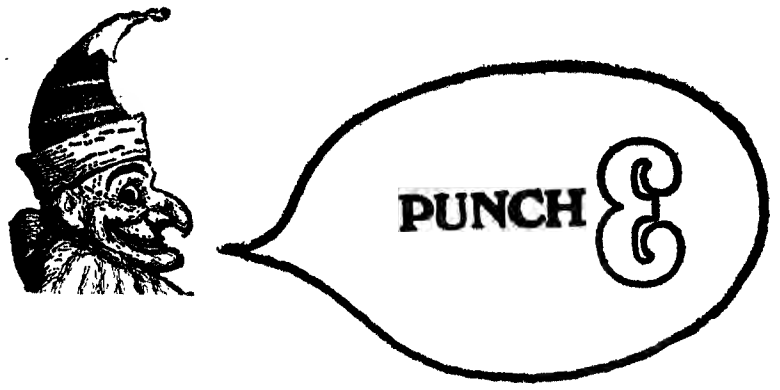
Em nenhum destes casos as greves provocaram uma baixa nos rendimentos pessoais. Pode concluir-se que a paralisação do trabalho numa indústria tão importante como a automobilística não basta para contrariar sériamente o equilíbrio dos negócios.

Como os factores psicológicos assumem neste domínio uma enorme importância, o comportamento provável do consumidor americano escapa a uma análise simplista. A confiança pode ser um factor do cálculo econométrico, mas está longe de constituir uma ciência exacta. Para mais, encontra-se actualmente muito prejudicada pelas questões inquietantes que os americanos se colocam quanto á «missão» do seu país no mundo e quanto aos próprios fundamentos da sua sociedade.

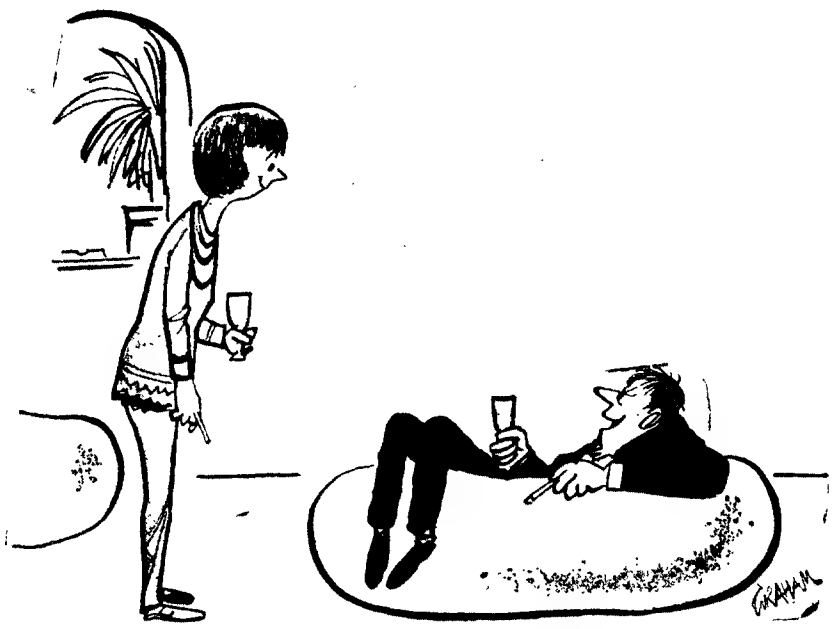
TRENDURBIA

Novo europeu: produto da sociedade de abas... dade dão da classe média promovido a turista durante quinze dias por ano que «aprende a viver» nas revistas ilustradas; gentleman «à la mode» para quem «o que se diz», «o que se faz» e «o que se usa» é um padrão sagrado e imutável. TRENDURBIA = Trend (moda, tendência) + + Urbia (Arredor, suburbia). Em TRENDURBIA, o Punch apresenta os hábitos e os costumes dos novos europeus «à la Mode» dos arredores de Londres.

Por GRAHAM



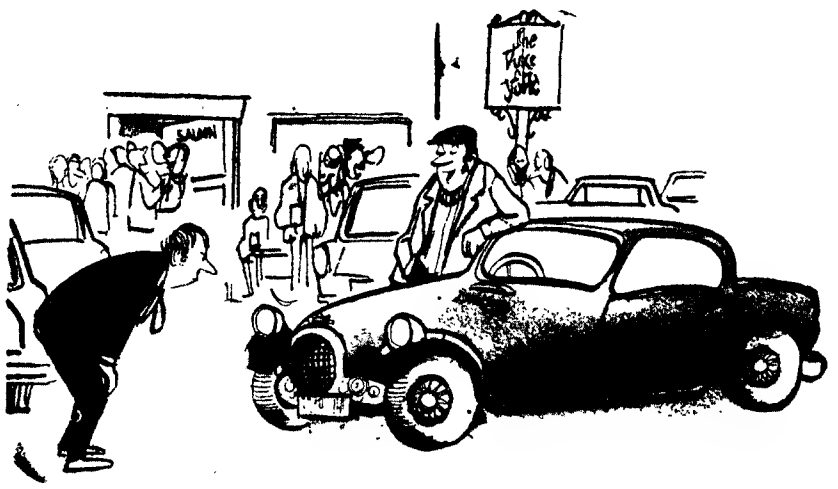
Que giro! Os Davenport vão dar uma festa em que só servem queijo e vinho tinto...



Palavra de honra, minha senhora, que me sinto lindamente. Olhe que nunca me sentei numa cadeira tão cómoda...

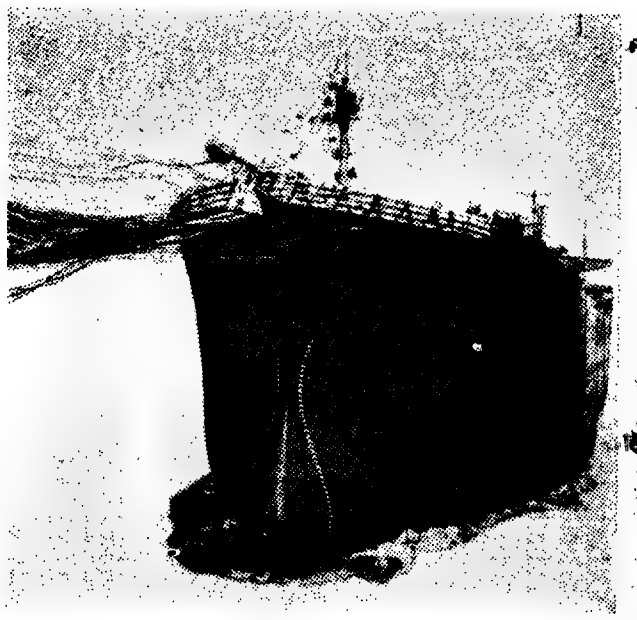
Quero esta parede forrada de «tweed» escocês... de «tweed» artesanal azul-celeste e amarelo-canário.

Que devo eu vestir para ir a esta festa em que só servem fondue? O meu fato de ir a safaris — aquele que não tem mangas — ou o meu blazer italiano de seda, às riscas verdes e brancas?



Foi feito por um homenzinho que eu descobri em Birmingham. Era o que me faltava, andar num carro feito em série!

S. FRANCISCO



MARINHA MERCANTE
UM NEGÓCIO QUE METE ÁGUA

Por CHARLES HILLINGER

OS dias dos navios de cruzeiros e de passageiros norte-americanos estão contados. Actualmente existem apenas seis paquetes no País.

Centenas de navios de passageiros americanos cruzaram os mares durante mais de um século mas agora, a menos que ocorra algo de imprevisto, não haverá um único navio de passageiros dos E. U. A. a flutuar, dentro dos próximos anos.

«É uma desgraça nacional», queixa-se o capitão Fred Angrick, que tem estado à frente de navios de passageiros desde 1923, excepto durante a guerra quando foi transferido para os vasos de guerra, naturalmente.

A capitão (de 66 anos) como muitos outros americanos, não pode compreender porque razão a nação que mais passageiros de navios fornece a todo o mundo e cujos cidadãos são os que no planeta mais apreciam cruzeiros não tenha barcos para os transportar.

«Cada vez mais pessoas viajam pelo prazer de fazer um cruzeiro. Há passageiros como nunca houve», diz ele. «Mas viajam todos em navios de bandeira estrangeira. Isso significa uma tremenda hemorragia de dólares americanos, dinheiro esse que poderia ficar no país».

«Não faz sentido, quanto a mim, que a maior nação do mundo, a mais poderosa da Terra, não possa competir numa indústria importante cujos principais consumidores são justamente americanos».

Um alto funcionário da Administração Marítima dos E. U. A. que pediu para não ser citado nominalmente neste artigo «para que não digam que sou eu que ponho os crepes na Marinha Mercante norte-americana», disse:

«Simplesmente não podemos competir com as companhias estrangeiras. O fulcro do problema é que as tripulações americanas ganham quatro vezes mais do que qualquer outra estrangeira, e em cada viagem quase que há um tripulante para cada passageiro. A indústria está a dar o seu último suspiro».

Ele falou do mais luxuoso navio construído, o «United States», que tem estado parado na costa oriental.

«Durante o ano passado, o Governo Federal deu 12 milhões de dólares de subsídios para conservar aquele navio ao serviço. A United States Line, companhia que opera com esse super-paquete, no fim do ano tinha perdido quatro milhões de dólares».

«A nova filosofia da administração marítima é reduzir completamente os subsídios. Já demonstrámos que não são necessários subsídios para os navios de carga — porque esses navios estão a competir com êxito com o cargueiros estrangeiros. Mas é impossível suportar os encargos dos navios de passageiros».

Os seis paquetes norte-americanos ao serviço são velhos, todos eles construídos entre os anos 40 e os 50.

Cinco anos atrás havia 20 navios de passageiros com a bandeira dos Estados Unidos. A principal companhia de navegação dos Estados Unidos perdeu dois milhões e meio de dólares com o serviço de dois navios, o ano passado.

Este ano, a companhia espera perder um milhão de dólares com o negócio de passageiros.

«O mercado está aqui», mantém o presidente executivo de vendas Dennis Gaffey. «Os nossos barcos têm estado cheios todo o ano». A «American President Line» fechou o mês passado os seus escritórios em Chicago, Nova York, Los Angeles, e Honolulu e reduziu o seu pessoal ao mínimo em Tóquio, Hong-Kong e Manila

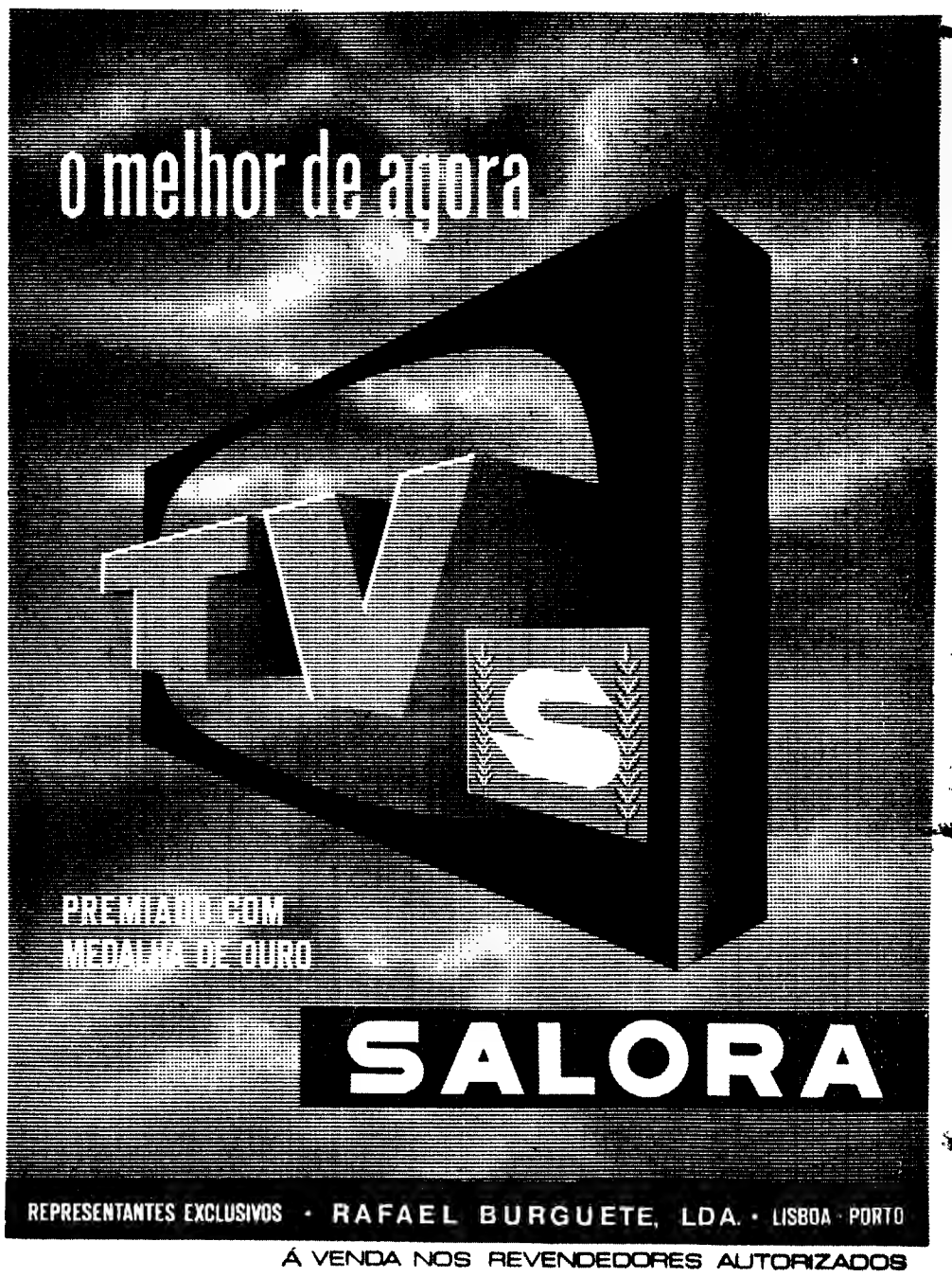
«A companhia pensou que podia fechar os seus escritórios porque 80 por cento dos seus bilhetes são vendido por agentes de viagem», disse Gaffey. «Por isso, porque não deixar os agentes de viagens ficar com todo esse movimento?»

John Traina, presidente do Departamento de Navios de Passageiros, descreve o negócio de navios de passageiros como «um grande êxito dos anos 60».

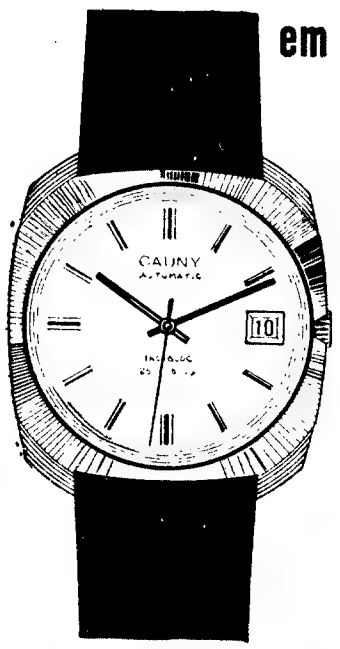
«Uma verdadeira contradição», diz Traina. «A President Cleveland nos seus últimos 43 dias de Oriente ganhou mais do que um milhão de dólares. A mais frutuosa viagem desde que começou a trabalhar em Dezembro de 1947. Quanto mais altos os preços maiores os ganhos».

«No princípio deste ano o «Lurline» e o «Presidente Roosevelt» foram vendidos aos gregos. Sabem o que isso significa em desemprego? 1200 homens e mulheres ficaram sem emprego. Não se pode dizer que os sindicatos tenham qualquer culpa. Eles só querem ver os navios americanos a continuar a navegar.

Angrick, o veterano da «President Cleveland», viajou em paquetes luxuosos durante 47 anos. «Só Deus sabe quantas viagens transpacíficas e transantlânticas eu fiz. Perdi-lhe a conta há muitos anos. É um bom emprego, comparado com o da aviação comercial — 90 contos por mês e férias de três meses pagas por ano. Não posso acreditar que qualquer dia não haja nos mares um único navio americano», diz ele abanando desanimadamente a cabeça.



Á VENDA NOS REVENDEDORES AUTORIZADOS


em todo o mundo...

cAUNy

! O RELÓGIO DO ANO 2000 !

cAUNy

Relógio suiço de qualidade

KARL MARX / DO AMOR

HÁ SETENTA ANOS, Eleanor Marx, filha de Karl Marx, deu a conhecer, pela primeira vez, algumas linhas de uma carta inédita de seu pai Tratava-se de uma carta de amor, nem mais ridícula nem menos ridícula do que as cartas de amor do comum dos mortais o são. «Ao longo de toda a sua vida» — escreveu Eleanor — «Marx não só amou, como esteve enamorado pela mulher. Tenho à minha frente uma carta amorosa de que emana uma ardente paixão, como se a tivesse escrito um jovem de dezoito anos. Pois bem, Marx escreveu esta carta em 1856, quando Jenny já lhe tinha dado seis filhos. E em 1863, encontrando-se em Treveris, onde foi assistir ao enterro da mãe, Karl escreveu a Jenny von Wesiphalen:

Saio diàriamente a render culto aos lugares santos, passo pela velha casa dos Westphalen (na Rua de Roma), casa que me atrai mais do que todos os antigos monumentos romanos, pois recorda-me a época feliz da juventude, o tempo em que guardava o meu tesouro mais querido. Aliás todos os dias me perguntam pela primeira beleza de Treveris, a rainha dos salões. É extremamente agradável para o marido ver que a mulher perdura na memória de todo um povo, qual princesa encantada.»

Eleanor não deu, porém, a conhecer a carta de 1856, «que podenia ter sido escrita por um rapaz de 18 anos». Só em 1958, mais de um século depois de escrita essa carta foi publicada em Milão, com autorização dos descendentes de Marx. Eis alguns parágrafos desse documento amoroso:

«Meu amor:

Volto hoje a escrever-te porque, na minha solidão, torna-se penoso falar mentalmente contigo sem que tu o saibas, sem que me oiças, sem que me possas responder. Por muito mau que o teu retrato seja, presta-me um serviço excelente. Compreendo agora como até as «madonas sombrias», as mais feias imagens da Virgem, têm admiradores zelosos. Contudo, nenhuma dessas sombrias imagens tem recebido tantos beijos e olhares tão ternos e tão devotos, nenhuma tem sido tão adorada como esta tua fotografia (...) Tu ofereceste-me como viva, e eu levo-te em braços, cubro-te de beijos da cabeça aos pés, caio de joelhos e suspiro: Amo-te, amo-te. Sim, amo-te com mais paixão do que alguma vez amou o mouro veneziano. Neste mundo leviano e traidor, todos têm uma noção falsa e superficial do amor. Qual dos meus numerosos caluniadores e inimigos já alguma vez me acusou de poder interpretar o papel de primeiro amante num teatro de segunda categoria? Mas tá-lo-iam se pudessem. Se esses canalhas tivessem um mínimo de humor, como gostariam de pintar as relações de produção, de um lado, e a mim aos teus pés, do outro: «Olhem para um e para outro quadro», escreveriam como legenda. Mas estes canalhas são uns imbecis e sê-lo-ão sempre (...)»

Tudo começára com o casamento secreto e romanesco de Karl e de Jenny. Ele era estudante, filho de uma família da classe média sem títulos nobiliárquicos e os seus únicos projectos para o futuro resumiam-se em *«trabalhos pela Humanidade»*. Ela era filha de uma casa nobre e poderosa, destinada aos altos destinos da aristocracia alemã. Ambos viveriam depois uma longa vida em comum, tendo Jenny partilhado a dura vida revolucionária do fundador do socialismo científico. Em 2 de Dezembro de 1881, em Londres, Jenny falecia. Nesse dia, Engels escreveu: «Também morreu o Mouro». O Mouro era, para os familiares, Karl Marx Quinze meses depois, o Mouro morria.

A segunda edição russa das obras de Marx e de um Engels, que publicou na íntegra a carta de Karl a Jenny escrita em 1863, divulgou pela primeira vez uma carta do Mouro a Paul Lafargue, seu discípulo e futuro genro. Trata-se de um documento acerca da articulação do amor com a vida social, das relações amorosas num mundo duro, *leviano e traidor»*. O realismo da análise da relação de Paul com Laura alia-se ao bom senso e ao humor. Eis alguns excertos dessa carta, datada de Londres, a 13 de Agosto de 1866 (Marx tinha então 48 anos):

«Meu caro Lafargue:

Permita-me que lhe faça as seguintes observações:

1 — Se deseja manter relações com a minha filha, é necessário que renuncie ao seu modo de a «cortejar». V. sabe perfeitamente que não há promessas e que nada está decidido. Mas, ainda que ela lhe estivesse oficialmente prometida, não deve esquecer qeu o assunto requer tempo. A exibição de uma intiimdade demasiado grande seria inoportuna, tanto mais que ambos vão viver nesta mesma cidade por um largo espaço de tempo, por certo saturado de duras provas e sofrimentos Tenho observado com espanto as transformações na sua conduta, de dia para dia (...) Se você invoca como explicação o seu temperamento crioulo, meu dever é interpor o meu raciocínio entre a sua fogosidade e a minha filha. Se, ao pé dela, V. não é capaz de expressar o seu amor na forma correspondente ao meridiano londrino, terá então que se habituar ao amor à distância. Ao bom entenedor, meia palavra basta.

2 — Antes de decidir definitivamente acerca das suas relações com Laura, devo ter uma ideia clara da sua situação material. A minha filha julga que eu estou ao par dos seus assuntos. Engana-se. Nada lhe perguntei, convencido que V. tomaria a iniciativa. Sabe que sacrifiquei toda a minha fortuna à luta revolucionária. Não o lamento, antes pelo contrário. Se de novo tivesse que empreender a minha trajectória na vida, faria o mesmo. Só que não me casaria. Quero evitar que a minha filha tropece nos mesmos escolhos em que a mãe tropeçou (...) Necessito pois explicações positivas acerca de todos estes pontos. Homem tão positivo que pretende suprimir a poesia, não pretenderá dedicar-se a ela em prejuízo da minha filha.»

Laura Marx e Paul Lafargue casaram. Levaram uma vida revolucionária, pobre, difícil e áspera. Em 1911, em Paris, consideram-se demasiado velhos para lutar pela revolução e suicidaram-se juntos. Ao seu enterro, no Père Lachaise, compareceram representantes de todos os movimentos marxistas da Europa e da América. Um russo obscuro e desconhecido pronunciou um discurso.

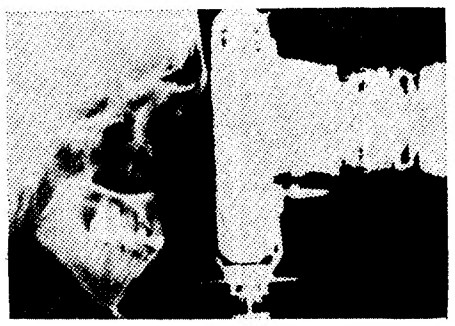
KARL

ELEANOR, A FILHA

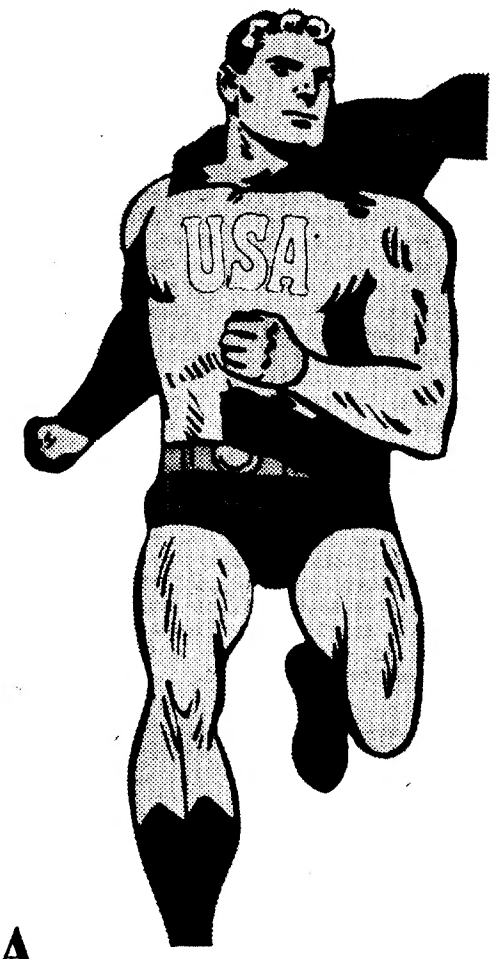
SÓ MAIS UMA VEZ

SR. IONESCO

IONESCO. Um fato velho, indistinto. Mal barbeado, mal lavado: Ionesco. Em plena actividade. Desce, sobe escadas. Repete o mesmo gesto dezenas, centenas de vezes. Avança, recua. Pára. Retoma a marcha. *Desculpe, senhor Ionesco, é melhor recomeçar. Só mais uma vez. Tem de se mostrar mais apressado, mais decidido...* Ionesco. Não a escrever, mas a representar. A representar o que escreveu. A representar-se a si próprio em La Chapelle-Anthenay, a terra da sua infância. *Estávamos no fim da guerra, a primeira. Por causa de uma forte anemia, minha mãe confiou-me aos cuidados de uma família da região que dava pensão a crianças. Aqui fiz seis, sete, oito e nove anos. Aí aprendi a ler. Era feliz.* Ionesco, pacientemente, repete os gestos mil vezes cumpridos. Novamente a voz do realizador: *só mais esta vez, sr. Ionesco...* Ah, se Ionesco adivinhasse em que consiste o ofício de actor de cinema! As repetições, a lentidão, a desordem aparente, as interrupções, o recomeço, o prodigioso aborrecimento de tudo isso... Mas agora nada feito. Tem de continuar. Quando a televisão de Colónia o convidou a escrever o cenário e os diálogos para um filme de 35 mm, aceitou imediatamente. E quando lhe falaram em representar ele próprio, em ser ele próprio a personagem, deixou-se tentar pela aventura. Agora torce a orelha, É tarde. Tem de começar. Tem de recomeçar. Tem de subir e de descer aquelas escadas uma vez. E outra. E outra. Heinz von Cramer, o director, ainda não está satisfeito. Ah, se ele adivinhasse... Ele, na pele de um representante comercial que vive a sua história em 1920, na Mayenne, *há uma toalha, ele vende coisas. O quê? Não se sabe. Coisas, não importa quê. És tu, sou eu, é não importa quem.* Vive num quarto do primeiro andar, cheio de quinquilharias, atapetado de papel azul-pálido, ao princípio cheio de apetite, de fogo, de energia, depois endurecido, lento, manietado, tramado — e finalmente desagregado: caído num pântano, perde os membros e os órgãos um a um. Não será um tema demasiado beckettiano? Talvez sim. Em 1955, Ionesco ignorava totalmente a visão de Beckett: simples coincidência, portanto. Com a peça *Jeu de massacre* aconteceu coisa semelhante. Foi comparada à *Peste*, de Camus. A Ionesco, que lhe parece? *Tanto eu, como ele, nos inspirámos no «Diário da Peste em Londres», de Defoe. Portanto: o mesmo ponto de partida mas vias diferentes. Chegámos a conclusões radicalmente opostas.* Ionesco actor: conversa interrompida. Chamam-no para uma correcção de maquilhagem, *desculpe, sr. Ionesco...* Isto dura apenas há 10 dias — e ainda há trabalho para três semanas. Assistirá ele ao ensaio geral da sua peça que segue, a 17.ª ou 18.ª, não se lembra bem? Não. Não terá ocasião. *Esta peça desenvolve um tema de uma banalidade, de uma simplicidade extremas: a maior parte das pessoas ignora que vai morrer; é isso o que eu lhes recordo, nada mais. Brecht não viu na morte mais do que a consequência da guerra civil, mundial ou revolucionária. Pois eu esforço-me por lhes lembrar que há outras maneiras de morrer.* Claro, não deixa de ser curiosa esta obsessão da morte que desde *Le roi se meurt* marca tão profundamente a obra de Ionesco. *Curiosa, porquê? Em primeiro lugar, esta angústia não é recente, trago-a em mim desde a infância. Um automóvel que derrapa, a terra que se abre — sempre pensei que me poderia acontecer isso. Quando? Não sei. Não, não estou aterrorizado, de maneira nenhuma: estou profundamente humilhado pela minha insignificância. Como pode* Alguém *fazer-me isso, a mim?* Alguém. Mas quem? Ionesco não sabe. *Alguém.* Se Claudel teve a revelação de Deus quando se encontrava de pé atrás de um coluna da catedral, ele afirma ter experimentado a mesma evidência sentado numa cadeira de sala de cinema quando assistia à *Via Láctea*, de Buñuel. *Recorda-se daquela cena num grande palácio. No momento em que lhe perguntam se ele crê em Deus, o chefe de mesa responde:* «Claro que sim!». *Isto pareceu-me irrefutável. Não, o que é curioso, para mim, não é a consciência mas a inconsciência da morte. A revelação surge-nos à volta dos cinco anos, depois esquece-se, faz-se um pouco de filosofia, de sociologia, julga-se haver ultrapassado tudo isso, finalmente apercebemo-nos de que isso é impassável, inultrapassável. Para a maior parte dos jovens, o problema não se põe: eles estão cercados de moribundos e a questão não lhes diz respeito. Moribundos, no entanto, eles o são já também: são-no uma semana depois de nós, eis tudo. O tempo é chegado para que o homem tome consciência do seu destino.*



[As palavras de Ionesco foram recolhidas por Claude Sarraute]



SUPERMAN

UM HERÓI QUE NEUTRALIZA OS NOSSOS DEFEITOS

A banda desenhada é mais do que uma forma nova de contar histórias, é um remédio para certas doenças do nosso tempo que atacam indivíduos de todas as classes e idades. Uma das características específicas da banda desenhada é, na verdade, a universalidade do seu publico: dos intelectuais da rive gauche aos meninos da instrução primária, passando por muitos comerciantes respeitáveis da rive droite, todos, pelo menos uma vez por outra e ainda que ás escondidas, dedicam uns minutos á banda desenhada. Mas para quê falar unicamente de Paris se a banda desenhada atingiu todas as cidades, todos os países e todos os continentes? E para quê considerar a banda desenhada como propriedade de adolescentes mentais se ela interessa mesmo aos estudiosos e aos «intelectuais puros»? O Centro de Estudos de Comunicação de Massas da Universidade de Roma, por exemplo, dedicou á banda desenhada estudos, a que tem de atribuir-se nível universitário, que incluem uma análise extensiva de Dick Fulmine, o herói fascista (Professor Vpipicelli, Doutor Calisi e Ernesto Laura) e um importante estudo das relações entre a banda desenhada e o cinema (Claudio Bertier). Se os franceses encontraram o seu próprio «far west», ainda que histórico e regional, nas aventuras do gaulês Astérix, os italianos procuram o seu com afã, como se verificou no decorrer do congresso de Lucques, que reuniu psicólogos e sociólogos interessados no estudo deste fenómeno do nosso tempo. É que a originalidade e a vitalidade do «comic» europeu foram francamente perturbadas pela invasão do «comic» norte-americano, que se afastou do «far west» para se integrar na própria vida. As aventuras de Peanuts não entram nas grandes bibliotecas científicas dos «campus» das universidades dos Estados Unidos, mas os heróis infantis dos comics dormem debaixo das camas dos estudantes e quem sabe se debaixo das camas de muitos professores. Estes heróis infantis que falam como adultos e que têm problemas de adultos, constituem uma legião já tão vasta que não é possível enumerá-los todos. Vale a pena mencionar Charlie Brown, celebrizado pelas suas desgraças escolares; Linus, o fetichista, que segue na peugada de Lucy, a sua amante vinculada á dura obrigação moral de envenenar os inimigos da colectividade. Vale, ainda, a pena mencionar o celebrado cão Snoopy cujos complexos apaixonam a juventude norte-americana. Charlie Brown, Linus, Lucy e Snoopy são autênticos heróis inadaptados que se batem num mundo, cada vez mais complexo e difícil de entender, em que o teórico é, para a maioria das pessoas, inimigo do prático e em que uma vala cada vez mais profunda separa o «sonhado» do «possível». Para o demonstrar, lá está Linus que afirma «I love mankind, its just people I can't stand» (Eu amo a humanidade — o que eu não suporto são as pessoas) a uma amante sofisticada na arte de viver no Mundo de hoje que tenta ensinar-lhe a grande lição da natureza: «Don't be a leaf, be a tree! «(Sê uma árvore e não uma folha!»). Linus porém, por mais que lhe ensinem a viver de acordo com as regras da competição, está fatalmente destinado a ser um contra-herói e é precisamente devido a esta sua incapacidade, que se transformou no herói duma juventude que repudia a competição como norma de vida. Não se julgue, porém, que as coisas são tão simples como parecem á primeira vista porque ao lado de Linus, impera Superman, o herói competitivo e dominador que não

tem complexos nem vive da inadaptação psicológica. Superman não morreu nem pode morrer — tem isso de comum com os heróis mitológicos. A semelhança, porém, fica por aqui. Como nota o filósofo Umberto Eco, o herói primitivo já passara por todas as vicissitudes ao tornar-se conhecido e o que o público pretendia era apenas ouvir o relato das suas aventuras passadas. Superman, herói do século XX, assimilou a intriga romanesca do século XIX e vive no futuro próximo, tal como viveram os Três Mosqueteiros, Arséne Lupin e Fantomas — o que o público pretende é saber o que lhe vai acontecer a seguir. Superman, por outras palavras, tem de viver permanentemente novas aventuras e, por isso mesmo, de se consumir a si próprio. Este paradoxo — o herói é inconsumível mas consome-se — põe aos seus criadores uma série de problemas que eles resolvem recorrendo a uma série de paradoxos temporais: o anterior determina o posterior, de acordo com o postulado Aristotélico, mas Superman fracciona o tempo e escapa ás suas regras, encontrando-se a si próprio em criança, para que apenas seja real, isto é, verdadeiro em termos de coerência, o tempo da ficção narrativa. Tudo isto é delirante, como afirmou Jean Pierre Bourgeron citando um manual de psicologia: «a fábula delirante desenvolve-se em termos que escapam ao entendimento e tanto o espaço como o tempo perdem o seu significado para entrarem numa atmosfera de fantasmagoria».

Uma outra passagem deste manual parece aplicar-se ainda mais rigorosamente ao caso de Superman: «Estes doentes são vítimas perseguidas pelo Diabo ou pelas forças do mal e o delírio da perseguição aproxima-se da megalomania pela promoção dos temas ao nível cósmico. É precisamente por se julgar parte do espaço infinito que o doente se considera jogo de combates gigantescos. «Superman tem uma supervisão e uma superaudição para combater os seus superinimigos Jax-Ur, Mighto, Mxyplk etc. cuja origem é, também, extraterrena. O que é curioso — e lógico — é que Superman é o jornalista Clark Kent, um cidadão tímido e simpático que apresenta todas as características do bom empregado e do bom cidadão.

Põe-se, graças a este dualismo, um problema curioso: será o leitor de Superman um tranquilo parafrénico que se transforma, enquanto lê, num delirante invencível? Segundo alguns médicos, essa transformação é inofensiva, o que confirma a opinião do sociólogo Jean Stoetzel, que afirmou em tempos, referindo-se á imprensa diária, que os leitores das secções criminais dos jornais conseguiam, ao ler os relatos dos crimes alheios, anular a sua agressividade latente.

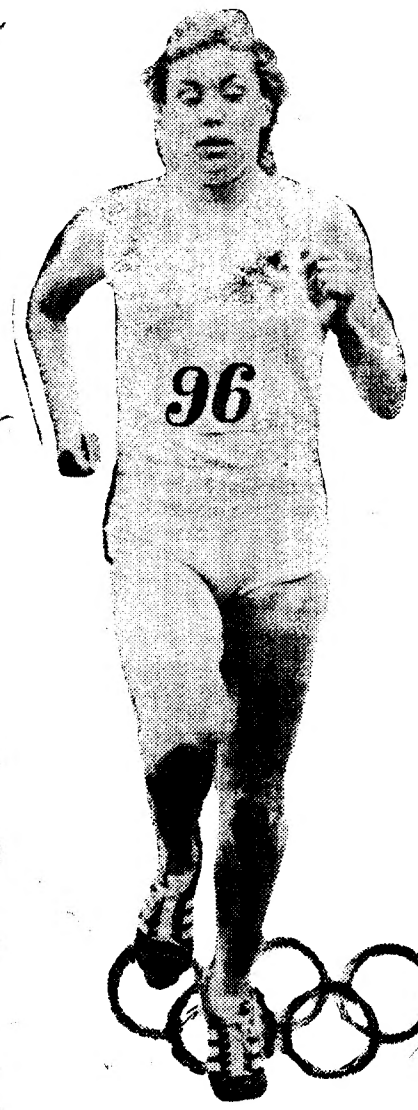
Conseguirá Superman libertar todos os empregados bancários dos seus desejos secretos de se transformarem em senhores do universo pelo simples premir dum botão? A resposta a esta pergunta toma a forma duma outra pergunta assente no estudo dos heróis míticos dos «comics» dos anos 30/40. Flash Gordon e Buck Rogers dominavam então a cena e dormiam debaixo das camas dos jovens norte-americanos tal como o fazem agora Superman e os seus colegas míticos. O primeiro batia-se contra Mongo, um planeta distante e o segundo tentava salvar a terra duma invasão marciana do ano 2040. Num e noutro caso, uma atmosfera alucinante destinada a representar visualmente a supercivilização: máquinas, motores de todas as espécies, naves espaciais, raios provocadores de catástrofes, écrans de supertelevisão, manivelas, interruptores e, sobretudo, botões destinados a por em movimento máquinas desintegradoras, paralisadoras, salvadoras ou destruidoras. Em grandes cidades subterrâneas áridas e secas, inteiramente desprovidas de árvores, uma humanidade militarizada, uniformizada, estandardizada, composta por indivíduos de aspecto medieval munidos de raios capazes de matar.

Que fazia esta gente imaginada nos anos 30/40? Trabalhava sob o comando de chefes despóticos de comportamento nazi ou de mulheres tiranas ligadas a cultos satânicos. Dominando tudo, um tribunal presidido por um pseudo Santo Inácio de Loyola, fanático e intransigente. Que faziam eles? Matavam todos os indivíduos de uniforme diferente.

Era este o mundo dos «comics» dos anos 30/40, dominado por um Flash Gordon e por um Buck Rogers que mal se distinguiam dos seus semelhantes imaginários. Este mundo simbolizava o culto da ciência destrutiva e das relações sociais assentes no ódio rácico, no fanatismo e na intolerância.

Perguntamos: terá este universo imaginário contribuído para anular as tendências agressivas dos jovens americanos ou terá, pelo contrário, contribuído para os preparar psicológicamente para Hiroshima e para a guerra «presse-bouton?»

Estamos perante o problema das relações entre os heróis populares e a sociedade. Terão estes super-homens, munidos de superpoderes, neutralizado certas frustrações bem conhecidas nos E. U., enquanto o nazismo triunfava noutros pontos do Mundo? A ser afirmativa a resposta dada a esta pergunta, que está acontecendo agora aos E. U. do Peanuts e do Charlie Brown?



A MULHER EM GRANDE RECORD

A comparação é simultâneamente a medida fundamental do desporto competitivo e a grande inimiga do desporto feminino. É que todas as comparações feitas entre as performances de diversas desportistas femininas tendem a ser anuladas pela tendência que todos revelam para comparar as performances das mulheres com as performances dos homens, o que leva o público a desinteressar-se pelo desporto feminino que, apesar disso, tem feito progressos extraordinários nos últimos anos. Quer queiramos quer não, continua a pensar-se que a atleta não é feminina e que o «odor corporal» provocado pela actividade física afecta a feminilidade da mulher mas não a virilidade do homem. O homem aceita que a mulher envergue uma saia pelissada para jogar ténis, mas considera-se atraiçoado ao vê-la envergar uns calções para lançar o peso ou para correr de bicicleta. O progresso do desporto feminino foi, por tudo isto, penoso e lento, mas os resultados obtidos nos últimos anos não foram tão espectaculares que o homem foi forçado a defender-se criando o «sex test» que é, em si mesmo, uma expressão da dúvida que ele sente ao verificar que a mulher até neste campo o está a apanhar... Até agora só houve um caso de burla em matéria sexual, mas o certo é que este «test» foi considerado de tal forma ofensivo, que várias desportistas femininas de grande nomeada abandonaram a competição desportiva. Para muitos, este abandono revela que certos resultados nos últimos anos foram falseados, mas até os que se afirmam seguros desta falsificação começam a compreender que, mais tarde ou mais cedo, as mulheres começarão a bater «records» em actividades desportivas até hoje tidas por exclusivamente masculinas.

No que se refere á natação, já todos se habituaram a ver «records» batidos por mulheres com uma regularidade extraordinária, mas é no campo do atletismo que as mulheres estão a progredir com maior rapidez e segurança. Bem vistas as coisas, os preconceitos masculinos assentam no facto de estar a diminuir, dia a dia, a margem de segurança que separava as suas performances das performances femininas...

A imagem do desporto feminino, por outro lado, tem beneficiado da actuação e do comportamento de desportistas como Mary Toomey (Rand), Ann Brightwell (Packer) e Lilian Board, que ganham medalhas olímpicas sem que esse facto prejudique a sua feminilidade natural.

Uma coisa é certa: mesmo que a mulher dadas as suas características físicas, não consiga rivalizar directamente com o homem no campo do desporto, os resultados já conseguidos são extraordinários, como se verifica ao examinar a actuação de atletas como Wymia Tyus (Estados Unidos) e Lolanda Balas (Rumania) a primeira das quais corre cem metros em 11 segundos enquanto a segunda salta 1,87 m em altura.

Uma dos veículos que mais tem contribuído para atrair a atenção das jovens para o desporto é, incontestávelmente, a televisão a que se deve, em grande parte, a popularidade de que o ténis goza em Inglaterra embora em relação a este desporto se verifique uma anomalia difícil de explicar: aumenta, dia a dia, o numero das jogadoras de grande categora. A verdade é que o ténis continua a ser dominado por duas grandes jogadoras: a senhora Billie Jean King e a senhora Margaret Court. Se jovens prometedoras, como a australiana Evonna Goolagong, não conseguirem renovar o sangue deste desporto, o seu nível está inevitávelmente destinado a diminuir. Há quem admita que uma das razões de ser da crise do ténis feminino inglês se relaciona directamente com uma das facetas do carácter do público britânico, que tende a simpatisar com esta ou com aquela artista e a apoiá-la em termos de exclusividade ,independentemente do seu mérito real. Não será por isso que Christine Janes (Truman) nunca conseguiu obter os resultados que seriam de esperar atendendo á sua categoria extraordinária? A verdade é que o apoio do público afecta profundamente a actuação do atleta como se verifica nos casos das nadadoras Karen Moras e Debbie Meyer, que não se cansam de bater «records» sempre que se sentem apoiadas pelo público.

Alguns dos desportos femininos encontram-se, no momento presente, numa encruzilhada, apesar dos resultados surpreendentes obtidos por algumas desportistas no campo da competição internacional. As desportistas inglesas mais prometedoras têm, efectivamente, de optar por uma de duas atitudes: ou perdem o medo á derrota para se dedicarem exclusivamente á procura da perfeição técnica ou entram numa engrenagem comercial que as levará a competir permanentemente em termos de inferioridade com as desportistas norte-americanas que são autênticas profissionais sustentadas pela colectividade para prestigiarem o seu país nos relvados das competições. E que a desportista europeia tem de combinar a sua vida desportiva com a sua vida doméstica porque o ambiente europeu ainda não é propício a que ela se entregue inteiramente ao desporto e porque a colectividade em que está integrada ainda não considera que a sua actividade contribua para o prestígio internacional a ponto de lhe custear as despesas.

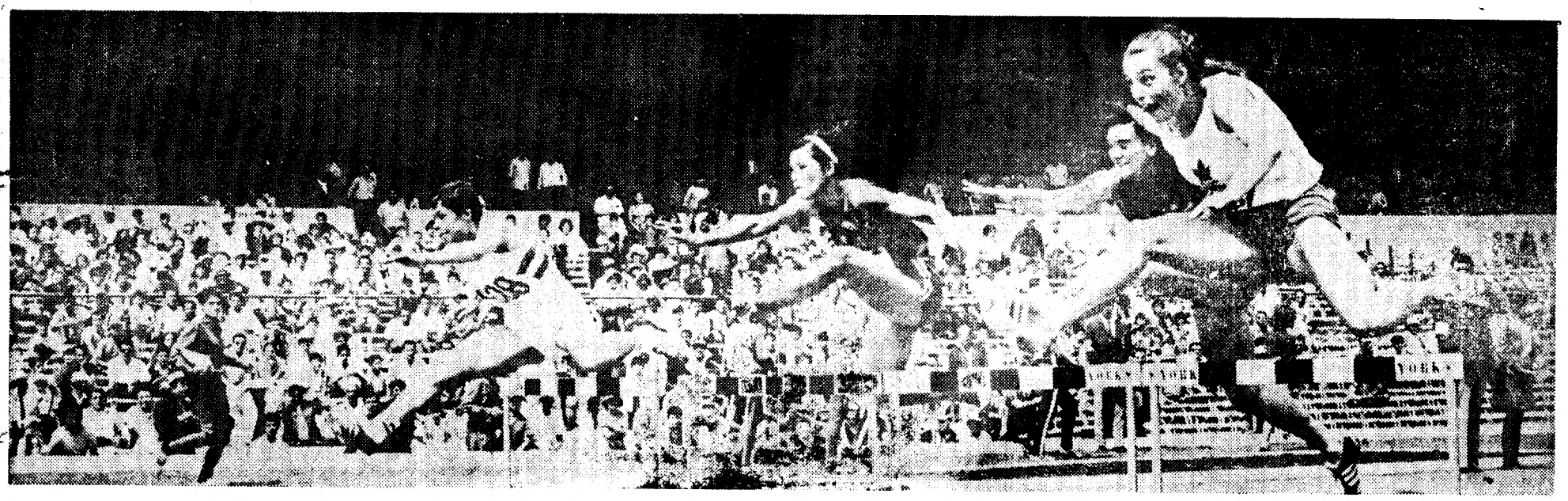
Daqui resulta que muitas das desportistas mais prometedoras abandonam o desporto para casarem e para se dedicarem a profissões lucrativas podendo afirmar-se que poucas conseguem conciliar a sua vida familiar com a sua actividade desportiva. E das desportistas que conseguiram conciliar estes dois aspectos da vida é Beryl Burton, Mãe, dona-de-casa e... campeã do Mundo de ciclismo feminino. Trata-se duma mulher invulgar que goza do maior respeito dos seus colegas e que é considerada como sendo a melhor desportista britanica do pós-guerra. Para se fazer uma ideia das dificuldades com que lutam as desportistas de nomeada, conta-se que tendo Beryl Burton necessidade de comparar as suas performances com as dos ciclistas masculinos, não conseguiu que um só dos ciclistas ingleses se prestasse á prova...

Outro aspecto da questão é o facto de em muitas competições existirem regras diferentes para as mulheres e para os homens. Trata-se duma desigualdade que tem tendência a desaparecer, mas embora as mulheres já tenham sido «aceites» em muitos desportos, continuam a ser olhadas com a maior desconfiança nas actividades desportivas em que só agora começam a ingressar.

O primeiro jogo de «cricket» em que participaram mulheres teve lugar em 1745, ano em que onze donzelas de Hambleton bateram onze rivais de Bramley mas passados duzentos anos, a mulher continua a não ser aceite neste jogo típicamente britânico.

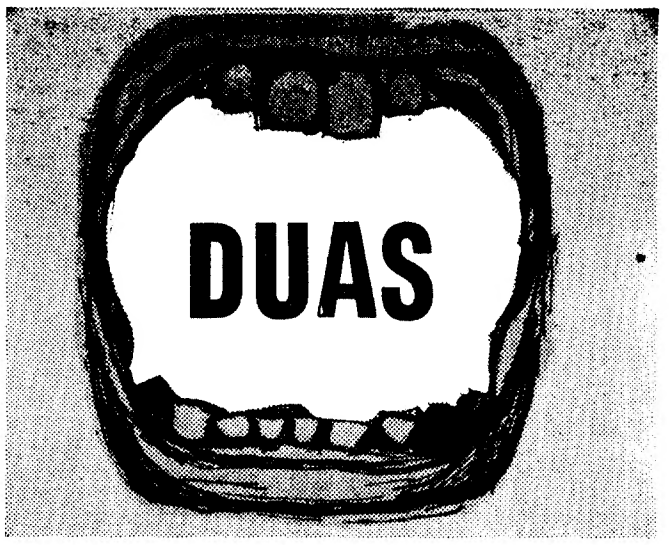
No caso do futebol, é perfeitamente possível que a aceitação não chegue a levar 200 anos como se verifica por ter tido lugar, este ano, o primeiro campeonato mundial de futebol feminino. Afirmam os observadores que assistiram aos jogos deste campeonato em futebol que só há uma diferença entre os homens e as mulheres: as mulheres usam o cabelo mais curto...

N. R. — A desportista portuguesa Maria Adelina Nunes, jogadora do Cruzeirense e segunda lançadora de dardo nacional, foi convidada a ingressar na equipa de futebol do Roma, tornando-se, assim, a primeira jogadora de futebol portuguesa com direito à classificação de profissional.



MULHER: O SALTO, CADA VEZ MAIOR

RIO DE JANEIRO



BADALAÇÕES DIFERENTES

Por CHIANCA DE GARCIA

ANGÚSTIA — 1

ESTOU pensando em você, leitor, e nos problemas que ainda pode encontrar na sua existência. Em que ano nasceu? Não, não precisa responder. Basta só reflectir. Se, ao chegar o ano 2000, você ainda estiver na casa dos cinquenta deve considerar-se um super-homem. Isto pelo papel que lhe vai caber, directa ou indirectamente, no desmonte do espectáculo tragicómico em que vivemos, para, depois, contribuir para a encenação do grande Mistério que será o mundo de amanhã. Ah, leitor, como eu o invejo...

ANGÚSTIA — 2

Deixando de lado os sem-imaginação, os comprometidos, os que consideram imutáveis as convenções que por outros, não por nós, foram pacientemente erguidas com as pedras de outras pirâmides que não as do Egipto...

Sim, tudo se conjuga para nos prevenir de que a época em que estamos chegou ao fim. E de tanto ouvir que o mundo de hoje é um labirinto onde o homem se perde nos becos-sem-saída das drogas, do álcool e do sexo — de tanto me entristecer lendo o que o comandante Cousteau prevê ao anunciar o fim do Mar, esse mar contaminado onde o equilíbrio desapareceu com o surgimento da civilização industrializada — de tanto me debruçar nos auditórios, escutando os cientistas afirmarem, com ironia, que, se há possibilidade de um homem viver no meio de arsénico e fósforo, respirando anidrido carbónico, e comendo lixo, é bom que esse homem surja já, pois a actual *civilização não assegura a nossa sobrevivência* — sim, depois de crer em tudo isto, eu, como você, leitor, temos de acreditar que algo de novo tem de suceder sobre a face da Terra...

ANGÚSTIA — 3

Isto, no entanto, dentro de mim, exige lutas, renúncias, acima de tudo renúncias! — em longos debates em que intervêm as minhas incertezas, os fantasmas que na hora em que escrevo (três da madrugada) rondam sinistramente nesta rua onde moro... Eles..

ANGÚSTIA — 4

... e então, vendo luz acesa na minha janela, resolvem subir nos ombros uns dos outros, trepando até ao meu décimo sétimo andar, onde o mais audaz, saltando o parapeito, na sua aparência inconsutil, logo me fustiga com um palavão...

— Que é que há? — indago.

— Está sonhando com o ano 2000, meu chapa?

— Olha que o mundo vai acabar!

E todos enchendo esta minha sala exígua começaram gritando o que, há muito, não sei que pequeno Diabo andava sussurrando aos meus ouvidos:

— És tu, são vocês todos, os vivos, os em carne-e-osso, que vão dar cabo do mundo!

E riam, riam às gargalhadas.

— Ainda acreditas, boboca, na eternidade da literatura, das artes, do teatro? Pois, velho, tudo está chegando ao fim...

— Já ouviste o que dizem os sábios em seus seminários de pânico?

— Escuta este: — O mundo dentro em pouco irá virar um imenso deserto, no qual o homem, por sua própria culpa, terá criado condições que impeçam a sua sobrevivência...

— Sim, exactamente, como ocorreu na Mesopotamia, berço da civilização, ontem «celeiro do mundo» hoje um deserto imprestável...

— Vocês renunciaram às próprias qualidades essenciais. Aceitaram perder a espontaneidade. Entregaram a própria autonomia. Passaram a agir mecânicamente. Renderam-se a essa força diabólica que se chama comunicação-de-massa que dia a dia, hora a hora, tende a modelar as pessoas num único tipo, o rebanho universal...

— Vocês não souberam reagir à mecanização, que acabará destruindo os mais audaciosos computadores electrónicos...

— Mas quem são vocês, afinal?— indaguei

— Somos os fantasmas que você próprios criaram. Somos os fantasmas envolventes, sufocantes, translúcidos, mas ameaçadores. Somos o vosso Remorso O remorso que os acusa da destruição de tudo que encontraram na Natureza...

— Fora, fora, Vocês estão destruindo a terra que era tão bonita, as florestas, a paisagem, o mar, um pastor tocando na sua flauta uma canção de amor...

— Idiotas, idiotas, vocês são apenas uns napoleõezinhos fracassados...

De repente batidas violentas na porta. Com toda aquela barulheira a vizinhança chamara a polícia

— Abram, em nome da lei.

Numa revoada os fantasmas desapareceram. Fui abrir. Rostos atónitos olhavam o corredor. E só me viram a mim, assustado, esquálido, tremendo, como se acordasse (e era mentira) de um terrível pesadelo...

SEGUNDA BADALAÇÃO

— Não pode contar coisas mais bacanas, mais cariocas? Está desejando você, não é, leitora?

— Pois tem razão. Olhe, esta semana tive uma surpresa gozada. Tempos atrás eu morei na Barra da Tijuca (o leitor veterano sabe disso). Para chegar lá existem raros e poucos caminhos. Mas tem um, por entre a mata cerrada, na encosta da serra, onde, aqui e ali, surgem pitorescas minipovoações formadas por barracos tal como os pintavam, em cores vivas, como foi moda, os discípulos de Mestre Cândido Portinari. Numa delas, porém, frequentei por curiosidade o *Águia Futebol Clube*. Mas aqui o *futebol* funciona como título honorífico, do mesmo jeito que, em outros lugares, se usa, por exemplo, *Águia Imperial Clube*. No *Águia Futebol Clube*, na estrada do Tombá, na encosta do morro do Vidigal, o *futebol* vale como *pedra-de-armas*, como *brasão*. Pelo menos assim o entendeu, *seu* Zé Silva, fundador e presidente do pequeno grémio, destinado exclusivamente a funções dançantes que se realizam às quintas e sábados, fora as vesperais domingueiras, isto no melhor estilo das gafieiras cariocas. Dono de boa prosa *seu* Zé da Silva, além de narrar o folclore da área, ainda me oferecia a batida da sua invenção, aliás, bem gostosa, denominada *Abelha Rial*.

SORRISO — 2

Bem, isso foi há dois anos. Sexta-feira passada, por acaso, tive de voltar à Barra. Quis, na volta, o *chofer* do *taxi* trazer-me por essa estrada difícil de São Conrado. Aceitei. E qual não foi o meu espanto ao chegar às imediações do *Agua Futebol Clube*, deparando com um montão de carros particulares.

E que estava escutando? O que enchia a praciinha vindo dissonantemente daquele reduto do samba? O samba nascido nos dedos ágeis dos violeiros do tempo do Sinhô? Ou o samba moderno nos ritmos do Paulinho da Viola? Não, leitora. Daquele grémio que eu conhecera tradicionalista, irrompia o som aliciante e *pop* dos *Beatles*. Ou era dos *Rolling Stone*? Enganavam-me os ouvidos? Não.

SORRISO — 3

E agora, leitora, repita o meu espanto. Lá dentro encontrei, é certo, o mesmo crioleu de outros carnavais. Mas quem dançava com eles não eram as morenas e mulatas da patota local. O que enchia a sala, agora perfumada a *Diors*, *Chanel* e outras essências granfinas, era uma turma de loiras, loiras no duro, jovens de olhos azuis, verde, lilás, que, nos braços da negrada, se esbaldava nos ritmos mais modernosos. E na minha frente Zé Silva, interrogava:

— Que é que há, amigão? Fundiu a cuca?

SORRISO — 4

— Como é o negócio? — indaguei.

Responde-me Jorge, um mulato, elegante, alto, bem parecido, de riso *sex*, e que é o máximo na opinião da clientela branca:

— Todos temos o nosso dia, né? As gringas descobriram o *Águia Futebol Clube*. Como? Ninguém sabe. Uma tal de Sharon veio aqui uma vez, a tiracolo de um coroa gordo e careca. O carro parara, ela desceu, entrou, e ficou toda a vida Nunca vi ninguém dançar como ela. O coroa queria dar no pé. Qual, Quis que eu a ensinasse no molejo do samba. Dançou comigo e com toda a macacada do clube. E só consentiu em ir embora quando o sol já entrava pelas janelas. Rapaz, e não é que ela nos deixou numa fossa deste tamanho? Mas uma noite voltou. Trazia um bando de outras gringas. E desde então é isto que está vendo. Não temos mãos a medir...

— Mas vêm todas as noites?

— Neca. Acabaram acertando com *seu* Silva. Têm uma noite só para elas. Às sextas-feiras só entra boneca branca...

— E as crioulas?

— Respeitam a combinação. Às quintas e sábados não deixam entrar as gringas.

SORRISO — 5

De facto, havia suecas, alemãs, holandesas, africanas do sul, sei lá que mais nesse mundo de olhos transparentes e perfumados, cabelos cor de linho. Depois *seu* Silva apresentou-me a Sharon, alta, esguia, linda de morrer...

— Porquê? — indaguei numa conversa de palavras essenciais.

— Eu gostar. Ser óptimo. Diferente, Mim frequentar Ipanema, *Flag*, *Bateau*, Copa, *Antonio's*, tudo que é bacana. Mas para dançar, nada como isto aqui. Eles são geniais. No samba. E ninguém como eles nos ritmos modernos...

— Quer dizer o seu nome?

— Não. Perderia emprego. Trabalho numa Embaixada do meu país, que não dá colher de chá a negro, entende?

SORRISO — 6

Depois falei de novo com o Jorge, mulato..

— Então, traindo o samba, bicho?

— Quê nada, o samba tá morrendo. Estes ritmos sofisticados das gringas estão tomando conta do Brasil. E quer saber? Nas noites em que as crioulas frequentam o clube até elas já acham que o samba é coisa de antigamente.

Copa, Set. de 70

Para correspondência: Rua Fernando Mendes, 28, ap. 908, Copa — G. B. Brasil.

EM BREVE: Conversa sobre livros e resposta a todas as cartas recebidas.

«Beatles»: fantasia carioca

Exclusivo / DL

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» 29 DE SETEMBRO DE 1970 N.º